

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC – SP**

Paulo Antônio Alves

*O mandamento do sábado no Decálogo.  
Um estudo exegético de Ex 20,8-11; Dt 5,12-15.*

MESTRADO EM TEOLOGIA

São Paulo  
Janeiro de 2015

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC – SP**

Paulo Antônio Alves

*O mandamento do sábado no Decálogo  
Um estudo exegético de Ex 20,8-11; Dt 5,12-15.*

MESTRADO EM TEOLOGIA

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Teologia Sistemática sob a orientação do professor Dr. Matthias Grenzer.

São Paulo

Janeiro de 2015

Banca Examinadora

---

---

---

## Resumo

O conteúdo desta dissertação é uma leitura do mandamento do sábado nas duas versões do Decálogo, Ex 20,8-11 e Dt 5,12-15. Essa leitura aponta algumas características fornecidas pelo próprio texto bíblico, enquanto estrutura do mandamento do Sábado e, oferece também algumas contribuições da Tradição Rabínica e de Teólogos Cristãos sobre esse tema central, profundo e vasto.

Ex 20,8-11 é uma formulação positiva, uma lei apodítica, uma lei/ensinamento. Não impõe práticas culturais, e sim descanso, o qual deve ser consagrado a Deus. Como em Gn 2,1-4a, o descanso do sétimo dia é explicado como um limite colocado por Deus com seu poder criativo. Como o Templo delimitava um espaço, do mesmo modo o sábado delimita um tempo e o consagra a Deus. A motivação é estritamente teológica: faz memória da criação e do descanso divino do sétimo dia: uma libertação do nada, a qual encontra no seu término um tempo santo/consagrado porque separado e, abençoado porque fecundo, cheio de vida. Essas motivações são diferentes, mas ambas participam do mesmo projeto: dar a Israel, por meio do mandamento/lei/ensinamento do Sábado um lugar de identidade vivido em um tempo separado: o sétimo dia.

Dt 5,12-15 tem como justificativa uma motivação de cunho antropológico, social e igualitário, que se estende inclusive a natureza: os animais e a terra: faz memória da libertação da terra do Egito pela ação de Deus.

Além desses dois importantes conceitos teológicos, Criação e Libertação, o mandamento do sábado veicula os conceitos de santidade, terra, povo eleito e do verbo guardar, lembrar é fazer memória atualizadora.

O mandamento do sábado é atualizado por ambas as escolas para redefinir e fundamentar a identidade de Israel à luz do evento central para sua história; a libertação da terra do Egito. Além de fundamentar a identidade, o mandamento do sábado se constitui como fonte de alimento espiritual para Israel e para a Igreja, via teologia do cumprimento e não da ruptura ou substituição. Ele foi estruturado como centro do Decálogo, em suas duas versões, também ele possuindo um centro lhe outorgando um *status* de: chave hermenêutica da Torah, coração da Aliança e das leis subseqüentes.

**Palavras chaves:** Sábado, criação, libertação, memória.

## **Abstract**

The content of this dissertation is a reading of the Sabbath commandment in the two versions of the Decalogue, Ex 20,8-11 and Dt 5,12-15. This reading indicates some features provided by the biblical text, while a structure of the sabbath commandment and also offers some contributions of the Rabbinical Tradition and Christian theologians on this central theme, so deep and wide.

Ex 20,8-11 is a positive formulation, one apodictic law, a law / teaching. It does not impose a cultural practices, but a rest, which should be consecrated to God. As in Gn 2,1-4a, the rest of the seventh day is explained as a limit set by God with his creative power. As the Temple delimited space, the same does the sabbath, delimiting a while and consecrates to God. Motivation is strictly theological: commemorates the creation and divine rest of the seventh day: a liberation from nothing, which is in its end a holy / time spent as separate and blessed because fruitful, full of life. These motivations are different, but both part of the same project: give to Israel through the command / law / teaching of the Sabbath a place of identity lived in a separate time: the seventh day.

Dt 5,12-15 is justified by one anthropological motivation, social and equal, which extends even to nature: the animals and the land: it makes memory of the liberation of the land of Egypt by God's action.

Besides these two important theological concepts, Creation and Liberation, the Sabbath commandment conveys the concepts of holiness, earth, chosen people and the verb keep, remember is to make an actualized memory.

The sabbath commandment is updated by both schools to redefine and justify Israel's identity in the light of the central event for its history; the liberation of the land of Egypt. In addition to support the identity, the sabbath commandment is constituted as a source of spiritual nourishment for Israel and the Church, through the theology of compliance and not break or replacement. It commandment was structured as a centre of the Decalogue, in its two versions, also having a centre granting it a status: hermeneutical key of the Torah, the heart of the Alliance and subsequent laws.

**Keywords:** Sabbath, law, creation, freedom, memory.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I.....	12
1 O MANDAMENTO DO SÁBADO EM EX 20,8-11 .....	12
1.1 O texto hebraico.....	12
1.2 Tradução portuguesa.....	15
1.3 Estrutura literária .....	15
1.3.1 Breve apresentação do Decálogo de Ex 20,2-17 .....	15
1.3.2 Breve apresentação do Decálogo de Dt 5,6-21.....	16
1.3.3 Macroestrutura do Decálogo .....	17
1.3.4 A motivação das leis na macroestrutura das duas versões do Decálogo .....	19
1.3.5 Três propostas de estrutura concêntrica para o mandamento do sábado .....	21
1.3.6 Outros elementos literários .....	25
1.4 Estudos histórico-teológicos.....	28
1.4.1 Leis apodíticas e casuísticas .....	28
1.4.2 Sábado: Memória, Santidade, Bênção e criação .....	33
1.4.2.1 Sábado e Memória.....	33
1.4.2.2 Sábado e Santidade.....	40
1.4.2.3 Sábado e Bênção.....	44
1.4.2.4 Sábado e Criação .....	52
1.5. Considerações finais .....	58
CAPÍTULO II.....	60
2. O MANDAMENTO DO SÁBADO EM DT 5,12-15 .....	60
2.1 O texto hebraico.....	60

2.2 Tradução portuguesa.....	63
2.3 Estrutura Literária.....	64
2.3.1 O mandamento do sábado no centro de Dt 5,6-21 .....	64
2.3.2 O mandamento do sábado em Dt 5,12-15 .....	65
2.3.2.1 Primeira proposta.....	65
2.3.2.2 Segunda proposta de estrutura concêntrica .....	69
2.3.2.3 Terceira proposta de estrutura concêntrica .....	72
2.4 Elementos histórico-teológicos.....	74
2.4.1 O sábado e o verbo: guardar: <i>shamor</i> (שמור).....	74
2.4.2 O sábado e a expressão: <i>YHWH, teu Deus</i> .....	82
2.4.3 O sábado e a expressão: <i>que te fez sair</i> .....	87
2.4.4 O sábado e a expressão: <i>como tu</i> .....	91
2.4.5 O sábado e a promessa da terra .....	92
2.4.6 O sábado: Criação e Libertação.....	94
2.5 Considerações finais .....	97
Bibliografia.....	100

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve sua motivação inicial quando percebemos as duas formas de narrar a mesma revelação sobre o mandamento do sábado. Um mesmo mandamento e duas motivações distintas: memorial da Criação do mundo (cf. Ex 20,8-11) e memorial da Libertação da terra do Egito (cf. Dt 5,12-15); uma mesma lei iniciada por dois verbos distintos: *zakhor/lembrar* ( cf. Ex 20,8) e *shamor/guardar*. (cf. Dt 5,12). Após essa primeira e fascinante impressão, descobrimos que o mandamento do sábado foi pensando teologicamente, e, por isso, quando estudado, percebe-se que ele ocupa o centro do Decálogo e, além de ocupar o centro do Decálogo; ele mesmo tem seu centro o qual se apresenta ao ouvinte-leitor de diversas formas sem, no entanto, deixar de passar a ideia central, ou seja: a diversidade se faz novamente presente sem, todavia, alterar o conteúdo central veiculado pelo mandamento do sábado, que é chamado pela tradição rabínica de a quarta Palavra, enquanto nós católicos o chamamos de terceiro mandamento, duas formas de classificar o mesmo mandamento, sendo isso reflexo de tradições do oriente e do ocidente de classificarem os Dez Mandamentos, pois o próprio texto não o faz, mesmo classificando-os em número de dez (cf. Dt 4,13).

Essa unidade e multiplicidade é uma tônica que nos encantou ao longo da pesquisa e que é possível ao leitor deste estudo observar. Após termos feito, nos dois capítulos, a apresentação do texto hebraico de ambas as versões, da sua tradução e da sua crítica textual, fizemos a apresentação da sua estrutura literária a qual nos mostrou a diversidade de se apresentar o centro do mandamento, como já dissemos anteriormente. Centro este, como mostramos, que é revelador da chave hermenêutica do Decálogo e de todas as leis que lhe seguem: o mandamento do sábado.

Nos dois capítulos procuramos apresentar como as duas versões produziram diversas interpretações dentro do judaísmo e do cristianismo, sem a pretensão de apresentá-las todas, pois são inúmeras as interpretações geradas e continuam sendo criadas. Essa constatação nos fez lembrar de duas passagens bíblicas: *uma coisa disse Deus, duas coisas escutei* (cf. Sl 62/61,12) e *um letrado no reinado de Deus parece-se com um dono de casa que tira de sua despensa coisas novas e velhas* (cf. Mt 13,52).



No primeiro capítulo, apresentamos, primeiro, a definição de lei apodítica e de lei casuística, frisando que as leis do Decálogo, e, como tal, a do sábado, são mais que leis apodíticas ou leis absolutas, elas são meta-normas, pelo fato de terem sido narradas no início da Revelação do Sinai; segundo, mostramos, ligados ao mandamento do sábado, os conceitos teológicos de: memória, santidade, bênção e Criação. Nosso comentário aqui, na introdução, não segue a ordem da dissertação, pois julgarmos ser mais prático fazê-lo assim neste momento de apresentação prévia e resumida.

Assim, ao conceito de santidade está relacionado o verbo: separar; pois, nas línguas semíticas, santo é aquilo que é separado do profano. Separar para consagrar a Deus. A novidade trazida pela Bíblia com relação ao sábado e a santidade é justamente que, enquanto para as outras religiões, ao narrar a criação do cosmos, a santidade estava ligada a um lugar separado e, portanto, santo; para a Bíblia santo é o tempo: o sábado. Tanto na Criação quanto no Decálogo, o tempo santo e consagrado, é o sábado. E isso apresentamos no texto de Ex 20,8-11 que está enquadrado pela noção de santificação/consagração no v. 8 e no v. 11. Assim como Deus santificou o dia do sábado, o ser humano é chamado a santificá-lo também.

Quando trabalhamos a bênção, o objetivo principal, após apresentar propostas de sua etimologia, e de que a concepção da bênção passa por várias etapas, constatamos que, na Bíblia, a fonte de toda bênção é o próprio Deus que é doador de vida, de fecundidade, de multiplicidade. E que, na Tradição Rabínica, a bênção tornou-se sinônimo absoluto de oração. Por meio da bênção, bendiz-se a Deus por tal e tal coisa ou dádiva. Assim, a bênção é um louvor de coração dirigido a Deus que é a fonte de toda a riqueza. Nesse sentido, o sábado é sinal de vida e louvor a Deus.

Com relação ao sábado ligado à Criação, mostramos que o próprio redator ou redatores do mandamento do sábado de Ex 20,8-11 relaciona o mandamento sabático com a Criação. Ele ou eles reenviam o ouvinte-leitor ao sétimo dia da Criação de Gn 2,1-4a. Nesse tempo, o sétimo dia, é revelada a vocação do ser humano, que, ao descansar, imita Deus, colocando um limite na sua ação que interfere no mundo criado. Desse modo, o sábado, que é começo e fim da Criação, revela um Deus que cria do nada, que descansa e chama ao descanso a sua criatura numa perspectiva universal.

Deixamos a relação do mandamento do sábado e o conceito teológico de memória por último, pois tal relação é fonte de inúmeras interpretações, como será possível constatar no texto e fora dele, quando se pesquisa esse tema. No Pentateuco, o verbo: *lembrar* é expressão do memorial como sinal que recorda a memória do ser humano e a memória de Deus. O memorial, nesse sentido, foi interpretado de duas maneiras: segundo a teologia sacerdotal, que elaborou o mandamento do sábado de Ex 20,8-11, trabalhado no primeiro capítulo e segundo a teologia deuteronomista que aparece no segundo capítulo. Mostramos que, para os autores sacerdotais, o verbo: lembrar está ligado à obediência a uma lei. É necessário realizar certos atos para santificar o sábado. No seguimento da escola sacerdotal, os sábios da tradição judaica ensinaram que a palavra: *zakhor* do v. 8 de Ex 20: *lembra-te* implica realizar certos atos para transformar o sábado em um dia consagrado. E veremos que esse verbo também está ligado a uma dimensão de futuro messiânico e que é um verbo que convida à reflexão, e a olhar o verbo sob o aspecto feminino: a rainha sábado. O último item trabalhará justamente a motivação do mandamento do sábado que se encontra em Ex 20,11 onde se estabelece uma ligação entre o mandamento do sábado de Ex 20,8-11 e o primeiro relato da Criação de Gn 1,1-2,4a. Deus, após ter criado os céus, a terra, o mar e tudo o que eles contêm descansou no sétimo dia. Nesse item ainda, os conceitos de santidade e bênção ganham destaque também.

O segundo capítulo, de modo geral, segue o esquema do primeiro: o texto hebraico, a tradução portuguesa, a crítica textual, a demonstração da centralidade do mandamento do sábado no Decálogo de Dt 5,6-21 e as três propostas de estrutura literária do mandamento do sábado que apontam para a mensagem central da qual a lei do sábado é veículo como chave hermenêutica do Pentateuco.

Em seguida, entramos nos elementos histórico-teológicos. Trabalhamos a relação do sábado com os verbos: *guardar* e *lembrar* os quais têm significados diferentes para a escola sacerdotal e deuteronomista. Enquanto o mandamento do sábado de Ex 20,8-11 utiliza o verbo: *lembrar*, o mandamento de Dt 5,12-15 faz uso, em seu início, do verbo: *guardar*. Essa diferença logo no início das duas versões já chama a atenção do ouvinte-leitor por se tratar da mesma revelação. Mostraremos que no livro do Deuteronômio o verbo: *guardar* é recorrente nas exortações que vocacionam o ser humano a observar as leis das quais Moisés é o mediador entre Deus e Israel.

No Decálogo de Dt 5,12-15, veremos que o verbo: *guardar* está relacionado ao verbo: *lembrar* que aparece em Dt 5,15 e ambos os verbos estão ligados à memória da saída da terra do Egito. É a partir dessa ligação que veremos o mandamento do sábado se revelar como símbolo da liberdade do povo. A compreensão de memória que a escola sacerdotal tem difere da que a escola deuteronomista tem, pois para esta a memória está ligada à dimensão do culto, cuja função principal é lembrar ao povo as ações de Deus, como em Dt 5,15 onde se encontra o evento histórico fundante de Israel. Já para a escola sacerdotal, a memória está ligada às ações que o israelita deve realizar diante de Deus para que, dessa forma, Deus se lembre dele e de todo Israel. Mostramos, sem esgotar, interpretações que a Tradição Rabínica fez desses dois verbos que iniciam a versão de Ex 20,8-11: *lembrar* e a versão de Dt 5,12-15: *guardar*. Entre outras interpreta o verbo: *guardar* como se referindo ao sábado como noiva de Israel e o verbo: *lembrar* como se referindo ao sábado como rainha de Israel.

Vamos relacionar o sábado com os termos: observância, reflexão, *havdalá*, liberdade, liturgia e domingo. E depois de relacionar o sábado com termos a ele ligados, vamos relacioná-lo com expressões a ele ligadas no Decálogo de Dt 5,12-15: a) *YHWH, teu Deus*; b) *que te fez sair; como tu*. Faremos também uma apresentação do sábado ligado à terra de Israel e aos dois termos principais ligados ao mandamento do sábado de Ex 20,11: Criação e de Dt 5,15: a Libertação.

Analisando o mandamento do sábado a partir dessas duas maneiras de apresentar a mesma e única revelação, mostramos, ao longo dos dois capítulos, que a mesma face do mandamento do sábado, em suas “duas maças”, deslinda ao ouvinte-leitor, que se torna escutador que medita, uma tríplice trilogia, isto é: a) sábado como memória da Criação, sábado como memória da Libertação e sábado como anúncio escatológico; b) sábado para um *tu* que é comunitário (Israel/Nações), sábado para Deus que é Adonai e Elohim: Misericórdia e Justiça: Senhor/Juiz da justiça e do direito e o sábado para a Terra/Natureza: criado livre da terra e livre morador da terra, seguidor das leis/ensinamentos que como o pão e a água alimentam e c) com o auxílio da Tradição Rabínica, sábado como *menukhá*: descanso, sábado como *shalom*: paz plena (*shabbat shalom*) e sábado com doçura e libertação do sofrimento: delícia/casamento/aliança/noivo-noiva (*oneg shabbat* cf. Is 58,13-14).

Terminamos dizendo que o domingo: dia do Senhor, o terceiro dia, primeiro da semana e oitavo dia que não se acrescenta aos sete outros dias, acolhe todos os significados do sábado judaico. Nesse modo de pensar, seria preciso ainda que a prática do domingo fosse, de modo consciente, referida ao sábado judaico: isso não significa dizer que se deva subtrair o sábado dos judeus e nem tampouco suprimi-lo da vida de ação e reflexão dos cristãos. As questões delicadas que emergem desse tema não devem impedir ou desmotivar as pesquisas em torno desse importante tema, mas, bem ao contrário, devem sim encorajá-las, pois trata-se de testemunhar ao mundo a realização de todas as coisas, que foi inaugurada pelo sábado judaico, fonte de inúmeras interpretações, e chegou ao seu cumprimento em Jesus Cristo.

## CAPÍTULO I

### 1 O MANDAMENTO DO SÁBADO EM EX 20,8-11

Assim como o Templo delimita um espaço, o mandamento do sábado delimita um tempo e o consagra a Deus. A sua motivação é estritamente teológica: a memória da Criação. Ele é formulado de modo positivo, não impõe práticas culturais e está no centro do Decálogo, possuindo ele mesmo um centro que se apresenta de no mínimo três formas. Ele afirma que Deus, o Criador descansou no sétimo dia e, portanto, o ser humano deve imitá-lo descansando também.

#### 1.1 O texto hebraico

- v. 8a זָכוֹר אֶת-יוֹם הַשַּׁבָּת
- v. 8b לְקַדְּשׁוֹ
- v. 9a שֵׁשֶׁת יָמִים תַּעֲבֹד
- v. 9b וַעֲשִׂיתָ כָּל-מְלַאכְתְּךָ
- v. 10a וַיּוֹם הַשְּׁבִיעִי שַׁבָּת לַיהוָה אֱלֹהֶיךָ
- v. 10b לֹא-תַעֲשֶׂה כָּל-מְלָאכָה
- v. 10c אַתָּה וּבִנְךָ-וּבִתֶּךָ עַבְדְּךָ וְאִמָּתֶךָ וּבְהֵמָתֶךָ וְגֵרְךָ
- v. 10d אֲשֶׁר בְּשַׁעְרֶיךָ
- v. 11a כִּי שֵׁשֶׁת-יָמִים עָשָׂה יְהוָה אֶת-הַשָּׁמַיִם וְאֶת-הָאָרֶץ אֶת-הַיָּם
- v. 11b וְאֶת-כָּל-אֲשֶׁר-בָּם
- v. 11c וַיִּנַּח בַּיּוֹם הַשְּׁבִיעִי
- v. 11d עַל-כֵּן בִּרְךָ יְהוָה אֶת-יוֹם הַשַּׁבָּת
- v. 11e וַיְקַדְּשֵׁהוּ

Nos versículos de 8-11 de Ex 20 da Bíblia Hebraica Stuttgartensia (BHS), encontram-se treze variantes textuais, sendo duas no v. 8: a, b; uma no v. 9: a; sete no v. 10: a, b, c, d, e, f, g e três no v. 11: a, b, c.

Dessas treze variantes, as que mais chamam a atenção do ouvinte-leitor são justamente a primeira variante atestada pelo Pentateuco Samaritano no v. 8a que utiliza o verbo: *guardar* (שָׁמַר), em vez do verbo: *lembrar* (זָכַר); e a última variante, ou seja, a letra “c” do versículo 11, onde, em vez do pronome sufixado no singular: (וַיִּקְדָּשׁוּ); é atestado pelo Papiro de Nash um pronome sufixado no plural: (וַיִּקְדָּשׁוּ).

a) v. 8: a

A primeira variante desse versículo se reporta ao Pentateuco Samaritano. Este não faz uso do verbo: *lembrar* (זָכַר), verbo que está no infinitivo absoluto, cuja função sintática é acusar a presença de um imperativo; forma verbal que confere ao verbo uma ordem invariável em todos os tempos<sup>1</sup>. Mas, no Pentateuco Samaritano, o verbo que aparece é *guardar*: (שָׁמַר). Isso significa dizer que esse verbo veicula, de um lado, a mesma função gramatical, ou seja, um infinitivo absoluto, fazendo as vezes de um imperativo e, de outro, difere em conteúdo semântico e teológico do verbo: *lembrar*.

A letra “b” segue o Código de Leningrado B 19<sup>a</sup> e também muitos manuscritos hebraicos da Idade Média.

b) v. 9: a

A letra “a” segue o Código de Leningrado B 19<sup>a</sup> e também muitos manuscritos hebraicos da Idade Média.

c) v. 10: a, b, c, d, e, f, g

A letra “a” atesta que no Papiro de Nash, em poucos manuscritos hebraicos medievais, na Septuaginta e na Vulgata, em vez da expressão: “e o dia” (וַיּוֹם), aparece a expressão: “e no dia” (וַיּוֹמֵם).

<sup>1</sup> Cf. D. DE LA MAISONNEUVE, L'hébreu biblique par les textes, p.73.

Já a letra “b” atesta que o Papiro de Nash, a Septuaginta, a Peshitta e a Vulgata acrescentam a expressão: “no” (בַּהּ), relativa ao sábado.

Enquanto que a letra “c” atesta que em um fragmento hebraico da Guenizá do Cairo, em muitos manuscritos hebraicos medievais, na Septuaginta, na Peshitta e no Targum (*codex manuscriptus*) existe o acréscimo da conjunção aditiva: “e” (וְ), conjunção esta que não aparece no Texto Massorético (TM). Tal variante pede ainda para que seja conferido o Targum do Pseudo Jonathan e o Targum Palestinense segundo P. Kahle.

Na letra “d”, é atestado que o Papiro de Nash e a Septuaginta seguem Dt 5,14.

A letra “e” atesta que o Pentateuco Samaritano e o Targum Pseudo-Jonathan não utilizam a conjunção: “e” (וְ).

A letra “f”, por sua vez, atesta que, na Septuaginta, as duas palavras que estão entre os dois “fs” aparecem assim: παροικῶν ἐν σοί.

E a última letra desse versículo 10, a letra “g”, pede para que sejam conferidos o Código de Leningrado B 19<sup>a</sup> e outros tantos manuscritos hebraicos medievais.

d) v. 11: a, b, c,

A letra “a” atesta que em muitos manuscritos medievais, na Septuaginta, na versão Siríaca, no Targum (*codex manuscriptus*), no Targum Palestinense de P. Kahle e na Vulgata aparece o acréscimo de uma conjunção aditiva mais uma partícula indicando um complemento objeto direto: (וְאֵל).

A letra “b” atesta que no Papiro de Nash, na Septuaginta e na versão Siríaca, em vez de: “o sábado” (הַשַּׁבָּת), está presente: “o sétimo ‘dia’” (הַשִּׁבְעִי).

E, por fim, a letra “c” atesta que no Papiro de Nash, em vez de: “o santificou” (וַיְקַדְּשֵׁהוּ), traz um plural: “e os santificou” (וַיְקַדְּשֵׁוּ).

Destarte, o aparato crítico de Ex 20,8-11 não apresenta nenhuma variante que tivesse a força de alterar substancialmente a compreensão do texto. O que se percebe, na crítica interna, é justamente a tentativa de pequenos ajustes para o texto. Salvo duas lições, a variante do Papiro de Nash que se encontra na letra “c” do versículo 11, que atesta, em seu pronome sufixado, um plural da palavra *sábado*, o qual está no singular no TM; e a

variante proposta pelo Pentateuco Samaritano que escolheu o verbo: *guardar* (שמור), que é a opção feita pelo Decálogo de Dt 5,12, em vez de: *lembrar* (זכור).

## 1.2 Tradução portuguesa

- v. 8a *Lembra-te do dia do sábado,*
- v. 8b *para santificá-lo.*
- v. 9a *Seis dias, servirás*
- v. 9b *e farás todo o teu trabalho,*
- v. 10a *mas o sétimo dia será sábado para o Senhor, teu Deus!*
- v. 10b *Não farás nenhum trabalho –*
- v. 10c *tu, teu filho, tua filha, teu servo, tua criada, teu gado maior e teu imigrante,*
- v. 10d *o qual está entre teus portões.*
- v. 11a *Porque, durante seis dias, o Senhor fez os céus, a terra e o mar,*
- v. 11b *e tudo o que há neles.*
- v. 11c *No sétimo dia, porém, repousou.*
- v. 11d *Eis porque o Senhor abençoou o dia do sábado*
- v. 11e *e o santificou.*

## 1.3 Estrutura literária

### 1.3.1 Breve apresentação do Decálogo de Ex 20,2-17

O Decálogo de Ex 20,2-17 é um texto legislativo, cuja introdução é de cunho narrativo (cf. Ex 20,1-2). Ele interrompe a narração do encontro do Senhor e de Moisés no



monte Sinai. Uma transição brusca precede a introdução discursiva do Decálogo<sup>2</sup>: Ex 19,25...Ex 20,1a.

Em Ex 20,17, fim do Decálogo, o discurso de Deus termina; e Ex 20,18 retoma a narração na continuidade de Ex 19. Essa estrutura narrativa, ao interpolar o Decálogo, vai antecipá-lo ao Código da Aliança que começa em Ex 20,22. A inserção do Decálogo, nesse lugar preciso da perícopes do Sinai, outorga a ele um papel de chave hermenêutica do conjunto dos textos legislativos que o seguem, dando-lhe, por ser um discurso direto de Deus, um *status* de autoridade máxima que diz respeito tanto ao conteúdo da lei quanto à sua compreensão<sup>3</sup>. Em Ex 20,2-17, o destinatário do discurso não é mais Moisés, contrariamente a Ex 20,22, mas é o povo de Israel que é apresentado na segunda pessoa masculina singular: *tu*.

No Decálogo, a ausência de referência cronológica e topográfica lhe confere um estatuto particular, que lhe dá uma validade a qual transcende todo lugar e toda época.

### 1.3.2 Breve apresentação do Decálogo de Dt 5,6-21

O Decálogo de Dt 5,6-21 está situado no começo do segundo discurso de Moisés que vai até o capítulo 11 e que forma uma espécie de longo prefácio ao Código Deuteronomico: 21,1-26,15. Assim como Ex 20,2-17, Dt 5,6-21 também foi inserido no quadro da teofania que agora passa a se chamar teofania do monte Horeb; a sua inserção aparece mais adaptada ao contexto, pois 5,22 faz alusão às palavras do Decálogo que lhe antecedem. Mas, mesmo assim, encontra-se entre o que vem antes e depois do texto do Decálogo de Dt 5 uma desconexão, pois em 5,1-5 e o que segue em 5,22 são narrativas no plural. Nelas Moisés se dirige ao povo, dizendo ora: *vós* e ora: *nós*; enquanto que o Decálogo está escrito com a segunda pessoa do singular: *tu*. Contudo, é importante frisar, a posição que ele ocupa, ou seja, início do segundo discurso de Moisés outorga-lhe uma autoridade particular, como expressão da vontade de Deus.

<sup>2</sup> Atualmente é tendência geral entre os exegetas de atribuir a presença do Decálogo na perícopes do Sinai: Ex 19-24 à atividade de um ou mais autores-redatores-teólogos, por causa da brutal ruptura literária entre os capítulos 19 e 20 do livro do Êxodo e de várias considerações que foram tecidas sobre a história do texto.

<sup>3</sup> Cf. O. ARTUS, *Les lois du Pentateuque*, p. 30.

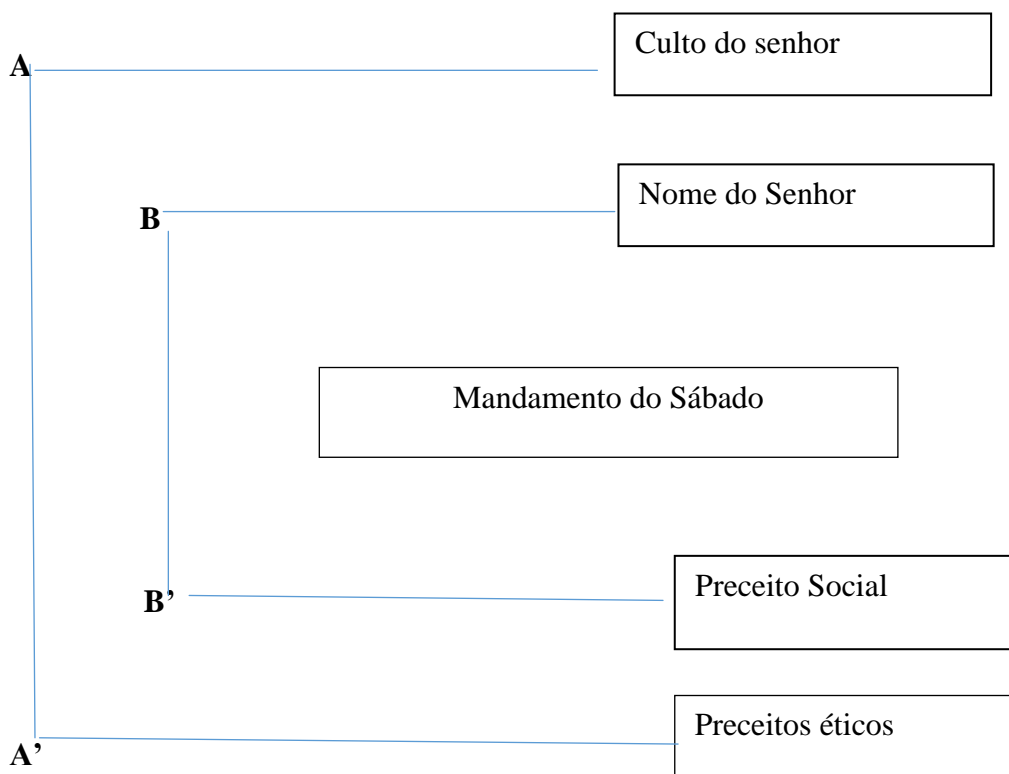
Assim, a posição que o Decálogo ocupa, nas duas versões, já é indicativo de que ele é lei fundamental Israel e dele as outras leis dependem. Por isso, é de suma importância fazer essa observação, logo no início, pois ao mostrarmos que o mandamento do sábado ocupa o centro do Decálogo, queremos dizer com isso que ele não é somente a chave hermenêutica para se ler o Decálogo, mas também todas as leis que lhe seguem, e também as narrativas. O mandamento do sábado é a chave que abre o Pentateuco. E nosso objetivo é mostrar sua importância nas duas versões do Decálogo, fazendo apenas alusões a outros textos do Pentateuco nos quais ele desponta como sol iluminador.

### **1.3.3 Macroestrutura do Decálogo**

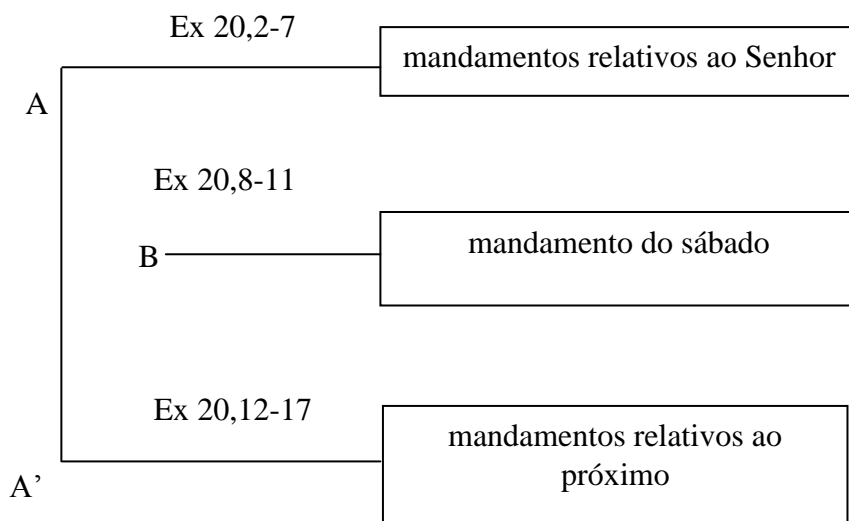
Os redatores/narradores das duas versões não somente assinalaram para a importância do Decálogo, em suas duas versões, colocando-os no início da revelação divina, como também vai se servir de um recurso literário chamando de estrutura concêntrica, a qual transporta o ouvinte-leitor atento justamente ao centro do texto, que se mostra como a base da qual se deve partir para adentrar no texto e, ao mesmo tempo, é o solo fecundo gerador de inesgotáveis interpretações. Só gostaríamos de deixar aqui registrado, que não encontramos, em nenhum autor por nós lido, a indicação de que essa técnica é criação própria dos autores inspirados da Bíblia ou se eles se serviram desse recurso literários das culturas circo-vizinhas.

Na macroestrutura do Decálogo, em suas duas versões, são encontradas duas grandes diretrizes: a vertical e a horizontal. Estas se cruzam justamente no mandamento do sábado, disso decorre a afirmação de que o mandamento do sábado é o seu coração. Eis duas propostas de macroestrutura:

a) primeira proposta:



b) segunda proposta:



As duas propostas de macroestrutura do Decálogo revelam ao ouvinte-leitor que o mandamento do sábado funciona como o “nó” que liga as duas partes do Decálogo: a vertical e a horizontal, isto é, os mandamentos relativos ao Senhor e os relativos ao próximo. E essa centralidade literária necessariamente anuncia o elemento teológico do qual se deve partir para se compreender o conjunto de leis aos quais ele está ligado; e vai influenciar as leis subsequentes das quais o Decálogo é a “cabeça” ou o “texto-gancho”<sup>4</sup> que serve para unir o Pentateuco e interpretá-lo.

#### 1.3.4 A motivação das leis na macroestrutura das duas versões do Decálogo

Não teria sentido apenas apresentar a disposição estrutural da macroestrutura do Decálogo sem apontar também a sua motivação, pois a estrutura elaborada teologicamente que encontramos no Decálogo só foi possível graças àquilo que é veiculado pela introdução em sua motivação, onde o próprio Deus, que antes de dar as suas leis, lembra ter sido ele o libertador de Israel e que agora é o doador das leis<sup>5</sup>, que têm início com os Dez Mandamentos ou Dez Palavras<sup>6</sup> Desse modo, compreende-se que a teologia transmitida pela Bíblia brota da história vivida e contada e não de uma elaboração meramente pensada e aplicada posteriormente ao povo.

A motivação das leis que estão no Decálogo, e das leis subsequentes a ele, é definido, de modo explícito, no início de suas duas versões: *Eu sou o Senhor teu Deus, que te fez sair da terra do Egito, da casa da servidão* (cf. Ex 20,2; Dt 5,6). Nesse início, Deus , repetimos o que dissemos acima, recorda ao povo que ele o libertou das mãos do Faraó com o seu braço forte estendido, e isso de modo narrativo, cuja função é contar o acontecimento histórico operado por Deus. Tanto o Decálogo de Ex 20,2-17 quanto o de Dt 5,6-21 começam com essa breve e densa recordação da história da salvação. Essa motivação está formulada, portanto, de modo narrativo e o relato segue com prescrições de

<sup>4</sup> Cf. O. ARTUS, *Aproximación actual al Pentateuco*, p. 58.

<sup>5</sup> Novidade trazida pela texto bíblico, pois antes não era os deuses que faziam as leis. Eles apenas as confirmavam.

<sup>6</sup> O judaísmo consagrou o termo Dez Palavras em vez de Dez Mandamentos. Ele conta como sendo a Primeira Palavra justamente a introdução do Decálogo, que, por sua vez, é palavra grega que significa: Dez Palavras ou Pronunciamentos. Nesse sentido, tais leis têm sua origem “no interior” de Deus que do seu sopro, do seu “interior”, criou o ser humano.

ordem legislativa que não podem ser esquecidas e que devem ser vividas no dia a dia (dimensão ético-moral) e celebradas (dimensão religiosa ou cúlrica). Os dois Decálogos, portanto, articulam elementos narrativos e legislativos. Isso é importante frisar porque essa estrutura literária, na qual ele foi tecido, é um espelho que reflete a estrutura literária de todo o Pentateuco. Tal constatação implica necessariamente na seguinte afirmação: as leis do Decálogo decorrem da história da salvação, e mais, não só as leis contidas no Decálogo, mas todos os enunciados legislativos que estão no Pentateuco têm como motivação as tradições narrativas de Israel<sup>7</sup>. E o êxodo, como ato salvífico, por excelência, além de lançar luzes nos Dez mandamentos, dá sentido a todas as demais leis.<sup>8</sup>

A constatação da inter-relação entre a história da salvação, que se torna narrativa, e as leis, que dela decorrem, e se estruturam em códigos legislativos, tem necessariamente implicações teológicas. Ou seja, os relatos expressam a fé comum de Israel e essa fé vai encontrar a sua realização somente com o advento da lei. Esta será vivida e manifestada em duas esferas: na ético/moral ou no agir cotidiano e na celebração do culto ou trabalho litúrgico, que tornam o agir no tempo e no espaço santos, abençoados. Portanto, Israel se nutre de duas fontes ou de dois terrenos: o culto e a lei. Isso se dá em um processo que é o projeto do Êxodo do qual o mandamento do sábado é uma chave hermenêutica imprescindível<sup>9</sup>. Chave esta que abre a compreensão das leis e das narrativas mais relevantes.

Para o Pentateuco, o agir ético e a celebração do culto são inseparáveis, como visto acima. Essa constatação aparece na sua macroestrutura, onde as leis relativas à proibição da idolatria e o mandamento do sábado se articulam, vertical e horizontalmente, para formar um único conjunto normativo. De modo semelhante, essa mesma constatação é verificada nos outros diferentes códigos legais: o Código da Aliança - CA (Ex 20,22-23,33), o Código Deuteronomico – CD (Dt 12-26) e o Código Sacerdotal – CS (Lv 17-26), nos quais são encontradas articulações entre as prescrições cúlricas e as leis de cunho ético.

---

<sup>7</sup> Cf. O. ARTUS, *Aproximación actual al Pentateuco*, p. 58.

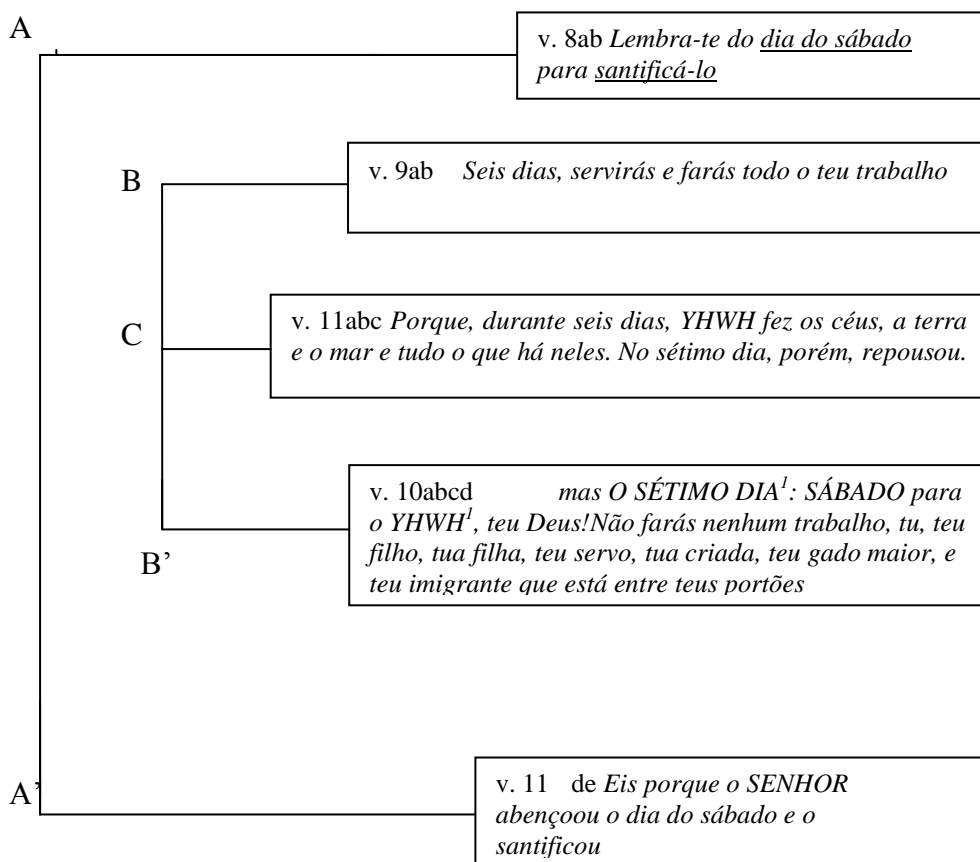
<sup>8</sup> Cf. F. G. LOPEZ, *El Decálogo*, p. 52.

<sup>9</sup> Cf. F. G. LOPEZ, *El Decálogo*, p. 27.

### 1.3.5 Três propostas de estrutura concêntrica para o mandamento do sábado

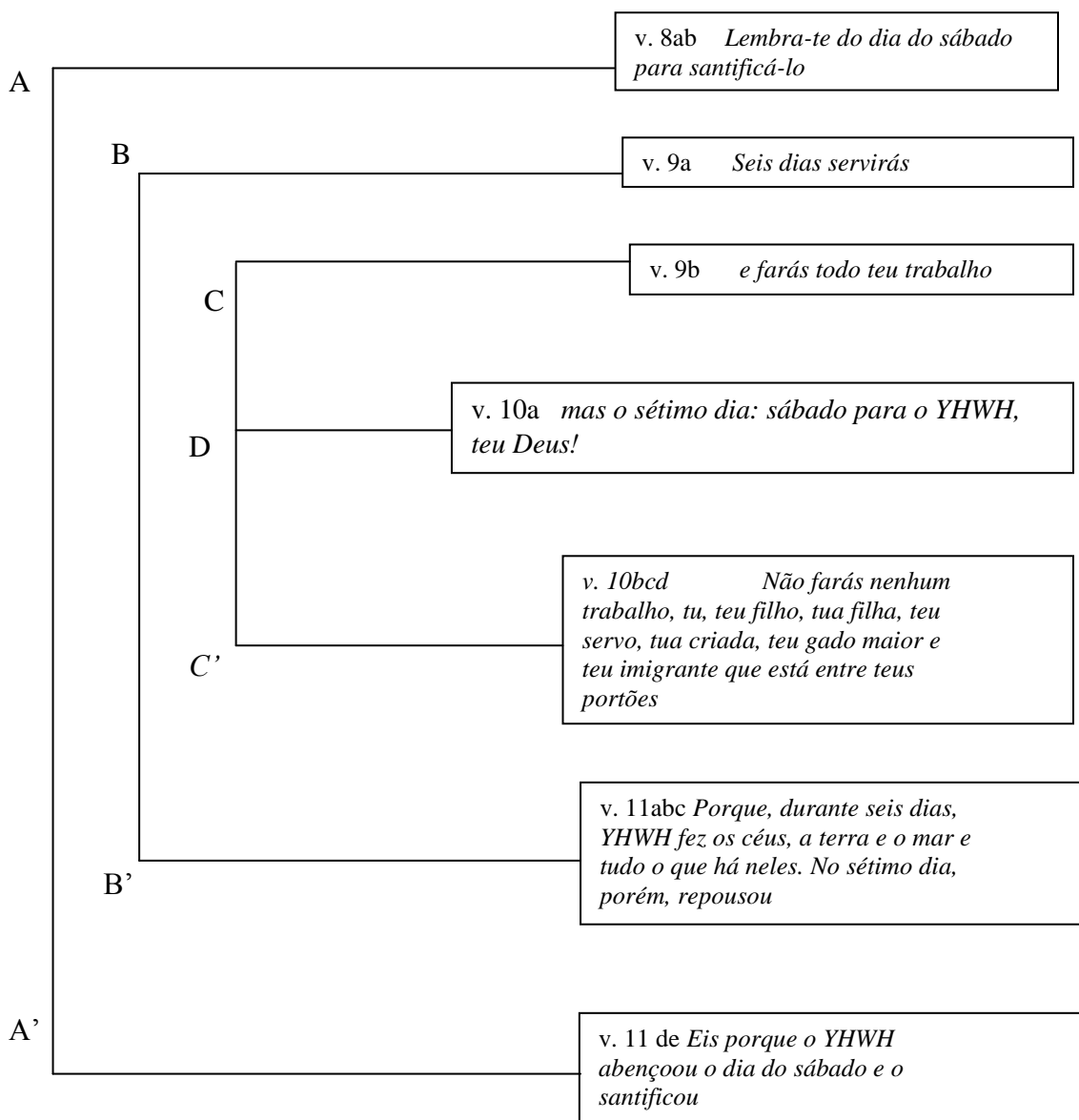
Como vimos, as duas versões do Decálogo, por estarem no início da revelação divina e serem elas dadas diretamente por Deus, conferem ao conjunto dos Dez Mandamentos um efeito de lei máxima, que não é meramente norma, mais vai além, é uma meta-norma. Além disso, uma lei dentre elas será o pivô central de todas as dez, fazendo a articulação entre elas e se revelando como fonte de inúmeras interpretações que já surgem no início de cada uma das versões, em suas motivações próprias, como veremos adiante; e na diversidade de se mostrar o centro do Decálogo de mais de uma forma, sem, todavia, perder o centro da estrutura, como veremos agora, unicamente com o mandamento do sábado de Ex 20,8-11 e posterior, no segundo capítulo, com o mandamento sabático de Dt 5,12-15.

a) primeira proposta:



Segundo esta primeira proposta de estrutura concêntrica, o centro ou coração do mandamento de Ex 20,8-11 está no v. 10abcd, onde o mandamento articula o amor a Deus: *sábado para YHWH, teu Deus* (v. 10b), que se refere à dimensão vertical, e o amor ao próximo: *não farás nenhum trabalho, tu, teu filho, tua filha, teu servo, tua criada, teu gado maior, e teu imigrante que está entre teus portões* (v. 10cd), que chama a atenção do ouvinte-leitor para a dimensão horizontal. Deus descansa no sétimo dia e, de igual modo, o dono casa, juntamente com aqueles que a ele estão ligados pelo trabalho executado do dia primeiro ao sexto dia e que no sábado é interrompido por ordem divina.

b) segunda proposta:



As molduras externas da estrutura concêntrica: A/A' estão relacionadas em sua forma e conteúdo e entre elas está o centro: *mas o sétimo dia: sábado para o YHWH, teu Deus!* (Ex 20,10a). A/A' destacam a expressão: *o dia do sábado*, que aparece no centro como sinônimo de sábado, ou seja: *o sétimo dia*. O sétimo dia é o oposto dos outros seis dias da semana que aparecem nos marcos B/B'. Nos marcos C/C', é estabelecido, de modo semelhante, um contraste entre o trabalho realizado nos seis dias e o repouso do dia do sábado, no qual YHWH descansou e para o qual o ser humano é chamado a imitar o Criador, que cessa sua obra criadora.

No mandamento do sábado, encontra-se uma série de paralelismos. No início: A e no fim: A' da estrutura concêntrica existe um paralelismo simétrico. O primeiro membro do paralelismo indica uma regra de ação: *para santificar* e o segundo membro, a ação realizada por Deus que o hebreu deve seguir. Assim o paralelismo destaca a ordem dada por Deus e a ação que Deus realizou: ao santificar o sábado, que é lembrado, o hebreu e sua casa agem à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,26-27).

A mensagem veiculada nos marcos A/A' é continuada nos marcos seguintes, mais internos: B/B', em um paralelismo também simétrico: seis dias o hebreu e sua casa devem trabalhar porque em seis dias Deus trabalhou. Em B/B' são postos em paralelo o agir do hebreu e sua casa e do Deus Criador pela conjunção explicativa: *“porque”* cuja função é justificar o agir humano por meio da ação divina. Porque Deus agiu assim, também o ser humano dever agir de igual modo.

A estrutura concêntrica continua, mais internamente ainda, mostrando um outro paralelismo, este agora contrastante: C/C': o hebreu e sua casa, antes do sábado, devem trabalhar: C e no sábado não devem trabalhar e sim descansar: C'.

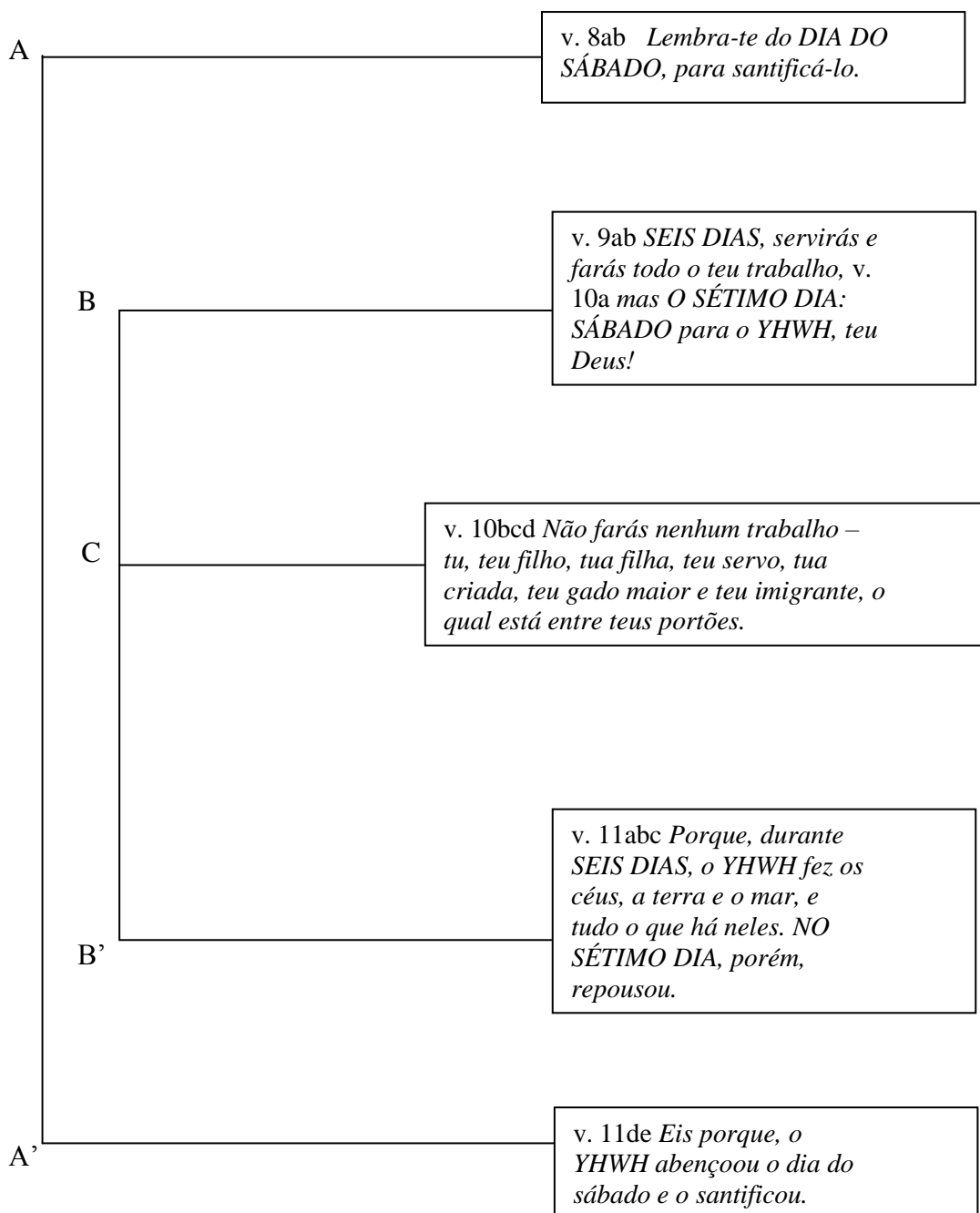
No centro da estrutura: D, surgem, de um lado, um paralelismo simétrico com: A/A', C' e, de outro, assimétrico com: B, C, B', ou seja: o sábado é dia de descanso e não de trabalho e os dias da semana são dias para se trabalhar.

c) terceira proposta:

A terceira proposta apresenta uma alternância entre as palavras que estão relacionadas a Deus com aquelas que se encontram relacionadas com o ser humano, tal



como as outras duas propostas acima. A diferença dessa terceira proposta está justamente em fornecer como miolo da estrutura não o v. 10abcd, como a primeira proposta, e nem o v. 10a, como a segunda, mas sim o v. 10bcd, que destaca o ser humano sem distinções e inclui os animais. Eis a estrutura como segue:



Essa estrutura concêntrica coloca em paralelo a atividade humana: A/B e atividade divina: A'/B'. Emerge um princípio teológico-religioso: o ser humano é vocacionado a agir como Deus age. Essa estrutura aponta uma dinâmica vertical de *imitatio Dei*, ou seja,

santificando o dia do sábado, o ser humano se torna aquilo que ele é: imagem e semelhança de Deus. Os marcos mais internos e próximos do centro: B/B' se correspondem nos temas dos seis dias e do sétimo dia nos v. 9ab-10a/11abc. No centro dessa proposta de estrutura, está o v. 10b que anuncia um prolongamento do mandamento do sábado a todo o povo, aos animais e ao imigrante. Esse miolo chama a atenção para o *motus* horizontal de onde brota uma atitude ética. Essa apresentação faz o ouvinte-leitor se lembrar da macroestrutura do Decálogo em suas duas diretrizes: vertical e horizontal. A respeito dessa inter-relação entre o Decálogo e o mandamento do sábado, eis o que diz Garcia Lopez:

Desse modo, portanto, inculca-se uma atitude religiosa e um comportamento ético, situando YHWH no começo; o próximo no fim e no meio (20,7-12), os dois: YHWH e o próximo em uma espécie de unidade indivisível. Tal é a força do decálogo, visto em seu conjunto como unidade. Onde o “eu” de YHWH não deve estar separado do “tu” do próximo, pois ambos constituem o ponto de referência fundamental das obrigações do israelita a quem o decálogo se dirige.<sup>10</sup>

Portanto, de um lado, o Nome (v. 7), que na Bíblia, significa a própria pessoa, e aqui, no caso: o Senhor, o Criador sem início e, de outro lado, a família (v. 10b. 12), criatura com início e continuidade na história. Essas duas diretrizes: vertical e horizontal encontram novamente seu “nó” de ligação no mandamento do sábado que foi apresentado de três formas na sua microestrutura, pois “no pensamento bíblico, tanto ao sábado como ao Nome de Deus, se une a ideia de ‘santificar’ e ‘profanar’”<sup>11</sup>, sendo que a família é o primeiro lugar onde se revela a imagem de Deus no agir ético e cúltilo.

### 1.3.6 Outros elementos literários

#### a) os verbos

Na estrutura literária do mandamento do sábado, encontram-se quatro ações verbais na forma imperativa: três imperativos afirmativos e um imperativo negativo: v. 8: *lembra-te*, v. 9a: *servirás*, v. 9b: *farás* e v. 10b: *não farás*; e outras cinco ações verbais: *santificar/santificou* (v. 8b; v. 11e), este verbo aparece no início no infinitivo e no fim da estrutura, no pretérito perfeito, portanto, duas vezes, mas semelhantes, não idênticos, pois o

<sup>10</sup> F. G. LOPEZ, *Le Décalogue*, p. 22.

<sup>11</sup> F. G. LOPEZ, *Le Décalogue*, p. 23.

modo verbal não é igual; *fez* (v. 11a), aparece uma segunda vez, já aparecera no v. 9b, também variando no modo; *repousou* (v. 11c) e *abençoou* (v. 11d), todos no pretérito perfeito. Essa forma de estruturar os verbos apresenta um novo paralelismo: ações que devem ser feitas, como ordena o mandamento ao ser humano em paralelo às ações que foram realizadas por Deus. Essa forma de apresentar os verbos é o que determina a identidade do sábado. Os verbos relativos ao sábado, e que se dirigem ao ser humano, são quatro ações: *lembrar*, *santificar*, *não fazer* e *repousar*, e estas devem ser executadas, podendo ou não serem realizadas, pois dependem da liberdade humana que é uma prerrogativa recebida de Deus. No v. 9, os verbos: *servir* e *fazer* falam de um mesmo agir o que dariam quatro verbos. Os verbos relativos a Deus, a partir do v. 11, estão todos no modo indicativo e são quatro ações, sendo todas realizadas: Deus fez tudo, Deus repousou no sábado, Deus abençoou o sábado e Deus santificou o sábado. Portanto, ações que foram realizadas e que o ser humano é chamado a realizar por ser imagem e semelhança de Deus, quer nos seis dias da semana, quer no dia do sábado.

#### **b) lista de pessoas e animais**

A estrutura literária em Ex 20, 10 cita uma lista de pessoas e animais: tu, filho, filha, servo, criada, gado maior, imigrante, com uma insistência no pronome pessoal possessivo: teu, tua. Apresentando diversas categorias:

- ✓ tu e tua família: teu filho, tua filha. O texto não menciona a esposa. Segundo Beauchamp<sup>12</sup>, a esposa não aparece aqui porque o papel da esposa é, sem dúvida, menos subordinado.
- ✓ teu servo, tua criada, teu gado maior e teu imigrante. Para Ouaknin<sup>13</sup>, o que surpreende nessa lista é a presença do servo que, nessa época, era considerado abaixo do animal e condenado a um trabalho contínuo. Essa menção ao servo mostra que essa lista é fruto maduro da experiência de libertação por que Israel passou, quando era estrangeiro no Egito. Nessa lista, Deus se dirige a Israel como Libertador. Por essa razão, o mandamento não exclui do descanso sabático nem o servo, nem o imigrante e nem o animal de tração.

<sup>12</sup> Cf. P. BEAUCHAMP, *L'un et l'autre Testament*, p. 303.

<sup>13</sup> Cf. M-A. OUAKNIN, *Les Dix Commandements*, p. 87.

Assim, o tempo do sábado, tempo de descanso, abre espaço para o próximo e cria uma espécie de “lugar separado” para uma relação de gratuidade entre iguais. E, ao mesmo tempo, que o sábado cria um “lugar distinto-separado-santo”, onde a liberdade diz respeito a todo ser humano e a toda criatura pelo cessar do trabalho, ele é vivido para unificar aqueles e aquilo que nos seis dias é separado.

### **c. extensão e formulação do mandamento do sábado**

O que primeiro chama a atenção no mandamento do sábado em Ex 20,8-11 é justamente a sua grande extensão. Ele é formado por cinquenta e cinco palavras no TM, enquanto que o mandamento que proíbe a idolatria, que também é extenso, contém quarenta e quatro palavras: Ex 20,4-6 (TM). O mandamento do sábado sozinho ocupa um terço do Decálogo. O segundo elemento a chamar a atenção, em se tratando da construção formal do mandamento do sábado, é justamente que ele, juntamente com o mandamento dos pais, não seguem a estrutura formal dos outros mandamentos. O elemento formal mais relevante do Decálogo está na sua construção. Ele está construído a partir de um série de fórmulas que utilizam o advérbio de negação *não* (לֹא), mais a segunda pessoa do singular masculina no futuro de diferentes verbos. Doze fórmulas são assim construídas no todo, divididas de modo desigual: cinco nos v. 3-7, uma nos v. 8-12 e seis nos v. 13-17. Destas últimas, três são intransitivas, isto é, advérbio de negação mais verbo, sem complemento: v. 13-15; e as outras três, transitivas, com um ou mais complementos: v. 16-17. O verbo no futuro, precedido do advérbio de negação equivale a um imperativo. O mandamento do sábado e dos pais são construídos com imperativos positivos e não negativos como os outros. Tanto os imperativos negativos como os afirmativos são conhecidos como leis apodíticas.

Os elementos literários do mandamento do sábado de Ex 20,8-11 nos permitiram uma primeira abordagem do tema nos mostrando a importância que ele ocupa na construção do Decálogo. Os vários elementos que as três propostas de estrutura concêntrica apresentam têm a função pedagógica de conduzir o ouvinte-leitor a encontrar as raízes que sustentam o mandamento do sábado e o revelam aos ouvidos e aos olhos de quem o ouve e de quem o vê, como chave hermenêutica do Decálogo e das leis subsequentes. Agora vamos dar mais um passo para sabermos o que são leis apodíticas, a relação do sábado com a santidade, a benção e a criação.

## 1.4 Estudos histórico-teológicos

### 1.4.1 Leis apodíticas e casuísticas

O Decálogo é construído a partir de catorze fórmulas. Doze são formadas com o advérbio de negação: *não* (לֹא) mais a segunda pessoa masculina do singular do futuro de diferentes verbos. O verbo no futuro, precedido da negação, como visto acima, tem o valor de imperativo. Nesse sentido, as doze fórmulas negativas são equiparáveis às outras duas fórmulas que são afirmativas, no imperativo. Em um total de quatorze fórmulas que juntas formam todo o Decálogo. Ei-las:

1. *Não terás outros deuses diante de mim.*
2. *Não farás escultura nem imagem.*
3. *Não te prostarás diante delas.*
4. *Não as servirás.*
5. *Não proferirás o Nome de YHWH, teu Deus em vão.*
6. ***Lembra-te do dia do sábado para santificá-lo.***
7. *Não farás nenhum trabalho.*
8. ***Honra teu pai e tua mãe.***
9. *Não matarás.*
10. *Não cometerás adultério.*
11. *Não roubarás.*
12. *Não apresentarás um falso testemunho.*
13. *Não cobiçarás a casa do teu próximo.*
14. *Não cobiçarás a mulher do teu próximo.*

O mandamento do sábado e dos pais são os únicos formulados usando o imperativo afirmativo ou positivo, como comentado no item anterior.

Esses imperativos negativos e afirmativos mostram que o Decálogo articula leis de natureza diversa entre si: a) leis cultuais: interdição da idolatria e o mandamento do sábado e b) leis éticas. Como já dito, essas leis decorrem de uma confissão de fé que as motiva logo na introdução das duas versões do Decálogo: Ex 20,2; Dt 5,6. Todas essas leis do Decálogo são um discurso direto de Deus. Ele se engaja dando leis que protegem a todos e, de modo particular, os mais pobres e até os animais.

Existem dois tipos de leis no Pentateuco: a) leis casuísticas e b) leis apodícticas. Todos os mandamentos do Decálogo são apodícticos, quer sejam formulados de modo negativo ou positivo. O mandamento do sábado é uma lei apodíctica: uma injunção formulada de modo positivo.

#### a) Lei casuística

Uma lei casuística é aquela que se ocupa em dirimir: casos, como sugere a etimologia de seu nome latino: *casus*. Esses casos são acontecimentos que habitualmente acontecem numa sociedade quer seja ela pequena ou grande. A resolução desses casos é buscada a partir de princípios gerais e de acontecimentos análogos sem recorrer a um fundamento teológico. A sua formulação consiste fundamentalmente em uma proposição subordinada condicional ou temporal, chamada de *protasis*, cuja função é expor o caso. A *protasis* é seguida de uma proposição principal, onde se dá o veredicto ou sanção do caso em questão, por exemplo: “*Quando comprares um escravo, seis anos ele servirá...*” (cf. Ex 21,2). Nas leis casuísticas, às vezes, acontece de se encadearem duas ou mais *protases* para tornar o caso mais claro; este aparece em diversas circunstâncias (cf. Ex 21,18s). Elas são chamadas no Pentateuco de “*juízos*” (חֲקָוִים), que deriva da raiz verbal: “*juizar*” (חֲקַו), e, em sentido lato: conduzir, dirigir, de onde o sentido de: proteger, salvar (cf. 1Rs 8,59). O termo “*juízo*” designa frequentemente um costume ou a solução jurídica relativa a problemas empíricos (cf. Ex 21,1; 24,3); nesse sentido, essas leis são a expressão de um direito local consuetudinário, cuja função, enquanto norma, era a de regular as diferentes esferas da vida social, como as relações entre vizinhos. A noção de “*juiz*” encontrada no livro do Juízes é a ponte que possibilita encontrar o sentido primeiro da palavra. No alvorecer de uma sociedade, não se tratava tanto de direito e de suas razões para ser aplicado, mas o que se punha em questão era restabelecer ou criar uma situação de paz

entre as partes litigantes. Exemplos de leis, em uma sociedade sem autoridade política, são encontrados no CA (cf. Ex 20,22b-23,33)<sup>14</sup>. A sua formulação, como aparece no Pentateuco, é muito similar à formulação de leis do Antigo Oriente Próximo do XVIII a.C., que serviram por longos anos de modelo penal, como é o caso do Código de Hamurabi<sup>15</sup>. Essas leis não seguem uma ordem lógica, segundo os critérios dos modernos códigos penais.

Nas leis casuísticas, aparece uma tomada de consciência da complexidade da existência: todos os casos de roubo, dos prejuízos causados pelos animais, das brigas e ferimentos não o são de modo algum iguais ou equivalentes. Elas foram sendo forjadas na experiência vivida e refletida, ensinando que é mister reagir consoante cada pessoa e cada caso, segundo cada circunstância e de acordo com os efeitos de cada delito.

As leis casuísticas, que encontramos no Pentateuco, mesmo que muitas delas não agradem o hodierno ouvinte-leitor, são o testemunho de um grande esforço para se ver claro a situação do delito e encontrar para ele a solução mais justa, segundo a cosmovisão, ou melhor: “teovisão”, da época nas quais essas leis casuísticas foram elaboradas.

#### b) Lei apodítica

O adjetivo apodítico, que qualifica esse tipo de lei, tem sua origem na língua grega: aquilo que por si só já se impõe. Segundo o Novo Dicionário Aurélio, apodítico vem do grego: *αποδεικτικός*, aquilo que é demonstrável, evidente e, desse modo, necessário. Isso significa dizer, que a lei apodítica é aquela que se impõe por si só. Não se ocupa de casos particulares, pelo contrário, ela transcende o caso particular. Por transcender casos particulares, a lei apodítica é uma lei regida por um princípio teologicamente fundado, portanto, esse princípio é geral e absoluto. Como princípios gerais e absolutos, as leis apodíticas são leis formais: *Tu farás isso. Tu não farás aquilo*. Elas não trazem, em geral, nenhuma motivação (Ex 21,15-17; 22,17-19), mas algumas fazem referência à experiência histórica do povo: ... *pois vós mesmos fostes estrangeiros no Egito* (Ex 22,20; 23,9) e

<sup>14</sup> O nome é oriundo da expressão *livro/documento da Aliança* que aparece em Ex 24,7.

<sup>15</sup> O Código de Hammurabi, entre o prólogo e um epílogo poético, contém duzentos e oitenta e duas leis de direito civil e penal, como também leis de cunho administrativo. Hammurabi governou a Babilônia entre os anos 1792 a 1750. Ele conseguiu construir um reino imponente e de grande expressão, submetendo os outros reinos locais nos rios Eufrates e Tigre sob o poder da Babilônia. O Código de Hammurabi é datado do fim de seu governo.

outras fazem referência ao comportamento de Deus: “... *porque sou compassivo*” (Ex 22,26). Nesse tipo de lei, além das exigências que se impõem pela sua evidência; elas também aparecem como resultado de uma reflexão oriunda da experiência, de modo particular, daquela experiência que surge dos momentos atrozés.

As leis apodíticas têm duas formulações: em forma: imperativa negativa e afirmativa; como tivemos a ocasião de ver acima. Eis a formulação do sábado nas duas versões: *Lembra-te do dia do sábado para santificá-lo* (Ex 20,8), *Não farás nenhum trabalho...* (Ex 20,10b); *Guarda o dia do sábado para santificá-lo* (Dt 5,12), *Não farás nenhum trabalho* (Dt 5,14b). Alguns exegetas costumam classificar os imperativos negativos como proibições e os imperativos afirmativos como mandamentos. Segundo esse modo de classificar os mandamentos do Decálogo, somente o mandamento do sábado e dos pais seriam mandamentos de fato, os demais seriam proibições.

No Decálogo, visto a partir da sua motivação e da sua estruturação em três partes, cujo centro é sempre o mesmo: o mandamento do sábado, pode-se dizer que as leis apodíticas, formuladas de modo imperativo negativo na primeira seção (cf. Ex 20,2-7; Dt 5,6-11) têm a função de definir um espaço de liberdade para Israel, pois o culto aos ídolos é oposto ao culto ao Senhor<sup>16</sup>. Na segunda seção, estão as duas leis apodíticas, formuladas com imperativos positivos: o mandamento do sábado e dos pais (cf. Ex 20,8-12; Dt 5,12-16). Nessa seção, o mandamento do sábado relaciona Deus e o próximo. *Lembrar/guardar* o sábado é dar a si, e igualmente ao próximo, um justo descanso e também confessar a Deus como o Criador (cf. Ex 20,11) e como Salvador (cf. Dt 5,15)<sup>17</sup>. Na terceira seção, reaparecem as leis apodíticas negativas. Agora a função delas é regular a relação com o próximo. Elas têm como finalidade libertar o ser humano do reino da cobiça que escraviza; gerando assim um espaço de liberdade, tal como a primeira seção e a segunda que decorrem da motivação primeira: do ato libertador de Deus. E por estarem no início das outras leis e serem discurso direto de Deus: o Libertador, os Dez Mandamentos são mais que normas apodíticas, elas são meta-normas. Nesse sentido, o tema central, que perpassa todo o Decálogo, é a liberdade e da qual o sábado é a expressão maior, tanto no que tange à forma quanto no tocante ao seu conteúdo.

<sup>16</sup> Cf. O. ARTUS, *Aproximación actual al Pentateuco*, p.56.

<sup>17</sup> Cf. O. ARTUS, *Aproximación actual al Pentateuco*, p.56.



No mandamento do sábado, todos devem descansar da faina diária e se voltar para Deus. Nesse sentido, a lei do sábado, - que está formulada em imperativo afirmativo, que é uma lei apodítica, que é uma ordem, que é um vector de conteúdo teológico de máxima importância, - é mais que uma meta-norma como as outros nove mandamentos; a lei sabática é, de fato, um grande, fecundo e imprescindível projeto bíblico que visa formar uma consciência de libertação e para a liberdade, de modo ordenado e não confuso. Assim, o mandamento sabático revela o sentido primeiro de Torá-Lei, ou seja: ensino, instrução, formar reta consciência, de colocar o ser humano no seu eixo de liberto e libertador, numa espécie de ordem, que promove uma tranquilidade, ou paz (שְׁלוֹמִים). Consoante essa perspectiva, o mandamento do sábado é uma espécie de escola, onde todos são sempre discípulos e, ao se lembrar dele, guardando-o, se tornam mestres, sendo os primeiros mestres, os primeiros próximos e reflexo da divindade: os pais e posteriormente os filhos. E, logicamente, o primeiro Mestre é Deus-Pai, sendo seu primeiro discípulo: Jesus, o Filho e a escola, o *locus*: o Espírito Santo, que é “espaço espiritual, uma espécie de ‘ambiente vital’, em que se dá o encontro com Deus e com Cristo”<sup>18</sup>.

Essas leis se revelam como um código ético, cuja fonte lídima e perene é o Deus-Libertador, que legisla, dando leis que libertam do mais forte e educam para a liberdade. Outrossim, a libertação e a liberdade, frutos do projeto do Êxodo, são princípios fundamentais que organizam a lei no Pentateuco, que são “antes de tudo de ordem pedagógica”<sup>19</sup>, não deixando o ser humano, que foi libertado do Faraó, à mercê do seu livre arbítrio sem o auxílio das leis de Deus que formam o ser humano para a liberdade individual e comunitária<sup>20</sup>.

No mandamento do sábado e nos outros mandamentos do Decálogo, bem como em todas as leis apodíticas e casuísticas do Pentateuco, a pedagogia de Deus já está em curso para libertar a humanidade da lei do mais forte, projeto que visa, antes de tudo, a vida em comunidade.

Desse modo, no Decálogo, esse processo de pedagogia da libertação começa justamente com um gesto de amor gratuito, a liberdade física da terra do Egito (cf. Ex 20,2;

<sup>18</sup> Cf. R. CANTALAMESSA, O canto do Espírito, p. 16.

<sup>19</sup> Cf. D. NOEL, Le Livre du Deutéronome, p. 144.

<sup>20</sup> É nesse sentido de lei que são Paulo instrui os gálatas: “É para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gl 5,1). E, no Decálogo, a dimensão individual contribui necessariamente para a construção da esfera comunitária.

Dt 5,6), que alcança a liberdade espiritual, ao pés do Sinai, ao receber as leis, que têm a função de ordenar a alma, a consciência do povo, cujo centro, no pensamento bíblico, é o coração<sup>21</sup>; e chega à sua plenitude na Morte de Cruz, Ressurreição e Ascensão de Jesus Cristo, onde se dá uma morte física e uma Ressurreição gloriosa ou espiritual.

#### **1.4.2 Sábado: Memória, Santidade, Bênção e criação**

##### **1.4.2.1 Sábado e Memória**

A memória é um conceito bíblico fundamental para a teologia judaico-cristã.

O judaísmo e o cristianismo são indubitavelmente religiões da memória porque estão fundamentadas em fatos históricos e salvíficos que são rememorados ao longo dos tempos.

O mandamento do sábado possibilitou a formação de uma memória coletiva, no povo judeu, que não tem igual em outros povos, e de uma religião baseada na memória de um ato salvífico de Deus (cf. Ex 20,2; Dt 5,15), que salva porque é o Criador (cf. Ex 20,11). Portanto, memória da libertação da terra do Egito ou do Libertador da terra do Egito e a memória da Criação ou do Criador: a ação e o realizador da ação. Deus é conhecido, antes de tudo, pela ação que realiza, e esses dois importantes conceitos são veiculados pelo mandamento do sábado; desse modo, podemos dizer novamente que: o mandamento do sábado é o elemento hermenêutico do Pentateuco. Sem essa ferramenta, ou chave não é possível se construir uma adequada ou justa interpretação da Escritura. E, com relação ao mandamento do sábado em Ex 20,8-11, fica claro que o respeito ao sábado torna manifesta a relação de dependência que une a história humana com a vontade criadora do Deus Criador.

O cristianismo recebe do judaísmo seu caráter memorial; com uma diferença, no cristianismo, a memória está centrada na encarnação, vida, paixão, morte de cruz, ascensão

---

<sup>21</sup> Eis o que diz BEERNAERT: “podemos dizer que ele (o coração) designa toda personalidade consciente, inteligente e livre do ser humano. Ele é, portanto, a sede e o princípio da vida psíquica profunda; ele designa o interior do homem, o ‘dentro’, seu lugar escondido, sua intimidade e sua liberdade.” Cf. M. BEERNAERT, *Coeur – langue – mans dans la Bible*, p. 8.

e parusia de Jesus Cristo, o Libertador de todas as formas de dominação, consoante uma teologia de continuidade-cumprimento (cf. Mt 5,17) e não de ruptura-substituição.

Em Ex 20,8, o mandamento do sábado começa com o verbo *lembra-te* (זָכוֹר). Ele está no infinitivo absoluto o qual substitui o imperativo para atribuir ao verbo uma ordem invariável e que não muda ao longo dos anos<sup>22</sup>. Esse verbo deriva da raiz verbal: *lembrar* (זָכַר) e aparece com frequência na Bíblia hebraica, num total de 171 vezes. Em geral, o verbo (זָכוֹר) em Ex 20,8 é traduzido como: *lembra-te*. Mas traduzir por *lembra-te* não é suficiente para mostrar o alcance de que o verbo: (זָכַר) é portador.

Segundo o Dicionário de Teologia do Antigo Testamento<sup>23</sup>, o verbo: *lembrar-se* reúne três grupos de significado: a) ele se refere a atos completamente interiores: “o que é lembrado” ou “prestar atenção”; b) está ligado a uma dimensão que vai além dos atos mentais, ou seja: quando tais atos são acompanhados de atos externos apropriados; e c) diz respeito a formas de fala audível com sentidos como “recitar” ou “invocar”. O terceiro grupo é o que mais se aproxima do sentido básico do termo, isto após uma análise feita com as línguas cognatas ou semíticas.

Como Deus é onisciente, quando o verbo *lembrar-se* é invocado (cf. Sl 89,48), é mais no sentido de “prestar atenção”.

A lembrança que Deus tem da Aliança está ligada à libertação do povo (cf. Ex 2,24) ou à sua preservação (cf. Lv 26,44-45). Nesse sentido, o agir e o pensamento estão em consonância. Por outro lado, quando se trata de se lembrar do pecado, isso pode significar que haverá a retenção das manifestações dos benefícios de Deus (cf. Os 7,1-2).

À noção de *lembrar-se*, estão ligadas a noção de mérito<sup>24</sup> e de ação divina salvífica, a lembrança de Noé fez com que as águas baixassem (cf. Gn 8,1) e a lembrança da fidelidade passada de Ezequias resultou em cura (cf. 2Rs 20,3-6).

<sup>22</sup> Cf. D. DE LA MAISONNEUVE, L'hébreu biblique par les textes, p. 73.

<sup>23</sup> Cf. R. L. HARRIS; G. L. ARCHER JÚNIOR; B. K. WALTKE, Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento, p. 390-391.

<sup>24</sup> A literatura rabínica, baseada na memória dos feitos dos justos, desenvolveu uma Teologia dos méritos que se tornou muito conhecida nos primeiros séculos. Essa Teologia é possível encontrar em muitos textos rabínicos e na oração sinagoga. Os justos são os primeiros a possuir o poder de interceder pelos outros por causa de seus méritos decorrentes da sua fidelidade à Aliança, ou seja: à vontade de Deus, que são externadas em sua Torá. Os atos desses justos, isto é: seus méritos são lembrados ou evocados e a ação salvífica acontece. Como um exemplo dessa Teologia, é a *Aqedá de Isaque* ou Sacrifício de Isaque que é frequentemente mencionado nos Targumim (TN TjI Ex 12,42; TjI TjII Lv 26,42; Tg Ct 1,13; 2,17; 3,6; Tg II Est 5,1; Tg 1 Cr 21,15; 2Cr 3,1) e na liturgia

Para o ser humano, *lembrar-se* também resulta em ação. *Lembrar-se* pode significar obediência à Torá, em seus mandamentos (cf. Nm 15,40), de modo particular, o mandamento caro ao Senhor, o mandamento do sábado de Ex 20,8; e pode significar também arrependimento (cf. Ez 6,9).

Nas relações políticas, a aliança que não foi lembrada é aliança rompida (cf. Am 1,9). Essa noção de romper, quebrar aparece na citação anterior de Ez 6,9 e está relacionada à infidelidade à aliança, conseqüentemente, a Deus e seus mandamentos.

Quanto às formas do grau *qal*, que se referem à fala, são relativamente poucos os casos. A viúva pediu a Davi um voto ou declaração audível para a proteção de seu filho sobrevivente (cf. 2Sm 14,11). A *lembrança* de Jonas, quando esteve no ventre do grande peixe, pode bem ter sido uma invocação audível em oração (cf. Jn 2,8).

Se a possibilidade de sentidos como “recitar” e “invocar” for aceita, o “relembrar” dos feitos maravilhosos de Deus poderia ser uma récita pública de tais feitos extraordinários (cf. 1Cr 16,8.12; Sl 104, 105, 106).

O grau *hifil* de *lembrar-se*, em geral, tem duas maneiras de ser traduzido: a) *mencionar* e b) *relembrar* alguém de alguma coisa. Este é o sentido causativo de *lembrar-se*. O grau *hifil* no particípio indica a função do “cronista” 2Cr 34,8 (הַמְזַכֵּר). Nesse caso, o que é “lembrado” aparece em forma de registro escrito e não por meio de declaração audível.

No grau *nifal*, o verbo oferece a forma passiva para o grau *qal* e para o grau *hifil*. Expressa “ser lembrado” (cf. Jó 24,20)<sup>25</sup>. “Ser lembrado” pode ser seguido pelo ato apropriado de “ser libertado”.

Do verbo *lembrar-se*, formam-se dois substantivos “lembrança” e “reflexão” (זָכָר), com o primeiro “e” longo e o segundo, breve; e (זָכַר) também com os dois “es” breves. No primeiro caso, a tradução pode ser: lembrança, comemoração, invocação. Ele pode designar a comemoração de uma festa (cf. Est 9,28). Interessante notar que a única festa que o Decálogo, em suas duas versões menciona, é o sábado, que, pela sua grandeza, nem

---

penitencial judaica (Ta’anit 2,4; J. Ta’anit 2,1, 65a). Teologia essa que, para o cristianismo, chega à sua plenitude nos méritos de Cruz de Jesus Cristo. Para maiores detalhes ver: F. MANNS, La Prière d’ Israël à l’heure de Jésus, p. 40-51.

<sup>25</sup> Essa passagem foi transposta para depois de Jó 27,23.

recebe o nome de festa como as outras nos calendários litúrgicos<sup>26</sup>, que são leis a serem observadas. No segundo caso, a tradução pode ser: reflexão<sup>27</sup>.

No Pentateuco, portanto, o verbo *lembrar-se* é expressão do memorial como sinal que recorda a memória do ser humano e a memória de Deus. O memorial, nesse sentido, foi interpretado de duas maneiras: a) segundo a teologia da tradição sacerdotal e b) segundo a teologia da tradição deuteronomista.<sup>28</sup>

a) Memória segundo a teologia sacerdotal<sup>29</sup>:

A noção central aqui é a noção de: *memória* – *zikaron* (זִכָּרוֹן). Esse termo deriva da raiz verbal hebraica: *lembrar/recordar* (זָכַר). O *zikaron* não é, de forma alguma, uma simples referência a algo passado; mas pela recordação desse algo passado, sob a ação de Deus, que é fiel a sua aliança em favor de seu povo, esse evento passado retorna e é revivido no presente, no aqui e agora; tornando-se, dessa maneira: um memorial. Memorial este que as gerações -, posteriores à libertação da saída da terra do Egito, libertação esta na qual a ação de Deus foi libertadora, - são chamadas a tornar viva a cada sétimo dia e a cada ano, como lei perpétua – *hukat olam* (חֻקַּת עוֹלָם) (cf. Ex 12,14).

Na tradição sacerdotal, da qual o mandamento do sábado de Ex 2,8-11 faz parte, os gestos culturais aparecem como sinais diante de Deus em favor de Israel. Nm 15,39.40 é um exemplo dessa teologia sacerdotal da memória: *Trareis, portanto, uma borla, e vendo-a lembrareis de todos os mandamentos do Senhor. E os poreis em prática... Assim vós vos lembrareis de todos os meus mandamentos e os poreis em prática e sereis consagrados ao vosso Deus.*

Essa passagem reúne quatro elementos fundamentais: *memória*, *mandamento*, *prática* e *santidade* que estão ligadas à narração da violação do sábado em Nm 15,32-36. Esses quatro elementos são fundamentais para a teologia da *aliança*.

<sup>26</sup> Cf. Ex 23,14-17; Ex 34,18-23; Lv 23; Nm 28-29; Dt 16,1-16. O calendário sacerdotal de Lv 23 corresponde ao calendário de Nm 28-29, em suas regras litúrgicas, por ser também de origem sacerdotal.

<sup>27</sup> Cf. P. WEIL, *Le Shabbat comme Institution et comme expérience*, p. 12.

<sup>28</sup> O memorial, segundo a tradição deuteronomista, veremos no segundo capítulo.

<sup>29</sup> Movimento de cunho literário e teológico nascido no exílio da Babilônia no meio dos sacerdotes, por isso: sacerdotal e que se tornou muito atuante em Jerusalém após o exílio. Textos dessa tradição são encontrados de Gn 1 a Lv 16. A sigla dessa tradição é: **P**, do alemão: Priest.

Para os autores sacerdotais, o lembrar está em direta conexão com a obediência à lei: na realização de uma ação ritual e é nessa ação que se dá o processo de santificação da comunidade. Para essa tradição, a lembrança não está ligada à memória de uma tradição fundante ou fundadora; mas cada vez que Israel realiza algo, Deus se lembra dele. Na esteira da tradição sacerdotal, os sábios do período do Talmud<sup>30</sup> ensinaram que o verbo *lembrar-se* (זָכַר) implica que o judeu deve realizar certos gestos, atos para transformar o sábado em um dia sagrado.

Na Bíblia, o que caracteriza o culto em Israel é o papel da memória. Por essa razão que as festas são chamadas de “memorial”. Memorial não é uma simples comemoração, pois as festas celebram as intervenções passadas de Deus em favor de seu povo Israel. Nesse sentido, o lembrar é uma atualização da ação salvífica de Deus em favor de seu povo. Como se encontra na própria Bíblia, em Ex 12, 14: *E quando amanhã o teu filho te perguntar: ‘Que é isso?’, responder-lhe-ás: ‘O Senhor tirou-nos do Egito, da casa da escravidão, com mão forte.* E essa passagem foi comentada, na Mishná<sup>31</sup>, pelos sábios de Israel que disseram: “Celebrando a festa (Páscoa), devemos nós mesmos nos sentir tirados do Egito”<sup>32</sup>.

Não somente as festas, mas também a oração de Israel tem suas raízes bem fincadas na Bíblia. Frequentemente a oração recorre ao verbo *lembrar-se*. Como exemplo disso, há um conjunto de orações da festa de Rosh haShaná, festa do Ano Novo, que é chamado de “Recordações” (זְכוֹרוֹת). Esse conjunto está inserido na oração *Shemone Esre*<sup>33</sup> e sua função é pedir a Deus que se lembre de suas criaturas, Ele que é o Criador. Isso recorda a motivação do mandamento do sábado em Ex 20,11.

Os sábios de Israel, ao comentarem Ex 20,8, dizem que existe uma anomalia gramatical no texto: *Lembra-te do dia do sábado para santificá-lo*. Para eles, o conteúdo principal do complemento do objeto direto, não é: o dia (יִד), de gênero masculino; mas: o sábado. E aqui está toda a diferença. Pois, em hebraico bíblico, a palavra sábado é do gênero feminino, logo o texto deveria estar escrito: (לְזַכֵּרָהּ) e, no entanto, está: (לְזַכֵּר); ou

<sup>30</sup> O Talmud reúne o conjunto de comentários da Bíblia. Existem dois Talmudim: o Talmud de Jerusalém e o Talmud da Babilônia. Este último tornou o mais utilizado pelos sábios. A palavra Talmud é derivada da raiz *lamed*: estudar.

<sup>31</sup> Mishná: obra do Rabi Judas, o Príncipe, que codificou a parte mais antiga do texto do Talmud do IIº século a.C. ao IIIº século d.C. Mishná vem da raiz verbal: ShaNaH: repetir, ensinar.

<sup>32</sup> Cf. Mishná Pessahim X,5.

<sup>33</sup> Um conjunto de 18 Bênçãos, que na verdade são 19, recitadas todos os dias pelos judeus e judias. Também conhecido como Amidá, pois todos a rezam em pé.

seja, o v. 8 está se referindo ao próprio Senhor que é o autor do sábado. Israel é vocacionado a santificar o Senhor por meio da lembrança do sábado. Dessa observação, o Talmud diz que o verbo *santificar* (שִׁקְדַּף) do v. 8b significa: consagrar uma mulher, desposar<sup>34</sup> e que o verbo *lembrar-se* (זָכַר) do v. 8a, que está ligado a *santificá-lo* (שִׁקְדַּף), é indicação de que o sábado é uma noiva para Israel<sup>35</sup>. Nesse aspecto, existe entre o ser humano e o tempo uma espécie de aliança e, portanto, um casamento, onde o sábado é a esposa e o povo, o esposo.

Para a Mekhilta de Rabi Ismael<sup>36</sup>, o verbo *lembrar-se* do v. 8a, significa uma preparação prévia durante os seis dias que antecedem o sábado<sup>37</sup>.

Na liturgia judaica, a palavra: “sábado” é utilizada ora no feminino, como está no hebraico bíblico; e ora no masculino, como aparece interpretado pela Tradição Oral<sup>38</sup>.

Como exemplo dessa dupla utilização, basta olhar para os três momentos da oração do sábado: a) na primeira oração do sábado, quando aparece a primeira estrela no céu, a palavra: “sábado” está no feminino, b) na oração da manhã, está no masculino e c) na oração de conclusão do sétimo dia, a palavra: “sábado” está tanto no masculino como no feminino<sup>39</sup>.

Recorrentemente, a Bíblia insiste para que não sejam esquecidas as ações de Deus: Criação, libertação da terra do Egito... e para que não sejam esquecidas também as ações de homens maus, as ações diabólicas de Caim (cf. Gn 4,9ss), de Lamec (cf. Gn 4,23-24.), do Faraó (cf. Ex 1,8ss), de Amalec (cf. Ex 17,8.), etc... Diante do lembrar que é aquilo que não se deve esquecer, há uma reflexão sobre tais ações que produz uma ação geradora de vida. Nesse sentido, o lembrar engloba duas dimensões: a reflexão e a ação<sup>40</sup>. Assim, no mandamento do sábado existe uma ordem que é anterior ao próprio mandamento, ou seja, antes de se agir ou cumprir o mandamento é mister lembrar-se dele, falar dele, refleti-lo, perscrutar o seu sentido, ir em busca de seu alcance e profundidade teológicos. É por meio da memória do próprio sábado que se começa o seu cumprimento. Assim, a realidade da

<sup>34</sup> Cf. A. J. HESCHEL, O Schabbat: seu significado para o homem moderno, p. 76.

<sup>35</sup> Cf. P. H. PELI, The Jewish Sabbath: a Renewed Encounter, p. 53.

<sup>36</sup> A palavra Mekhilta é de origem aramaica e significa *norma*. A Mekhilta de Rabi Ismael é um comentário sobre o livro do êxodo. Ela começa a partir do capítulo doze comentando as disposições relativas à Páscoa.

<sup>37</sup> Cf. A-C. AVRIL; D. DE LA MAISONNEUVE, Prières Juives, p.45.

<sup>38</sup> Cf. L. ASKENAZI, Le Shabbat de Dieu, p. 67.

<sup>39</sup> Cf. O livro de oração do judaísmo chamado do Sidur.

<sup>40</sup> Cf. P. WEIL, Le Shabbat comme institution et comme experience, p. 12.

reflexão torna-se um dos primeiros aspectos do mandamento do sábado que se encaminha para uma prática: *para santificá-lo*.

Em hebraico, o verbo que começa o mandamento do sábado, segundo uma outra interpretação, deveria ser construído com *tizkor* (תִּזְכֹּר) ou *zakhor* (זָכַר)<sup>41</sup>. Essa questão gramatical chamou a atenção de Rashi<sup>42</sup>. Este sábio notou que *zakhor* está no grau *pa'ul*: forma gramatical que sublinha a continuidade na ação. Desse modo, o verbo *zakhor* é *zakhur* (זָכַר) e, portanto, não está indicando um imperativo pontual cuja função é recordar eventos passados em determinado tempo e espaço. Segundo a interpretação de Rachi, *zakhur*, e não *zakhor*, é um imperativo que vocaciona o ouvinte-leitor para o futuro. E o início do v. 8 de Ex 20, deveria ser traduzido das seguintes formas: *Sê ou permanece na memória do sábado!* ou *Esteja dia e noite te lembrando do sábado!*. A partir desse comentário de Rashi, para Ouaknin<sup>43</sup>, a melhor tradução de Ex 20,8 seria: *Lembra-te do teu futuro*. Consoante essa interpretação, o verbo: *lembra-te* (זָכַר) evoca a dimensão de um projeto ético que tende para um futuro, com suas raízes passadas constantemente sendo atualizadas.

Segundo Rachi ainda, Ex 20,8 tem a função de fazer o sábado habitar a memória do ser humano todos os dias da semana, como a meta dos demais dias e, desse modo, se preparar para santificá-lo<sup>44</sup>.

A instituição do mandamento do sábado é bíblica e a sua institucionalização e aplicação são obras do judaísmo pós-bíblico. Israel foi constituído como povo no deserto, que é terra de todos e de ninguém. Foi justamente no deserto que o mandamento do sábado lhe foi dado como lei para ser observado como um memorial<sup>45</sup>, como uma espécie de “ato da criação continuada”.

O substantivo masculino em hebraico se diz: *zakhar* (זָכָר), com dois “as” longos. Nesse aspecto, o verbo “*lembrar*” traz elementos da dimensão masculina em sua definição.

Destarte, o mandamento do sábado é um lei-ensinamento, pela qual Israel se santifica ao se lembrar dele, praticando-o. Dessa maneira, o mandamento do sábado veicula a noção

<sup>41</sup> Cf. M-A. OUKNIN, Les Dix Commandements, p. 88.

<sup>42</sup> Iniciais de Rabi Chlomo Itshaqui (1040-1105 d.C.), o maior comentarista judeu da Torá e do Talmud de todos os tempos. Ele viveu em Troyes, na Champagne, como vinhateiro.

<sup>43</sup> Cf. M-A. OUKNIN, Les Dix Commandements, p. 88.

<sup>44</sup> Cf. I. MIHALOVICI, Fiestas y prácticas judías en el Talmud y en la Tradición, p.19.

<sup>45</sup> Cf. E. CROISSANT et al., Les sens du Shabbat, p. 32.



teológica de *memória*, que uma das noções mais importantes tanto no judaísmo quanto no cristianismo.

#### 1.4.2.2 Sábado e Santidade

O texto de Ex 20,8-11 é enquadrado pela noção de santidade/consagração nos v. 8b: *para santificá-lo* e 11e: (YHWH) *o santificou*; e esses dois versículos colocam em evidência a expressão: *o dia do sábado*. Assim como o Senhor santificou o dia do sábado, o ser humano é chamado a tornar o sábado santo. Nessa inclusão proposta pelo texto, encontra-se um resumo da densidade teológica da qual o mandamento do sábado é revelador.

##### a) O sábado: santidade do tempo

Nas línguas semíticas, santo é aquilo que é separado do profano. A Bíblia apresenta essa noção com uma diferença em relação ao sábado. Enquanto para as outras religiões, ao narrar a criação do cosmos a santidade estava ligada a um lugar separado e, portanto, santo: uma montanha sagrada, uma fonte sagrada, onde haveria um santuário; já a Bíblia, quando narra a Criação, utiliza a palavra *santo* (שֶׁדֶה), pela primeira vez, não relacionada a uma coisa concreta, mas em relação ao tempo: o *sétimo dia*, em Gn 2,3: “*Deus abençoou o sétimo dia e o santificou...*”, portanto, é um dado tempo que é santo. No relato da Criação, as coisas materiais não recebem essa qualificação. A Bíblia também, ao narrar o Decálogo, aplica essa qualidade somente ao sábado.

No Pentateuco, a noção de santidade está essencialmente vinculada a uma conotação de separação, diferenciação, de alteridade, de colocar um limite, de se manter uma distância. Essa noção de santidade não é aplicada exclusivamente ao sábado, mas em primeiro lugar foi aplicado a ele. Tal noção aparece ligada: a) ao povo, à montanha do Sinai e c) ao Tabernáculo.

##### b) Santidade do povo de Israel

Antes da palavra de Deus ser revelada, o povo de Israel é chamado à santidade: “*Vós sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa*” (cf. Ex 19,6). Deus separa para si um povo, consagrando-o e a ele confer uma missão. Deus chama Israel a participar de sua santidade. Esse chamando quer dizer eleição, ou seja, colocado à parte para Deus, consagrado a Deus. Israel é chamado a participar da santidade daquele que o pôs à parte, manifestando-a, por meio do seu agir, via mandamentos, entre as nações. O que é sagrado pertence a Deus. O sagrado é oposto ao profano, cuja raiz hebraica que dizer “fora do templo”.

#### c) Santidade e a montanha

Moisés foi chamado por Deus para consagrar a montanha da revelação, o Sinai: *Moisés disse ao Senhor: ‘O povo não poderá subir a montanha do Sinai, porque tu nos advertiste, dizendo: Delimita a montanha e declara-a sagrada* (cf. Ex 19,23). Consagrar a montanha significa instaurar um limite, fazer uma distinção, entre o santo e o profano.

#### d) Santidade e o Tabernáculo

O que chama a atenção é notar que somente após o povo ter caído na tentação de adorar um objeto construído, o bezerro de ouro, ou seja, só após a idolatria é que a construção do Tabernáculo, que representa a santidade no espaço, aparece como ordem divina. Eis o comentário de Heschel: “A santidade do tempo veio em primeiro, a santidade do homem em segundo, e a santidade do espaço por último. O tempo foi abençoado por Deus; o espaço e o Tabernáculo foram consagrados por Moisés.”<sup>46</sup>

O sábado é tão importante quanto o santuário no processo de santificação, ou até mesmo mais, como é possível ler em Lv 19,30 e 26,2: *Guardareis os meus sábados, reverenciareis meu santuário. Eu sou YHWH*. Essa prioridade do sábado sobre o santuário, nesses versículos, servirá aos rabinos para mostrar que o sábado não pode ser violado, mesmo para a construção do santuário. Ex 31,12-17, depois das instruções relativas à construção e Ex 35,1-3, antes de sua construção, evocam o sábado, lembrando aos operários que devem cessar o seu trabalho nesse dia.

---

<sup>46</sup> Cf. A. J. HESCHEL, *O Schabbat: seu significado para o homem moderno*, p. 21.

e) Santificar o sábado: separá-lo para Deus.

Tendo visto, o que implica a noção de santidade, é possível apontar para a finalidade para a qual está direcionada a regra de ação do v. 8b: *para santificá-lo*. Esse versículo sinaliza para uma primeira noção que é a do limite.

E como compreender essa noção de santidade/consagração, que em um primeiro momento fala de limite? O próprio coração do texto responde em Ex 20,10: *sábado para o Senhor, teu Deus!* O sábado é o dia exclusivo para Deus, assim como Israel é propriedade sua, é povo a Ele consagrado. Santificar o sábado é tirá-lo do profano e consagrá-lo ao Senhor. Para confirmar essa resposta, basta ver o que dizem os v. 9-10a: *Seis dias, servirás e farás todo o teu trabalho, mas o sétimo dia será sábado para o Senhor, teu Deus!* No próprio texto, encontra-se um *waw* (ו) que exerce a função de uma conjunção adversativa: *mas*, isto é, uma palavra que desencadeia no texto uma separação. Ex 23,12 e Ex 34,21 assim se referem ao sétimo dia: “*Durante seis dias farás teus trabalhos e no sétimo dia descansarás...*”. Esses dois textos apontam claramente para a oposição entre o trabalho e a cessação do trabalho. Em Ex 20,9-10a, o redator, ao utilizar a fórmula: *sábado para o Senhor, teu Deus!* está aprofundando o sentido do mandamento do sábado, dizendo que os seis dias de trabalho são para o ser humano e o sétimo dia é reservado para o Senhor, é santo para o Senhor. Outrossim, no mandamento do sábado de Ex 20,8-11, o que está no centro da instituição do sábado é o Senhor/YHWH e não o simples parar de trabalhar ou descanso. Portanto, o sábado é um dia posto à parte para o Senhor porque Deus é santo: *Sede santos, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo* (cf. Lv 19,2). Este é o tema central do CS (Lv 17-26), o qual fala igualmente do sábado. Essa santidade supõe que Israel renuncie a toda forma de idolatria. Novamente a ideia de separação que está por trás da raiz da palavra santidade em hebraico. No CS, assim como no mandamento do sábado de Ex 20,8-11, o sábado está ligado à interdição da idolatria. Se Israel lembra do sábado, ele não cairá na idolatria (cf. Lv 19,3-4). Esse texto mostra também um verdadeiro caminho de santidade: *imitatio Dei*. Tal caminho começa com o respeito aos pais, símbolo do próximo, e com a observância do sábado. O respeito aos pais está ligado à observância do sábado (cf. Lv 19,3). Honrar os pais é o primeiro mandamento relativo ao próximo nas duas versões do Decálogo; nelas, esse mandamento aparece imediatamente depois do mandamento do sábado. Em Lv 19,3, a associação dos dois mandamentos resume os dois

deveres fundamentais em relação ao Senhor e ao próximo. Dessa forma, observar o mandamento do sábado torna-se o paradigma da observância de toda a Torá. Essa vida que busca a santidade de Deus se estende a todas as esferas da vida: culto, terra (trabalho), relação com o próximo e com estrangeiro residente: *ger* (גֵר) e com a natureza. Quem santifica o sábado e o povo é Deus, o Criador; é Ele quem ordena delimitar a montanha e construir o Tabernáculo. Ser santo é uma ordem, mais que uma ordem, um chamado, é a vocação do ser humano (cf. Gn 1,26), que transpõe o grande abismo proclamado por Isaías 6,3 entre o Senhor: três vezes Santo e sua criatura, que ao ouvir o seu chamado para imitá-lo rompe a grande separação entre eles. Aquele que vive o mandamento do sábado é colocado à parte e participa da santidade de Deus. À medida que Deus é santificado no tempo separado, é a própria comunidade, que por meio do mandamento, se santifica. Como escreveu Heschel<sup>47</sup>: “No sábado é dado compartilhar a santidade que está no coração do tempo”.

f) Os dois aspectos da santidade: positivo e negativo

O monoteísmo israelita revelado pela Bíblia é um monoteísmo moral. O ser humano é chamado a ser santo como Deus é santo. O mandamento da santidade está fundado na santidade de Deus. Essa noção de santidade possui dois aspectos: a) um positivo: consagrar-se a Deus, um dizer: sim e b) um negativo: separar-se daquilo que não está ligado a Deus, um dizer: não.

Aplicando esses dois aspectos da santidade na lei moral, emergem dois conceitos ligados à vida do ser humano para ser santo: a) a justiça e b) o direito.

aa) A justiça: aspecto negativo da santidade

A noção de justiça está ligada ao reconhecimento dos direitos do ser humano. É uma atitude de alteridade onde está presente a consciência de sua inter-relação de fraternidade no ter. Ela representa o aspecto negativo da lei moral, isto é, diz “não” àquilo que nega ao próximo o que lhe cabe. Justiça é separar-se do que nega a vida, daquilo que é sinal de desobediência à lei ou à vontade divina o que não é um ato de justiça ou de santidade. Assim, na santificação do sábado, existe um ato de justiça, onde há reconhecimento do direito ao descanso para todos.

---

<sup>47</sup> A. J. HESCHEL, O Schabbat: seu significado para o homem moderno, p. 25.

#### bb) O direito: aspecto positivo da santidade

O aspecto positivo da santidade é o direito. A noção de direito está ligada à aceitação dos deveres. É uma atitude de alteridade que está consciente de sua inter-relação de fraternidade no co-responder: ter para partilhar e partilhar para ter. Sendo o aspecto positivo da lei moral, o direito diz “sim” ao que é devido ao ser humano. É uma consagração, agir de acordo com o que lhe é devido em vista de uma ação transformadora, libertadora que dá vida. Assim, no direito reconhecido, se dá a aceitação dos deveres numa consagração toda especial à família (v. 10c) a qual sensibiliza o ser humano para aquilo que é prioritário: a consagração aos pobres, oprimidos, marginalizados e à natureza (v. 10cd). Consagração ao serviço do próximo que sofre e da natureza, por meio de uma consciência ecológica.

Nos conceitos de justiça e direito, como dois aspectos da santidade, estão presentes as ideias de comunhão e participação no que dignifica o homem e a mulher: o agir justo, direito, isto é: santo.

Desse modo, a noção de santidade expressa principalmente a ideia de separar para uma consagração à Divindade; e ligada a essa separação, consagração, eleição aparecem comportamentos, atitudes advindos de uma prática normatizada.

#### 1.4.2.3 Sábado e Bênção

No v. 11, três atos de Deus distinguem o sábado: Deus descansou, Deus abençoou e Deus santificou o sétimo dia.

Entre o descanso e a santificação está a bênção. A bênção e a santificação acontecem no momento em que o trabalho cessa.

O termo *bênção* no judaísmo e no cristianismo comporta uma compreensão teológica diversa, tendo, no entanto, as mesmas raízes bíblicas que sustentam as duas visões teológicas da *bênção*.

Para o cristianismo, a *bênção* é dada, de modo geral, a uma pessoa ou a um objeto em Nome de Deus e sobre os quais se invoca a bênção divina. No judaísmo, a concepção de *bênção* está ligada, acima de tudo, a uma fórmula de louvor, que é dirigida a Deus que se abençoa e é glorificado em uma circunstância precisa, e por meio de um ato de bondade concreto.

a) algumas considerações sobre a raiz da palavra: bênção

Em sua etimologia, a palavra *bênção* (בְּרָכָה) está ligada ao radical: B.R.K. (בָּרַךְ). Desse radical, nasce a palavra *joelho* (בְּרָךְ). Este órgão do corpo humano é o que permite o ser humano se ajoelhar, quando os joelhos se dobras é sinal de adoração (cf. Is 45,23). Esse radical está relacionado aos órgãos sexuais reprodutores os quais assumem um caráter sagrado como o gesto visível que sela o juramento (cf. Gn 24,2.9; 47,29; 48,22). O feto, que está no útero materno, também está em conexão com esse radical<sup>48</sup>.

No grau *hifil*, a raiz verbal (בָּרַךְ) pode significar se ajoelhar para a mulher dar à luz. *Joelhos* (בְּרַכְיִים), em hebraico, está no dual e assim é possível ver nele uma alusão aos dois joelhos sobre os quais a mãe acolhe seu filho recém-saído de suas entranhas maternas, onde a vida foi gerada.

A tradição rabínica, ainda trabalhando com a raiz da palavra, vai aproximar a palavra *bênção* da palavra *berekhá* (בְּרָכָה): reservatório cheio de água, fonte.

Na bênção de Aarão de Nm 6,22-27, quando os sacerdotes abençoavam o povo de Israel da parte de Deus, a Bíblia diz que eles pronunciavam o Nome de Deus sobre Israel, e para alguns comentadores, mais que pronunciar, o Nome de Deus era mesmo “colocado” nos filhos de Israel e essa expressão também é uma definição da *bênção*<sup>49</sup>: colocar o Nome, e sabe-se que na Bíblia, nome significa a pessoa. Lembremos que antes do mandamento do sábado, está o mandamento que proíbe tomar o Nome de Deus em vão (cf. Ex 20, 7).

b) a noção de bênção na Bíblia

O conceito de bênção (בְּרָכָה) nasce e se desenvolve no mundo oriental antigo e chegou à sua compreensão definitiva no judaísmo. Esse termo aparece mais de quatrocentas vezes no texto bíblico. O termo bênção (בְּרָכָה) foi traduzido para a Septuaginta com as palavras *bendizer* (εὐλογεω) e *bênção* (εὐλογία).

No oriente antigo, a bênção e a maldição são um binômio que relaciona estes dois termos; e esse binômio possui uma importância capital em todas as religiões antigas. É nessa relação que a maioria dos atos religiosos e das cerimônias têm por escopo atrair a

<sup>48</sup> Cf. P. MIQUEL, *Les Mots-Clés de la Bible*, p. 71

<sup>49</sup> Cf. M-N. THABUT, *L'intelligence des Écritures*, p. 241.

bênção dos poderes superiores, evitando assim a sua cólera que se manifesta como maldição.

Do ambiente mesopotâmico, particularmente da Assíria e da Babilônia, é que surge a principal influência nas concepções religiosas de Israel. Não poderia ser diferente em se tratando da bênção. Na Babilônia, a bênção é vista sobretudo pela sua dimensão de *palavra* do que pelo *ato* e pelo *gesto*, e o termo acádico para bênção é *KaRaVu*, o qual se relaciona com o hebraico *BaRaKh* (בָּרַךְ), significando tanto a bênção dada pela divindade como o ato de adoração do ser humano.

Por detrás dessa concepção, a noção de bênção, ligada à noção de maldição, veicula, de um lado, a crença segundo a qual existem poderes dos quais emana força, bondade e vida; e, por outro lado, existem poderes que geram o mal. Essa concepção faz parte do mais antigo patrimônio religioso da humanidade, que se expressa por um ritual. Por isso, a transposição das qualidades da bênção e as consequências da maldição para o ser humano se dão por meio de atos, gestos e contatos, mas antes de tudo, pela *palavra*. Esta, segundo as circunstâncias, pode ser tanto bênção como maldição.

O indivíduo traz, portanto, consigo uma força, um poder de bênção que ele pode transmitir. Nesse sentido, os seres humanos e as coisas, que foram abençoados, ficam como que “carregados”. A força própria da bênção passa a emanar deles. Assim os seres humanos podem comunicá-la a outros seres humanos e mesmo a objetos. Este ato é particularmente o caso quando a bênção emana diretamente da divindade, já que se trata, então, de uma exigência sobrenatural que vai se prolongar na ação humana mediadora dessa força da divindade e que vai influenciar profundamente a própria condição humana entre si e em relação aos objetos.

A concepção de bênção do ambiente mesopotâmico vai se prolongar nas noções de בָּרַךְ e בְּרַכָּה, das quais se serve o teólogo israelita para expressar a ação de abençoar, bendizer e de seu conteúdo, a bênção, e que a Septuaginta traduziu por εὐλογεω e εὐλογία.

O termo bênção não significa unicamente a bênção que se recebe, segundo uma fórmula; mas significa também, o estado de bênção, ou seja, tudo aquilo que se segue ao ato, como o bem-estar, o poder, a felicidade, a riqueza, etc.

Na Bíblia, esse poder de abençoar sempre tem sua origem no Deus dos patriarcas e não em diversas divindades. Aqui já podemos observar, em relação ao ambiente

mesopotâmico, uma evolução na concepção de bênção. Em geral, na Bíblia, em relação ao ser humano, a bênção só é transmitida de pai para filho. Primitivamente o conteúdo da bênção é a força vital que o pai passa para o filho antes de morrer (cf. Gn 27,1ss; 49,25-28). O conteúdo da bênção é mais particularmente o voto de uma vida longa e de uma descendência numerosa; nesse sentido o termo bíblico que melhor resume esse estado é *shalom* (שָׁלוֹם), que indica a plenitude.

Desse modo, na Bíblia, a bênção não está vinculada a uma dimensão de força mágica da qual o ser humano seria portador; nem é ela uma força psíquica que torna o ser humano “sortudo”. Bem ao contrário, a bênção do Senhor é sempre concebida como um dom gratuito pelo qual Deus concede seu favor quer a um indivíduo, quer a todo o povo (cf. Gn 1,22.28; 2,3; 5,2; 9,1; 14,9; 24,19; 39,5; Dt 28,12; Sl 44,3; 66,7; 128,8; Pr 10,6). Deus também tem o poder de transformar a maldição em bênção (cf. Dt 23,6; Ne 13,2). Em geral, a bênção está ligada à fecundidade, à vida e a felicidade.

É justamente essa bênção de fecundidade, de vida que Deus concedeu a toda a Criação. É o que vemos logo que Deus criou os primeiros seres vivos que saíram da terra (cf. Gn 1,22).

Os peixes e as aves, distintos em sua espécie, precisam ambos da bênção divina e, de modo particular, aquele que se distingue dos outros seres criados, pela sua imagem e semelhança, que lhe foram dadas pelo Criador, o ser humano, coroamento da Criação. O primeiro ato de Deus, depois de criar o ser humano, foi justamente: o ato de abençoar a criatura que dele se assemelha (cf. Gn 1,26.28). Como é possível perceber, a distinção das coisas criadas e a dimensão da bênção estão interligadas.

Assim, os dons particulares que o ser humano recebe por meio da bênção são: a fertilidade e a dominação. De modo geral, o objeto da bênção divina é a promessa de uma numerosa descendência (cf. Gn 12,2; 13,6; etc). O Deus que abençoa é também o que providencia para sua criação, que ele conserva e mantém na dinâmica da vida, fazendo, para isso, cair, por exemplo, algo precioso *uma chuva abençoada* (cf. Ez 34,26). A bênção, de modo geral, é promessa de fertilidade do solo, dos animais, o crescimento da propriedade, como vemos na enumeração das bênçãos prometidas de Dt 28,1-13. Além de Deus abençoar o ser humano e as coisas materiais, ele abençoa também o tempo, de modo particular, o sétimo dia ou sábado (cf. Gn 2,3; Ex 20,11). Deus o abençoa e o consagra.



Logicamente que a bênção divina está destinada, de modo especial, ao ser humano (cf. Gn 12,2-3; 17,7ss; 26,3), que, por vontade divina, é o único a agir na história, servindo-se de seu livre arbítrio.

Os acontecimentos dramáticos que se passaram nos montes Garizim e Ebal (cf. Dt 27,9ss), devem conscientizar o povo de que toda a sua história depende dos efeitos da bênção e da maldição. Todavia, a partir da conclusão da aliança no monte Sinai e a aceitação, por parte do povo, da Torá, marca uma nova etapa na compreensão da bênção; pois a Torá passa a ser o princípio regulador supremo tanto no domínio da bênção como nos demais<sup>50</sup>. Desde o acontecimento do Sinai, não há nenhuma bênção em Israel que não seja a recompensa por uma fidelidade total à vontade de Deus que está expressa nas leis da Torá. No Deuteronômio, estas relações intrínsecas entre a fidelidade à Torá e as bênções divinas a ela ligadas, são postas em destaque e de modo definitivo (cf. Dt 11,26ss).

A Bíblia apresenta Deus como aquele que deixa ao povo a escolha entre a obediência e a desobediência em relação à Torá e conseqüentemente entre bênção e maldição. Tal escolha implica em se ter vida ou morte (cf. Dt 30,15ss).

Toda a história do povo de Deus será marcada pela possibilidade de escolha em obedecer ou não a Torá; e, consoante a escolha, ter-se-á bênção ou maldição. Se anterior à revelação da Torá no Sinai, as coisas eram avaliadas mais no sentido de que a bênção era como que unicamente reservada para Israel, enquanto que a maldição era a paga dos inimigos; nessa etapa a consciência teológica da bênção se dá conta de que Deus, ao abençoar, dá o dom da bênção somente àqueles que guardam os seus mandamentos contidos na Torá. O dom da Torá é a graça máxima concedida por Deus a seu povo que, por essa razão, se torna sua propriedade particular: *'am segulá* (עַם סְגֻלָּה), que vive sua fidelidade, seguindo os preceitos revelados nela. E, destarte, nenhuma bênção é concebível senão em relação direta com essa graça (cf. Dt 11,26ss; Dt 30,1ss; Lv 26,3ss).

O *background* dessa tomada progressiva de consciência teológica da bênção está na grande decisão de fé, tal como a coloca Jr 17,5.7: *Assim diz o Senhor: Maldito o homem que se fia no homem; que faz da carne a sua força, mas afasta seu coração do Senhor! ... Bendito o homem que se fia no Senhor, cuja confiança é o Senhor.*

A concepção da bênção vai encontrar uma nova etapa quando se fixa na dimensão do culto. Pois será justamente no culto que o israelita vai buscar, como apresenta a Bíblia,

<sup>50</sup> Cf J. L. MACKENZIE, Dicionário Bíblico, p. 115.

uma comunhão mais estreita com Deus, que é o “Bendito”, que comunica fecundidade, isto é, vida. E para que aconteça essa almejada comunicação é necessário buscar a Deus no lugar onde ele se deixa encontrar, ou seja, no Santuário legítimo, pois ele é regido pelas leis estabelecidas na Torá, como afirma Amós 5,4-6: *Porque assim falou o Senhor à casa de Israel: Procurai-me e vivereis! Mas não procureis Betel, nem entreis em Guilgal e não passeis por Bersabeia ... Procurai o Senhor e vivereis!*

A vida ou a bênção é comunicada ao israelita fiel pela Palavra de Deus da qual o sacerdote é o mediador, como vemos nas palavras do sacerdote Eli a Ana, a mãe de Samuel (cf. 1Sm 1,17). O israelita fiel estava convicto de que a própria essência da força sobrenatural inerente à bênção tinha que necessariamente ser mediada por ritos e atos cultuais. O elemento que marca definitivamente esse modo de pensar foi o desejo do povo de ser sempre e renovadamente fazer a experiência da bênção de modo palpável na vida do culto que é operada no lugar do Santo ou no Santuário. Nesse contexto, somente homens separados para isso podiam proclamar a bênção em Nome do Senhor e suplicar a bênção na atmosfera: espaço e tempo da oração litúrgica. Como exemplo dessa etapa da consciência da bênção, a Bíblia apresenta o caso da bênção que Melquisedeque pronuncia sobre Abrão (cf. Gn 14,19); o caso da grande bênção de despedida de Moisés, depois de seu terceiro discurso, pronunciada sobre as doze tribos de Israel (cf. Dt 33,1ss); da bênção de Josué (cf. Js 14,13; 22,6-7); da bênção de Eli (cf. 1Sm 2,20), etc.

Dar a bênção solene, em um contexto cultural, era, antes de tudo, uma prerrogativa real. A Bíblia mostra isso quando, por ocasião do traslado da Arca da Aliança de Baala de Judá, antigo nome da Cariat-Iarim (cf. Js 15,9; 15,60; 18,14), para Jerusalém, o rei Davi, após ter oferecido sacrifícios, abençoa o povo *em Nome do Senhor dos Exércitos* (cf. 2Sm 6,18); e também na cerimônia da dedicação do Templo, onde o rei Salomão é aquele que em Nome de Deus, como seu mediador, abençoa a multidão, que se conserva respeitosamente em pé (cf. 1Rs 8,14-61).

Gradativamente o ato de abençoar foi sendo transferido aos sacerdotes e se torna deles uma prerrogativa. Eles passam a ser os mediadores da bênção de Deus. Em Nm 6,22-27, encontra-se a chamada bênção de Aarão, que é a base da bênção dada pelos sacerdotes e será o protótipo de toda bênção do culto. A Bíblia menciona também uma bênção dada por Aarão e logo depois, também na atmosfera do culto, uma outra bênção dada por ele e seu irmão Moisés juntos (cf. Lv 9,22-23). A bênção aparece ainda como sendo prerrogativa da tribo de Levi (cf. Dt 10,8; 21,5; 1Cr 23,13).

O termo *bênção* (בְּרָכָה), a partir de seu uso no culto, receberá ainda uma profunda mudança em seu sentido próprio, acolhendo assim uma nova compreensão teológica.

Se de um lado os sacerdotes continuarão a invocar a bênção do Senhor sobre o povo no quadro do culto; de outro lado, a bênção, cada vez mais, antes de qualquer outra coisa, vai tomar a forma de uma fórmula de louvor, de glorificação e de ação de graças que Deus recebe do povo<sup>51</sup>, de tal modo, que o termo bênção será o equivalente de outros termos bíblicos que expressam o louvor, a glorificação e a exaltação de Deus e, como consequência natural, por influência do culto, a *bênção* será assumida como o termo litúrgico, por excelência, para a oração. Desse modo, Deus abençoa o ser humano, o tempo, as coisas; mas, por sua vez, o ser humano vai “bendizer a Deus”, isto é, vai glorificá-lo como fonte e princípio de toda bênção nos céus, na terra; e não somente no Santuário, mas em todo lugar e de modo particular, nas festas e de modo mais particular ainda, no sábado.

Esse fenômeno no qual o ser humano “bendiz a Deus” está presente em muitas passagens da Bíblia (cf. Gn 24,48; Dt 8,10; Jz 5,2; 9; Tb 12,6). Em muitos salmos, oriundos do culto, existe um convite insistente para se “bendizer a Deus”, como, por exemplo, os Sl 16,7; 33,2; 68,27. Dn 3,52 ss (LXX), em seu cântico dos três jovens, as fórmulas de bênção aparecem trinta e duas vezes.

Esse modo de se relacionar com Deus, bendizendo-o torna-se, outrossim, um elemento de máxima importância da vida religiosa israelita. É por isso, que o israelita orante sabe que toda a sua vida está nas mãos de seu Criador, que o libertou, separou enquanto povo e deu-lhe a sua Torá, e que a melhor maneira de expressar a sua fé, seu reconhecimento e sua esperança está no ato de “bendizer a Deus”. Aí está o sentido preciso do qual estão revestidos os termos: *bênção*, (בְּרָכָה) (εὐλογία) e *bendizer* (בָּרַךְ) (εὐλογεῖν). Bendiz-se e se glorifica a Deus na oração, tanto litúrgica como particular.

### c. bênção na tradição rabínica

Na tradição rabínica, são estabelecidas as regras exatas segundo as quais a bênção deve ser dada pelos sacerdotes, seja no Templo, seja na sinagoga. A diferença entre estas duas formas está justamente que no Templo os sacerdotes pronunciavam o Tetragrama Sagrado (YHWH) algo que era impensado e jamais praticado fora dos limites do Templo.

<sup>51</sup> Cf. J. L. MACKENZIE, Dicionário Bíblico, p. 115.

À parte a bênção dos sacerdotes, o termo *bênção* significa, quase exclusivamente, a fórmula de oração de louvor, no ato de bendizer a Deus.

Para sublinhar a antiguidade do uso da oração, via *bênção*, a tradição rabínica faz remontar este costume aos Homens da Grande Assembleia<sup>52</sup> e também aos Cento e Vinte Anciãos<sup>53</sup>, isto para se referir ao organismo composto por sacerdotes e escribas que auxiliou o sacerdote Esdras na execução das reformas, após a volta do Exílio. A Bíblia mostra, por sinal, em Ne 9,5 que já na época de Esdras, a oração pública já começa por meio de uma fórmula de bênção: *Bendito sejas tu, Senhor, nosso Deus*, e o povo respondia, após cada bênção: *Amém* (cf. Ne 8,6). Trata-se, aqui, de uma assembleia reunida sobre o monte do Templo, mas fora do recinto, do limite próprio do Templo, porque nele propriamente dito nunca se respondia: *Amém*; mas a fórmula “bendito seja o Nome glorioso de seu reino para sempre”, ou se utilizava também uma das doxologias que são encontradas nos Salmos (cf. Sl 41,14; 72,18-19; 104,48).

Outros *loci* para se constatar esse aspecto da bênção na tradição rabínica são os dois Talmudim, os quais trazem uma ordem das orações litúrgicas, chamada de “Seder Berakhot”, na qual são encontradas, entre outras, principalmente a oração do “Shema’ Israel” (cf. Dt 6,4-9; Dt 11,13-22 e Nm 15,37-41), o qual é enquadrado por duas bênções antes da sua récita, sendo a primeira dedicada à Criação do mundo e uma depois, a última: consagrada à libertação da terra do Egito; e a oração chamada “Shemone Esre” ou Dezoito bênções.

Na tradição rabínica, portanto, a *bênção* torna-se sinônimo absoluto de oração<sup>54</sup>.

Assim Deus é fonte da bênção, pois para ele abençoar significa: deixar cair sobre as suas criaturas a abundância de sua vida. E as suas criaturas o bendizem pelas suas dádivas. Essa realidade é tão importante para Israel que se apropriar do que quer que seja da criação sem pronunciar uma bênção, é um ato de sacrilégio, um roubo mesmo; pois tudo pertence ao Criador<sup>55</sup>. É por essa razão que a tradição rabínica ensina que jamais se abençoa um objeto, um alimento; mas se bendiz a Deus por causa de tal e tal coisa; a bênção não é uma ação de graças por um dom recebido, mas um louvor do coração dirigido a Deus que é a

<sup>52</sup> Cf. T.B. Berakhot 33a.

<sup>53</sup> Cf. T.B. Meguilla 17a; T.J. Berakhot 2,4d.

<sup>54</sup> Cf. A-C. AVRIL; D. DE LA MAISONNEUVE, Prières Juives, p. 13.

<sup>55</sup> Cf. T.B. Berakhot 35ab.

fonte de toda a riqueza<sup>56</sup>; de igual modo, quando uma pessoa abençoa uma outra, ela se torna um canal gratuito da única bênção de Deus<sup>57</sup>.

Destarte, a bênção na Bíblia é sempre a possibilidade de vida; está sempre em ligação com a vida. Ela é a indicação de um a mais de ser, ligado à santificação, e, por isso, ela é indicação de uma separação radical das forças materiais imanentes. E concomitantemente, a bênção é ocasião propícia de se bendizer a Deus. Do mesmo modo que a bênção de Deus se apresenta como um veio de vida fecunda, no mandamento do sábado de Ex 20,8-11, ela enriquece o repouso sabático com uma força vital fecundante. O sábado, portanto, é um dom de Deus: o Criador, fonte e doador da bênção, que gera vida ao ordenar, e, nele, o ser humano se torna um ser que agradece, bendizendo a Deus que lhe dá o tempo propício do sábado. Por isso, para se entender melhor o conceito de bênção, faz-se necessário um conhecimento do mandamento do sábado, ao qual tal conceito está intrinsecamente ligado.

#### 1.4.2.4 Sábado e Criação

A instituição do sábado não responde unicamente a um dever de memória, mas é o momento espiritual da *imitatio Dei* no qual o ser humano aprende de Deus a renunciar ao tudo querer fazer. A narração bíblica da Criação, à maneira da mitologia greco-latina, se abre anunciando uma idade de ouro. No entanto, nem na mitologia grega e nem no pensamento grego, é possível encontrar algo equivalente à instituição do sábado. A idade de ouro permanece uma nostalgia na mitologia grega, enquanto que o tempo-sábado a cada sete dias celebra e atualiza a obra da Criação.

O conteúdo de Ex 20,11, onde se encontra a motivação do mandamento do sábado, estabelecem uma ligação entre o mandamento do sábado de Ex 20,8-11 e a conclusão do primeiro relato da Criação de Gn 1,1-2,3, como é possível observar no conteúdo lexical que aparece sublinhado no texto de Gn 2,1-3: *Assim foram concluídos o céu e a terra, com todo o seu exército. Deus concluiu no sétimo dia a obra que fizera e no sétimo dia descansou (נַחַשׁ), depois de toda a obra que fizera. Deus abençoou o sétimo dia e o santificou, pois nele descansou depois de toda obra de criação.*

<sup>56</sup> Cf. F. MANN, La Prière à l'heure de Jésus, p. 49.

<sup>57</sup> Cf. A-C. AVRIL, La bénédiction d'Éphésiens 1,3-14 à la lumière de la tradition rabbinique, p. 57.

Esse texto mostra que o vocabulário utilizado para formar a estrutura concêntrica de Ex 20,8-11 é característica da teologia sacerdotal: a insistência sobre o *status* específico do sétimo dia e a noção de santidade. E Ex 20,10-11, ao identificar o dia do *sábado* com o *sétimo dia* faz o ouvinte-leitor ir ao *sétimo dia* da Criação de Gn 2,1-3.

O mandamento do sábado de Ex 20,8-11 faz com que o ouvinte-leitor, que conhece a Escritura, faça uma ligação com o sétimo dia da Criação de Gn 2,1-4a.

Deus, após ter criado os céus, a terra, o mar e tudo que eles contêm, no sétimo dia, descansa de sua obra criadora. O “fazer” criador de Deus (v. 11a) e o “fazer” da criatura humana (v. 9b) são colocados em paralelo na estrutura concêntrica do mandamento de Ex 20,8-11, visto acima. De fato, as mesmas palavras que designam a obra de Deus na primeira narração da Criação (cf. Gn 1,1-2,1-4a) são as mesmas palavras apresentadas para a obra do ser humano no Decálogo. Nele o sétimo dia aparece como um mandamento negativo, um dia no qual o trabalho não é permitido (v. 10b), pois é dia de: *menukhá* (מנוחה) Contudo, antes dessa ordem de cunho negativo, o texto diz claramente que tal dia sem trabalho é: *sábado para o Senhor, teu Deus!* (v. 10a), frisando com essa afirmação que o cessar, do qual derivou o repouso divino, é prerrogativa, antes de tudo, do Criador e só depois da criatura humana que nele se espelha. Assim, por meio da expressão: *Não farás nenhum trabalho*, o texto de Ex 20,8-11 evoca o momento do cessar de Deus no sétimo dia da Criação (cf. Gn 2,3), o qual é abençoado: cheio de vida, por isso mesmo, dia fecundo e santificado: separado-distinto-consagrado; na mesma dimensão teológica de Ex 20,11. Assim, o sábado é um dia posto à parte pelo Senhor porque ele é santo e aquele que o santifica participa da santidade de Deus. Pois a finalidade do mandamento é a santificação da comunidade.

O parar todo o trabalho (cf. Ex 20,10b) é a face negativa de um ato positivo de consagração da parte do ser humano o qual é chamado a “se lembrar” do sábado e a santificá-lo (v. 8.11), por meio desses atos próprios do sábado, todos são beneficiados, não somente o dono ou senhor da casa, mas todos aqueles que estão sob o seu domínio; por isso, todos têm direito ao descanso que “puxa a memória”<sup>58</sup> dos tempos dos seus antepassados. Dessa forma, o sétimo dia é bênção para o ser-humano e todo ser vivo (v. 10c) que durante seis dias está sob a servidão do trabalho contínuo e, por isso, a bênção e a

---

<sup>58</sup> Cf. M. SCHWANTES, *Projetos de Esperança*, p. 29.

santificação do sábado são sinônimos de libertação, ele é uma exigência<sup>59</sup>, “uma necessidade concreta<sup>60</sup>”: “O sábado veicula a libertação!”<sup>61</sup>

O sétimo dia é revelado como o ápice da primeira narração da Criação (cf. Gn 1,1-2,1-4a), sendo um dia de descanso. Para esse dia, tudo converge. O redator-narrador trabalhou de modo acurado na construção de Gn 1,1-2,1-4a<sup>62</sup>. Ela é cheia de repetições e, no dizer de Beauchamp: “sua repetição constitui, ao que parece, a essência da construção literária”<sup>63</sup> e, como tal, é reveladora de um grande conteúdo teológico no centro do qual está o sétimo dia. Vejamos um repetição que faz ressaltar o número sete em Gn 1,31-2,3, que nos faz lembrar que a Criação foi uma obra concluída, o que significa dizer que: Deus descansou. Ei-la:

Viu Elohim tudo quanto *fizera* (1), e eis que era muito bom. Houve uma tarde e uma manhã, o sexto dia. Assim, pois, foram *acabados* (2) os céus e a terra e todo o seu exército. E, havendo Elohim *terminado* (3) no sétimo dia a sua obra, que *fizera* (4), descansou nesse dia de toda a sua obra que *tinha feito* (5). E abençoou Elohim o sétimo dia e o santificou; porque nele descansou de *toda a obra* (6) que, como Criador, *fizera* (7).

Em Gn 2,1, a obra da Criação é como recapitulada pelos termos: céus, terra e todo seu exército. E Gn 2,4a está construído de modo simétrico com Gn 1,1 nos termos: céus, terra e criar; tendo, ao longo da Criação, o verbo “fazer” o qual aparece em Ex 20,11 ligado ao termos: céus e terra; e, em Dt 5, 15, o verbo “fazer” está ligado ao sábado como sinônimo de “guardar”.

Gn 2,1-4a são apresentados quatro verbos que caracterizam, de modo específico, o sétimo dia: concluir, cessar-descansar, abençoar e santificar. Dois deles são repetidos duas vezes: *kalah* (כָּלַה): concluir e *shavat* (שָׁבַת): cessar, parar. Os outros dois verbos são: *abençoar*, que está no grau piel de *barakh* (בָּרַךְ), estando os quatro verbos acoplados ao *waw* conversivo, o que não ocorre em Ex 20,11, onde o verbo *abençoar* está no tempo passado sem o *waw* conversivo; e o verbo: *santificar*, que está também no grau piel de *qadash* (קָדַשׁ): santificar, consagrar. A raiz deste verbo exprime, antes de tudo, o ato de separar e depois é raiz da ação de santificar, por isso o que é santo, é separado<sup>64</sup>, como já

<sup>59</sup> Cf. M. SCHWANTES, *Projetos de Esperança*, p. 28.

<sup>60</sup> M. SCHWANTES, *Projetos de Esperança*, p. 29.

<sup>61</sup> M. SCHWANTES, *Projetos de Esperança*, p. 30.

<sup>62</sup> Os exegetas atualmente datam esse texto no século VI a.C. e localizam-no na Babilônia no período do exílio. Dizem ser obra de redatores da escola sacerdotal. Ele é um texto que se aproxima muito da narração do mito babilônico *Enuma Elish*.

<sup>63</sup> P. BEAUCHAMP, *Création et separation*, p. 42.

<sup>64</sup> Cf. D. DE LA MAISONNEUVE, *L'Hébreu biblique par les textes*, p. 57.

fora apontado. Assim, o sétimo dia é um tempo colocado à parte, que possibilita o ser humano estar na presença de Deus, é como se o ser humano estivesse fora do tempo que rege os outros seis dias. Em Ex 20,11, o verbo *santificar* é construído com o tempo futuro mais o *waw* conversivo e o pronome acoplado à raiz; em Gn 2,3, o pronome não está acoplado à raiz. Os verbos *abençoar* e *santificar*, em Gn 2,3, não aparecem repetidos no texto como acontece com outros termos. O verbo *santificar* aparece pela primeira vez não aplicado a coisas, como era costume em outras culturas, mas ao tempo e vai ser este tempo o *locus* onde se dará a conclusão da série de elementos criados em sete dias. Assim, Gn 2,3 contém quatro afirmações relativas ao sétimo dia e em cada repetição o redator-narrador acrescenta um elemento novo até encontrar sua conclusão no v. 3a: *Deus abençoou o sétimo dia e o santificou*.

Gn 1,1-2,1-4a tem como tema central um conceito caro à teologia da escola sacerdotal: o separar. Essa narração é marcada pelos atos de separação de Deus: atos que separam os elementos, as espécies entre elas e o tempo do sétimo dia. Ex 20,8-11 reenvia o ouvinte-leitor para esse tema central: separar. Mas o termo: *separar*, não aparece; no entanto, ele é desvelado pelo verbo: *santificar* (v. 3), pois a primeira noção da raiz de *santificar* é: *separar*. E, no sétimo dia, a separação é de ordem temporal. E o que se percebe, portanto, é que a expressão: *o sétimo dia* é o elemento ritmador do conjunto do texto de Gn 2,1-4a, onde essa expressão é triplamente repetida (v. 2-3), sendo que é acoplado, por duas vezes, à expressão: *a obra que fizera*. E a dupla: *céus e terra*, que aparece em Gn 2,4a, faz uma inclusão, cuja finalidade é apontar para o começo da narração (cf. Gn 1,1), formando assim uma inclusão geral, que engloba uma inclusão particular (cf. Gn 2,1.4a).

Tal como os seres vivos, o sétimo dia é abençoado por Deus e disso decorre a certeza de que os benefícios divinos são dons inerentes ao sétimo dia, que é ele também um dom. E Deus, ao abençoar *o sétimo dia*, fez dele uma fonte de bênçãos: vida e fecundidade.

Em Ex 20,11, do mesmo modo, que em Gn 1,22.28, a bênção de Deus se mostra fecunda, no mandamento do sábado, que é dia santo, a bênção divina enriquece o repouso do sábado com uma força vital fecundante. Desse modo, deduz-se que *abençoar* é sinônimo de *santificar*, mas também, o dia do descanso é um dia de bênçãos divinas e



fonte de vida para todos aqueles que o guardam<sup>65</sup>. A bênção, que tem sua origem no Criador é, portanto, algo concreto que faz florescer e multiplicar.

Assim, a vida humana dever ter a Deus por modelo de seu agir. O ser humano é chamado a imitar o seu Criador do qual ele é imagem e semelhança (cf. Gn 1,26-27). Ele faz parte do projeto de Deus, que é seu Pai<sup>66</sup> e realiza sua vocação de filho à medida que vive sua condição de semelhança<sup>67</sup> divina.

O v. 11 faz menção do ato criador de Deus e o v. 9b coloca o agir humano em relação ao agir divino. Desse modo, o agir humano é apresentado como uma participação na obra criadora de Deus. Assim como o ser humano colabora na criação de Deus, ele também é chamado a participar do repouso divino no sétimo dia (v. 11c; 11b). Isso revela que o ser humano participa do poder criador de Deus, não de igual modo, mas como co-criador e para isso é mister que ele observe o que Deus lhe propôs, ou seja: a vivência dos fundamentos que sustentam a relação de Aliança: os mandamentos da Torá.

A estruturação da Criação se baseia no falar de Deus e na percepção da passagem do tempo vinculado à liturgia da Aliança, assim a narração da Criação é uma declaração normativa para a vida de Israel<sup>68</sup>, a qual encontra sua razão de ser no mandamento do sábado ou no culto sabático proposto no Sinai, como ensina Ex 20,8-11. É dessa forma que a liturgia cósmica da Criação assume a perspectiva de fazer memória retro-projetiva das obras salvíficas, ou seja: desde o início do mundo é prevista a plenitude da vida de Israel na salvação que provem de Deus (cf. Ex 20,2; Dt 5,6.15). Esse anacronismo litúrgico, que retroprojeta a história da salvação até um tempo primordial e, dentro dele, um tempo abençoado e santo, indica que o redator-narrador da escola sacerdotal pressupõe que a Criação só é possível dentro do tempo divino, deduzindo, a partir dessa maneira de pensar, que fora do tempo divino só existe desordem e vazio como apresenta Gn 1,2. Disso, aufere-se que: tempo e Criação são determinados pela Torá, e que, desse modo, a Criação possui uma finalidade “moral” vinculada à memória litúrgica: cumprir os mandamentos de modo ritual para se alcançar a salvação de Deus que, ao ver o agir do fiel, se lembra dele e o salva.

A finalidade da vida do ser humano, proposta por Deus, manifesta a plenitude de vida da Criação. E, assim, a existência humana só vai atingir seu escopo, quando

<sup>65</sup> Cf. F. DATTLER, *Gênesis*, p. 37.

<sup>66</sup> Cf. R. MEYNET, *Une nouvelle introduction aux évangiles synoptiques*, p. 85.

<sup>67</sup> Cf. R. MEYNET, *Une nouvelle introduction aux évangiles synoptiques*, p. 84.

<sup>68</sup> Cf. H. CROSS, *Exegese teológica de Gn 1-3*, p. 26.

efetivamente participar do descanso do sétimo dia: ícone da Aliança que se manifesta no texto. O ser humano tende para a Aliança como condição da plenitude da vida. Desse modo, é na relação ser humano-mandamento-Deus = Aliança, que se deslinda o fim de toda a Criação e tanto em Gn 1,1-24a como em Ex 20,8-11, é justamente o mandamento do sábado que é apresentado como o centro dessa plenitude. Dito de outro modo, do reconhecimento do fundamento ordenador do cosmo, o ser humano é chamado a assumir um posicionamento diante do mundo de acordo com aquilo que o harmoniza ou estrutura, ou seja: a Palavra de Deus que passa a ser sinônimo de mandamento na Revelação do Sinai/Horeb, cujo centro articulador e catalizador é o mandamento do sábado, que em Ex 20,11, faz memória da Criação.

Destarte, o ser humano não é o núcleo da Criação de *per si* e nem tão pouco expressa a perfeição das obras criadas *ipso facto* pela sua ontologia. É na história, espaço da ação que é recordada e santificada pelo agir humano, que se inscreve entre o ser humano e Deus, via mandamento da Torá que é cumprido, que se manifestará o escopo para o qual Deus destina toda a Criação: o sábado. É necessário frisar que é nesta relação do ser humano, via mandamento, com Deus, que o tempo cronológico se torna história, porque tende a uma finalidade estabelecida, deixando de ser uma mera contagem do passado, para exprimir o sentido deste em função do futuro de Deus. E é nesse futuro que o sentido nuclear do texto se desvela. Esse modo de pensar vem de encontro ao modo como Ouaknin<sup>69</sup> traduziu Ex 20,8, baseando-se em Rashi, visto acima: *Lembra-te do teu futuro*.

O sábado, como dia a que se destina o todo do relato da Criação, torna-se o centro irradiador de sentido para toda a narrativa. Ele não vem somente após os seis dias, mas ele os interpreta. E por meio da afirmação do sábado, como centro do relato, que a narrativa se vincula à concepção de história da salvação, expressa pelo pacto na montanha do Sinai<sup>70</sup>. Isso porque o sábado e a Criação estão intimamente ligados. Culturalmente o sábado é uma das instituições mais importantes de Israel, pois, delinea a maneira de ser do israelita em sua relação como Deus e o próximo, numa referência direta com a Aliança; uma vez que, no relato da Criação, o agir humano, que imita o agir de Deus, está determinado pelo significado cultural do sábado<sup>71</sup> e que é a única festa proposta no Decálogo a qual, no Levítico, aparece encabeçando todas as festas, sendo, portanto, a festa por excelência (cf. Lv 23,2-3).

---

<sup>69</sup> Cf. nota 50.

<sup>70</sup> Cf. W. KERN, A Criação como pressuposição da Aliança no Antigo Testamento, p. 42.

<sup>71</sup> Cf. O. LORETZ, Criação e mito, p. 77.

Dessa forma, ao propor o sábadado como elemento hermenêutico do texto, o autor afirma que a Criação só possui sentido na vontade divina expressa na Torá. Assim, o ser humano vai descobrindo no culto os elementos que ele deve vivenciar para manter a Criação em situação ordenada e justa. Portanto, é o significado do sábadado que revela o sentido da Criação.

Destarte, o sábadado define a relação do ser humano com Deus, o Criador, que abençoa e santifica. Dessa forma, é no sábadado, - dia de repouso, dia abençoado e santo - que o ser humano toma consciência de sua responsabilidade de ser criado para cuidar do próximo e do mundo. Essa consciência deriva de um conhecimento anterior: Deus como Criador (v. 11), que é o Deus Libertador, que, após libertar, continua seu projeto de salvação, dando a lei, revelando-se como Legislador (v.1). Nessa ordem, vê-se claramente que a graça precede a lei (v. 2).

### **1.5. Considerações finais**

Este primeiro capítulo buscou fazer uma primeira abordagem do mandamento do sábadado da sua primeira versão que aparece no Decálogo de Ex 20,8-11. Primeiramente foi apresentado o texto hebraico, com tradução para o português, a crítica textual, propostas de composição literária, distinção entre leis apodíticas e casuísticas, mostrando que as leis do Decálogo são mais que leis apodíticas, são meta-normas, cuja principal a lei do sábadado, pois está no centro da estrutura do Decálogo e o próprio mandamento, no seu centro, reafirma a centralidade do sétimo dia do que ele representa: liberdade.

Quanto à composição literária, emergiram duas afirmações interessantes. A primeira constatação foi justamente a motivação das leis, que no texto aparece, após a segunda constatação, a centralidade do mandamento do sábadado. A motivação das leis é apresentada de modo narrativo logo no início do Decálogo ou Dez Palavras como prefere o judaísmo. Nesse início, Deus lembra ao povo que foi o seu libertador e, logo em seguida, como discurso direto seu, dá os seus Mandamentos ou Palavras. Essa articulação entre narração e leis mostra que existe uma inter-relação entre a história da salvação e as leis, onde a prioridade é da história da salvação. Tanto a história do povo quanto suas leis são lidas a partir da fé. Assim o Decálogo se torna um espelho de todo o conjunto do Pentateuco. Já a centralidade do mandamento do sábadado é atestada, pela estrutura concêntrica, de diversas

formas, tanto na macroestrutura quanto na micro, sem contudo alterar a sua centralidade e fazem o ouvinte-leitor se dar conta de que: de uma mesma revelação são geradas múltiplas interpretações.

E ao mandamento do sábado de Ex 20,8-11, estão relacionados, mormente, quatro conceitos: memória, santidade, bênção e Criação dos quais foram tecidas algumas considerações. Com relação à memória, que aparece como verbo no v. 8 e como motivação no v.11, foi apresentada a noção de memória da escola sacerdotal, para a qual a memória está em direta conexão com a obediência à lei, realizando uma ação ritual, o fiel santifica toda a comunidade. Para essa tradição, a lembrança não está ligada à memória de uma tradição fundante ou fundadora, mas cada vez que Israel realiza algo Deus se lembra dele. Outros comentários discutem a dimensão gramatical do verbo *lembra-te* e o gênero da palavra *sábado*, que apontam para uma dimensão de futuro e de gênero masculino ou feminino e feminino e masculino. Com relação à *santidade*, a constatação maior é que ela está ligada na Bíblia a uma separação, distinção, algo que coloca um limite e, dessa forma, realiza-se uma consagração. A respeito da *bênção*, o elemento mais importante é o seu aspecto de fecundidade, de abundância encontrada na Bíblia e o seu aspecto de louvor, de agradecimento utilizado pela tradição rabínica com base na Escritura. E, por fim, no último tópico deste primeiro capítulo, a relação entre o sábado e a Criação, onde se constata que o mandamento do sábado, no Decálogo de Ex 20,2-17, articula a relação com Deus e a relação com o próximo. *Lembrar* e *santificar* o *sábado* (v.8) significa dar ao próximo um justo repouso e confessar Deus como Criador, como aparece na motivação do v. 11. Estes quatro conceitos podem ser resumidos respectivamente aqui por três palavras, em forma de binômio: atualização/futuro, separar/consagrar e fecundar/bendizer e Criar/descansar-sábado/descansar.

## CAPÍTULO II

### 2. O MANDAMENTO DO SÁBADO EM DT 5,12-15

Uma outra forma de apresentar o mandamento do sábado é veiculada uma segunda vez, agora, pela versão de Dt 5,12-15, que é o último livro do Pentateuco. Nessa versão, a motivação é de cunho ético/social/antropológico que insiste na dimensão da igualdade entre os que fazem parte do convívio da casa e fazem-na funcionar. Em Ex 20,8-11, como vimos, o texto se firma em uma motivação teológica: o descanso divino no último dia da Criação do mundo. Embora Dt 5,12-15 finque suas raízes em uma dimensão antropológica, a sua motivação parte de uma ação que requer uma adesão de fé, ou seja: a libertação da terra do Egito como obra de Deus. Se em Ex 20,8-11 é necessário guardar o sábado como lembrança da Criação do mundo, lembrando que no último dia da mesma, Deus colocou um limite no seu poder de criar, aqui o mandamento sabático deve ser guardado como lembrança da saída da terra do Egito, sendo, portanto, o sábado afirmação da liberdade e de que Deus é o Libertador de Israel, Aquele que não põe limites para libertar o seu povo daquele que perdeu a memória (cf. Ex 1,8).

#### 2.1 O texto hebraico

v. 12a הַשְּׁבֵת אֶת-יְיָ שְׁמוֹר

v. 12b לְקַדְּשׁוֹ

v. 12c אֲלֹהֶיךָ יְהוָה כְּאֲשֶׁר צִוְּךָ

v. 13a שֵׁשֶׁת יָמִים תַּעֲבֹד

v. 13b וְעָשִׂיתָ כָּל-מְלַאכְתְּךָ

v. 14a יוֹם הַשְּׁבִיעִי

- v. 14b שִׁבַּת לַיהוָה אֱלֹהֶיךָ
- v. 14c כָּל־מְלָאכָה לֹא תַעֲשֶׂה
- v. 14d אַתָּה וּבְנֵי־יְבִתְךָ וְעַבְדְּךָ וְאֹמְתְךָ וְשׁוֹרְךָ וְחֹמְרְךָ וְכָל־בְּהֵמָתְךָ וְגֵרְךָ
- v. 14e אֲשֶׁר בְּשַׁעְרֶיךָ
- v. 14f לְמַעַן יָנוּחַ עַבְדְּךָ וְאֹמְתְךָ כְּמוֹךָ
- v. 15a וְזָכַרְתָּ
- v. 15b כִּי־עָבַד הָיִיתָ בְּאֶרֶץ מִצְרַיִם
- v. 15c וַיִּצְאָךָ יְהוָה אֱלֹהֶיךָ מִשְׁם בְּיַד חֲזָקָה וּבְזֹרֹעַ נְטוּיָה
- v. 15d עַל־כֵּן צִוָּךָ יְהוָה אֱלֹהֶיךָ
- v. 15e לַעֲשׂוֹת אֶת־יְוָם הַשַּׁבָּת

Nos versículos de 12-15 de Dt 5,6-21, encontram-se seis variantes. Isto significa dizer que são sete variantes a menos que em Ex 20,8-11; pois, como visto, a versão do mandamento sabático, fornecida pelo Decálogo de Ex 20,2-17 possui um total de treze variantes.

As seis variantes de Dt 5,12-15 estão distribuídas da seguinte forma: no v. 13b: uma; no v. 14a,b,d,e: quatro e, por fim, no v. 15e: uma.

a) v. 13b:

Nesse v.13b, a letra “a” atesta que, em manuscritos do Mar Morto, existe o acréscimo de uma partícula indicadora de um complemento verbal objeto direto antes do adjetivo: *todo*: (אֶת כּוֹל).

b) v. 14a:

A letra “a”, desse v. 14a, atesta que no texto do Códice manuscrito hebraico 69; em poucos manuscritos hebraicos medievais; em manuscritos do Mar Morto; no Papiro de

Nash, há o acréscimo da preposição: *em* (עַ) mais o artigo: *o* (הַ): (וְהַיּוֹם). Pede para conferir Ex 20,10. Aparece ainda, em alguns manuscritos do Mar Morto, a presença de um pronome relativo: (וְ) mais a expressão: (וְהַיּוֹם).

c) v. 14b:

No v. 14b, a letra “b” atesta que em alguns manuscritos do Mar Morto e no Papiro de Nash aparece um advérbio de lugar no feminino: (הַבַּיְתָה), enquanto o Pentateuco Samaritano, a Septuaginta, a versão siríaca Peshitta e a Vulgata apresentam o acréscimo do advérbio no masculino: (בַּיּוֹם).

d) v. 14c:

A letra “c”, desse versículo 14c, atesta que, em manuscritos hebraicos medievais, em manuscritos do Mar Morto, no Pentateuco Samaritano, na Septuaginta e na Vulgata não aparece a conjunção aditiva: (וְ).

e) v. 14d

No v. 14d, está atestado na letra “d” que em manuscritos hebraicos medievais, em manuscritos do Mar Morto, no Papiro de Nash, no Pentateuco Samaritano e na Septuaginta não está presente a conjunção aditiva: *e* (וְ).

Como o aparato crítico já fizera a menção da diferença entre o início de Ex 20,8 que utiliza o verbo: *zakhor*, e o início de Dt 5, 12, que utiliza o verbo: *shamor*; tal como o faz o Pentateuco Samaritano, não volta a fazê-lo aqui no mandamento do sábado de Dt 5,12.

Como pudemos observar, o aparato crítico não traz nenhum elemento relevante, salvo o que já fizera constatando que Dt 5,12 prefere o mesmo verbo: *shamor* do qual se utiliza igualmente o Pentateuco Samaritano e que inspirou muitas interpretações como veremos no seguimento desta pesquisa.

## 2.2 Tradução portuguesa

- v. 12a: *Guarda o dia de sábado*
- v. 12b: *para santificá-lo*
- v. 12c: *conforme te ordenou YHWH<sup>72</sup>, teu Deus*
- v. 13a: *Tu servirás durante seis dias*
- v. 13b: *e farás todo o teu trabalho*
- v. 14a: *Mas o sétimo dia é sábado para YHWH, teu Deus*
- v. 14b: *Não farás nenhum trabalho, tu*
- v. 14c: *e teu filho e tua filha*
- v. 14d: *e teu servo e tua doméstica*
- v. 14e: *e teu boi e teu jumento e todos os teus animais*
- v. 14f: *e teu imigrante que está em tuas portas*
- v. 14g: *a fim de que teu servo e tua doméstica descansem como tu*
- v. 15a: *Tu te lembrarás de que foste escravo na terra do Egito*
- v. 15b: *e que YHWH, teu Deus te fez sair de lá*
- v. 15c: *com mão forte e braço estendido*
- v. 15d: *Eis porque te ordenou YHWH, teu Deus,*
- v. 15e: *guardar<sup>73</sup> o dia de sábado.*

---

<sup>72</sup> Optamos em manter o tetragrama em vez de traduzi-lo. Tal apresentação possibilita uma melhor visualização desse termo que possui uma função estruturante de grande importância.

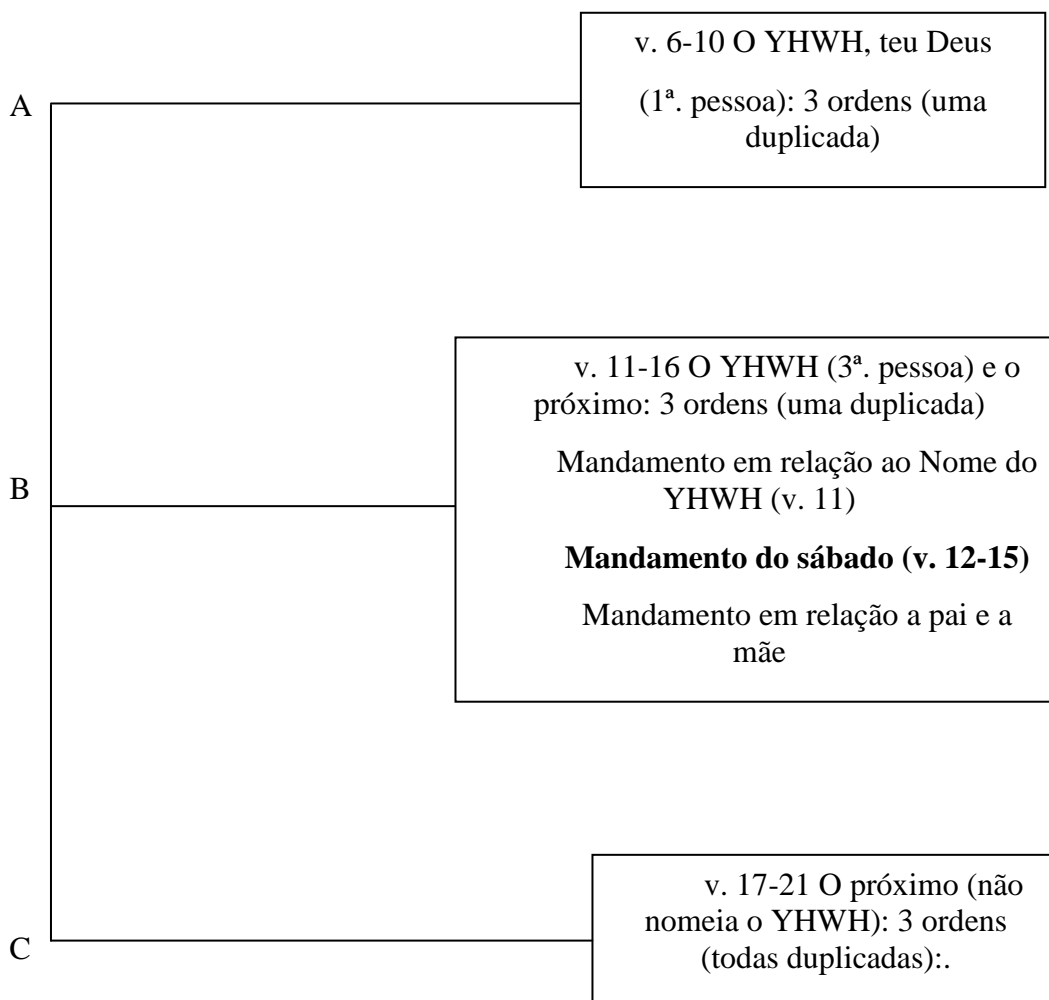
<sup>73</sup> O verbo que aparece no texto é: *fazer* (לַעֲשׂוֹת), mas optamos pelo verbo: *guardar* (לְשַׁמֵּר)



## 2.3 Estrutura Literária

### 2.3.1 O mandamento do sábado no centro de Dt 5,6-21

A divisão do Decálogo de Dt 5,6-21 resulta na seguinte estrutura de conjunto:



Mais uma vez constatamos que o mandamento do sábado está localizado bem no centro da macro-estrutura, agora a partir do Decálogo de Dt 5,6-21. Aqui o mandamento ou lei ou ensinamento em forma de revelação possui um total de 254 sinais visíveis, ou seja, consoantes mais *matres lectiones*, assim distribuídas: v. 12: 34, v. 13: 24, v. 14: 109 e v. 15: 87. Dessa centralidade decorre que o mandamento do sábado ou palavra sobre o sábado, ou lei/ensinamento divino contém em si todo o dinamismo do Decálogo, vertical e horizontalmente.

### **2.3.2 O mandamento do sábado em Dt 5,12-15**

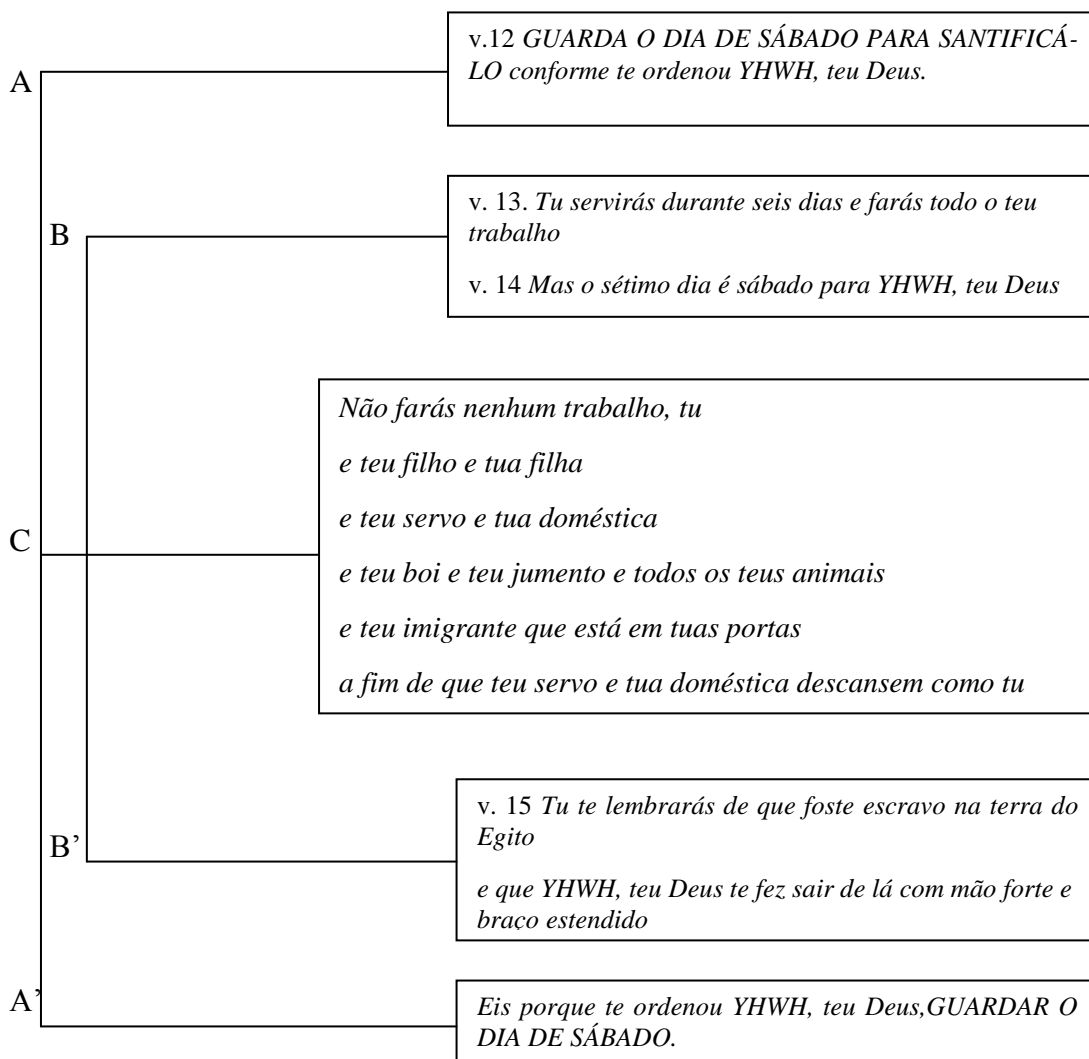
Como centro do conjunto decalógico, ou como centro daquilo que Deus quer ensinar para formar comunidade a partir de um centro “grávido” de instruções para serem interpretadas em cada época, já que o texto não se refere a uma época histórica determinada, mas faz questão de situá-lo na montanha do Horeb/Sinai, que simbolicamente - pela forma da montanha e pela interpretação do verbo: - aponta para a o útero materno em sua forma e significado vital.

Nesse momento da pesquisa gostaria de observar três propostas de estrutura literária do mandamento do sábado em Dt 5,12-15.

Não somente somos surpreendidos pela diferença de verbos logo no início do mandamento revelado do sábado de Dt 5,12-15 o qual difere de Ex 20,8-11, como visto acima, mas também notamos a arte do teólogo/redator ou teólogos/redatores em pensar numa estrutura literária para chamar a atenção do ouvinte/leitor que precisa conhecer o texto e não apenas ouvir, mas escutar o texto; não apenas ler, mas meditar o texto. Pois somos surpreendidos mais uma vez, justamente pela constatação de que, além do mandamento do sábado ocupar o centro do Decálogo, também ele possui um centro que se manifesta, e aí mais uma vez, pela terceira vez agora, observamos que o mesmo conteúdo central contido no mandamento sabático pode ser visto no mínimo de três formas. Ei-las para continuar nos instigando a procurar mais e mais (cf. Is Am 5,4.6.14; Mt 13,51).

#### **2.3.2.1 Primeira proposta**

Assim, como em Ex 20,8-11, o mandamento do sábado é central no Decálogo e ele próprio possui um centro que pode ser visto de diversas formas, encontramos no mínimo três; o mesmo ocorre com o mandamento do sábado em Dt 5,12-15. Além de ser o coração do Decálogo, nessa segunda versão, ele também foi elaborado de uma forma concêntrica.



Os marcos: A/A', v. 12.15de, formam a moldura externa, na qual, em forma de inclusão, é sublinhado que *guardar* o mandamento do sábado é uma ordem categórica do Senhor<sup>74</sup>. Enquanto que, dentro dessa moldura externa, os marcos mais internos irão detalhar o mandamento sabático: B/B', v. 13ab.14a.15abc.

A correspondência entre os marcos mais internos: B/B', v. 13ab.14a.15abc, não versam mais sobre o tema de Ex 20,9-11ab, ou seja: *seis dias e o sétimo dia*, mas, o que é destacado agora em Dt 5,12-15, nesses marcos mais internos, é a expressão: *YHWH, teu Deus*. Essa ordem do *YHWH, teu Deus* forma outra inclusão no interior da qual o mandamento do sábado é apresentado como um dia onde todos da casa devem descansar

<sup>74</sup> Depois dessa primeira menção, vamos usar o Tetragrama sagrado, como recurso literário, no lugar de: Senhor.

para assim se fazer memória do que aconteceu na Páscoa, ou seja: a libertação da terra do Egito pela ação de Deus. Esses marcos: B/B' cadenciam uma alternância entre os seis dias de trabalho e o sétimo dia que se deve reservar para o descanso. Desses marcos internos deriva uma dupla correspondência: primeiramente: ao tempo da servidão na terra do Egito: *Tu servirás durante seis dias e farás todo a teu trabalho*, corresponde: *Tu te lembrarás de que foste escravo na terra do Egito*; segundo: ao tempo do Êxodo e da liberdade: *o sétimo dia será sábado para YHWH, teu Deus*, corresponde a ação libertadora de Deus: *e que YHWH, teu Deus te fez sair de lá com mão forte e braço estendido*. No interior central da estrutura do mandamento do sábado em Dt 5,12-15, está o v. 14b-g, tal como a terceira proposta de Ex 20,8-11, no v. 10b-d, onde a ordem do descanso é lembrada muitas vezes em um total de catorze vezes<sup>75</sup>, sendo aplicada a todos desde os seres humanos que compõem a casa até os animais que estão ligados a ela também. A série apresentada no centro da estrutura concêntrica vai desde o mais próximo: *teu filho* até o mais afastado: *teu imigrante*<sup>76</sup>. Em Dt 5,14b-g, cada um dos membros é ligado um ao outro pela conjunção de coordenação aditiva: *e*. Já em Ex 20,10, a conjunção: *e* estabelece como que uma separação entre os três primeiros componentes da lista: *tu, teu filho, tua filha* e os demais componentes. Dt 5,14b-g acrescenta categorias de animais: o boi e o jumento; insistindo sobre a totalidade dos animais. E, no fim da série elencada, faz-se uma retomada pedagógica para que sejam lembrados, de um lado: o descanso para todos; e de outro: o que resultou da Páscoa: a dom da liberdade. Nessa série, encontra-se ainda uma terceira inclusão, ainda mais interna, formada pela segunda pessoa do singular masculina, no caso reto: *tu*, v. 14b, mais a mesma segunda pessoa, agora o pronome aparece sufixado a uma conjunção: *como tu*. E no centro, dessa estrutura interna, estão: *o servo e a doméstica*. Disso resulta que *aquele que serve* tem direito ao repouso, *como tu* que foste escravo na terra do Egito. Se a Torá, como ensinamento, mostrou que o mandamento do sábado em Ex 20,8-11, desvela que o descanso ou o cessar de Deus, que coloca limite no seu poder criador no sétimo dia, abre um espaço/atmosfera de liberdade ao ser humano que, por sua vez, deve colocar um limite ao seu exercício do poder; ela ensina agora em Dt 5,12-15: que o ser humano deve colocar a sua liberdade a serviço dos outros, a serviço da vida, sem

<sup>75</sup> Interessante lembrar que esse é o número da soma das consoantes que formam o nome do rei Davi, quando se usa o recurso da técnica da gematria: (דָּוִד): 4 + 6 + 4 = 14.

<sup>76</sup> O migrante é citado logo depois dos animais. Junto com o servo e a doméstica, que estão no centro dessa microestrutura, são os personagens postos em destaque.

medir esforços, tal como Deus: o Libertador. Não é suficiente colocar limite à sua força, mas é mister direcionar sua força para edificação do outro e da natureza.

Destarte, o mandamento do sábado abre um espaço para o próximo e cria uma espécie de espaço/atmosfera para uma relação de gratuidade, de encontro, de fraternidade, de exercício ou partilha de direitos e deveres que deve ser lembrado a cada sete dias, ou seja: a cada sete dias deve ser atualizado na ação de guardar o mandamento do sábado.

No mandamento do sábado de Dt 5,12-15, o Pentateuco ou a Torá de Moisés afirma mais de duas vezes (cf. Dt 5,6.15), o que já afirmara antes (cf. Ex 20,2) o que é preciso lembrar sempre, pois isso é vital para Israel e para todo aquele que é ouvinte-leitor do Decálogo<sup>77</sup> e, no seu coração, o mandamento do sábado: *Tu te lembrarás de que foste escravo na terra do Egito e que YHWH, teu Deus te fez sair de lá com mão forte e braço estendido* (v.15), no coração do coração: ser livre e promotor de liberdade para todos (C: v. 14b-g). Desse modo, como diz Wénin:

A versão deuteronomica do Decálogo avança uma outra justificativa do preceito do sábado: torna-se o sinal da liberdade de Israel. Mais exatamente é o sinal de que o poder do Senhor é serviço para a liberdade do povo escravo...Contudo, não se trata mais de limitar simplesmente o próprio poder<sup>78</sup>, mas também de colocá-lo a serviço da liberdade dos outros, em particular de todos que estão em situação de escravidão... O sábado torna-se, assim, esse dia simbólico em que o homem manifesta que é imagem de Deus quando experimenta a felicidade da liberdade que procura a renúncia à onipotência abrindo para os outros um espaço para a liberdade deles.<sup>79</sup>

Em Ex 14 se articulam promessa e cumprimento. Aquilo que Deus prometera aos pais, ele cumpriu-o para os filhos. Eis o que anuncia o mandamento do sábado em sua justificação ou motivação em Dt 5,15, como visto. O poder de Deus está a serviço do povo escravo. Toda a esperança e utopia de Israel têm suas raízes nesse momento único, e sempre atualizado, da saída do Egito. A memória da condição de escravo que foi a de Israel na terra do Egito, é dita e redita no Decálogo para recordar a Israel que ele foi libertado desse situação e, Dt 5,15, vem para lembrar, que não somente Israel, mas também

<sup>77</sup> A liberdade é o fundamento do Decálogo ou Dez Palavras e é condição essencial para se contrair a aliança com Yhwh. Nesse sentido, a liberdade é o coração da aliança. E o mandamento do sábado é aquele que de fato fala de liberdade.

<sup>78</sup> O autor está se referindo ao mandamento do sábado de Ex 20,8-11, como vimos no primeiro capítulo.

<sup>79</sup> Cf. A. WÉNIN, O homem bíblico, p. 107.

todos aqueles que com ele vivem, bem como toda a Criação, como já o proclamara o mandamento do sábado em Ex 20,8-11. Eis o que diz Beauchamp:

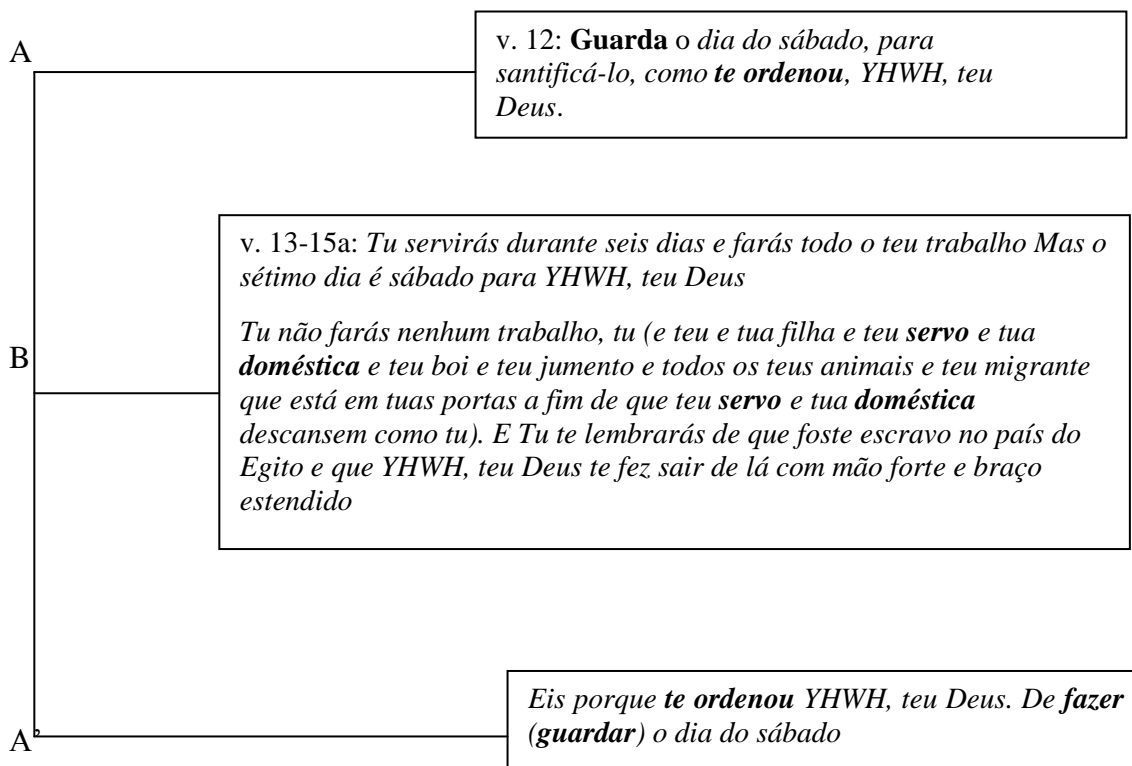
A posição intermediária da Lei é manifestada pelo mandamento do sábado: Ex 20, liga-o à criação e a narração sacerdotal dos sete primeiros dias (Gn 2,2s) lhe dá um fundamento no repouso de Deus, sob os olhos de Adão, uma vez sendo o mundo criado. Assim, portanto, o decálogo contém entre os preceitos universais um somente que parece unicamente israelita, mas este está fundado sob a ordem da criação, colocada por Deus diante de Adão, “revelado”, como diz a oração de Neemias (Ne 9,14), a Israel. Quanto ao Deuterônomo (5,12-15), ele funda sobre a história aquilo que Ex 20 fundou sobre a criação: repousando, desse modo, sobre a criação e a história e as gerações poderão assim ver no sábado uma espécie de resumo de toda a Lei.<sup>80</sup>

A Páscoa é para Israel um novo nascimento. A terra do Egito dava a Israel um certa segurança, da qual ele vai fazer menção insistentemente durante a travessia do deserto, no momento em que a água e a alimentação serão escassos (cf. Ex 14,11-12; 16,3; 17,3). Israel é chamado por Deus a se desvencilhar de toda conivência com a condição injusta de toda forma de escravidão, que é um brutal atentado contra a dignidade da pessoa humana. Em cada semana, o mandamento do sábado é a porta que conduz Israel, e toda a humanidade, para a liberdade; sendo meio que libertada de todas as novas formas de escravidão. A saída da terra do Egito gerou Israel como povo livre. O mandamento do sábado permite ao ser humano de se lembrar que ele é chamado para a liberdade e a ser agente de libertação. Liberdade esta que deve ser compartilhada com todos, inclusive com a natureza.

### 2.3.2.2 Segunda proposta de estrutura concêntrica

---

<sup>80</sup> Cf. P. BEAUCHAMP, *L'un et l'autre Testament*, p.53-54.



Essa proposta de construção concêntrica apresenta como centro os v.13a-15a (B); estes estão enquadrados pelas molduras externas (A/A'): v. 12a-12c/15b-e, que se correspondem: menção de: YHWH, teu Deus, no versículo 12 e no versículo 15b e a menção recorrente do verbo: *ordenar*, nesses dois segmentos; e ainda a injunção: *guarda o dia do sábado*, que no v. 15e aparece com o verbo: *fazer*.

O centro dessa segundo proposta: B: v. 13a-15a prescreve para se trabalhar seis dias, depois é para cessar o trabalho, associando ao chefe da casa, passo a passo, todos os membros da casa: filhos, depois: o servo e a doméstica; em seguida, os animais e até mesmo aquele que é visto como exterior à comunidade, ao povo de Israel: o estrangeiro. Nesse contexto: o sábado é, portanto, aqui um elemento gerador de igualdade, de comunhão, de partilha e que faz o ser humano se lembrar de sua natureza primeira: imagem e semelhança de Deus, isto é: ser livre. Como mandamento, a lei/ensinamento do sábado faz brotar o ideal da convivência harmônica em sociedade, produzindo, com isso, um movimento que gera a unidade da Criação, dentro de um dimensão, que é ainda limitada, ou precária, por estar na história, já que assim que passar o sétimo dia, o trabalho é retomado; mas que, por outro lado, enquanto realidade teológica ou meta-histórica, que

não está sujeita ao tempo: o sábado ou sétimo dia é um tempo fora do tempo, por ser momento na presença de Deus, uma espécie de antecipação da eternidade, um momento kairótico, ou antecipação da ressurreição, como aconteceu na Transfiguração (cf. Mt 17,1-8; Mc 9,2-8; Lc 9,28-36). Por isso, como se diz na Tradição de Israel que não é Israel que guarda o sábado, mas o sábado que guarda Israel; do mesmo modo, por analogia na linha do cumprimento, pode-se dizer: não é o cristão que guarda o domingo, mas o domingo que guarda o cristão.

Quando trabalhamos a versão do mandamento sabático em Ex 20,2-17, vimos que o redator ou redatores finais da escola sacerdotal faz ou fazem uma ligação entre a lei do sábado e a Criação, sendo, pois ele, um memorial das origens do início do mundo, chama o ser humano a guardar o sábado a fim de que ele imite a Deus o qual repousou no sétimo dia, após ter concluído a Criação. Agora, diante da versão do Decálogo do Deuteronômio 5,6-21, mais uma vez, constatamos, que o redator ou redatores finais dessa versão, de matriz deuteronomista, se apoia ou se apoiam sobre a memória histórica daquilo que Deus fez em favor de Israel: a libertação da terra do Egito. Aqui a lei do sábado quer dizer que: o trabalho deve cessar para que se deixe um espaço para essa memória histórica fundamental de intervenção divina na vida sofrida de Israel. Assim, ao se lembrar de que um dia fora escravo na terra do Egito e foi tornado por Deus livre, no passado; Israel se recorde, hoje, de ser livre e ser agente libertador do próximo por sua vez.

Desse modo, mais uma vez, o Decálogo, numa espécie de repetição pedagógica, retoma o motivo da servidão/libertação, que aparece desde o v. 6, e que retorna com força acentuada nas menções do: *servo* e da *doméstica* que devem participar, no dia do sábado, da liberdade de Israel hoje recordada. É nesse sentido que, no sábado, acontece, via cumprimento da lei de YHWH, uma ação **atualizada**: como no dia da Libertação, como no dia da Criação; e uma ação **atualizante**: como está acontecendo no sétimo dia, como tal ação está se desenvolvendo agora no sétimo dia e, por último, uma ação **atualizadora**: aplicação daquilo que o sábado, ou seja, aplicação da sua teologia e da sua mística para o presente e o futuro.

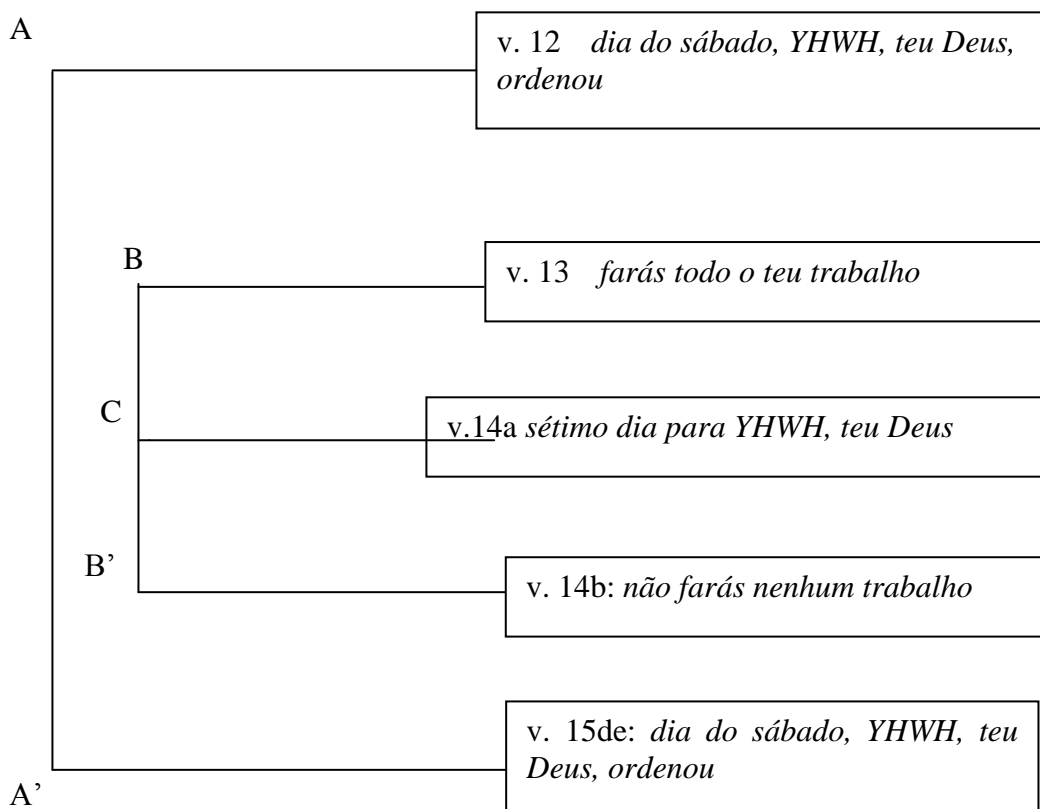
Aqui no mandamento do sábado do Decálogo de Dt 5,6-21, mais uma vez a questão da liberdade reaparece e se revela ainda com mais força “como o pivô do Decálogo”<sup>81</sup>.

---

<sup>81</sup> Cf. A-M. PELLETIER, Lectures bibliques, p. 133.



### 2.3.2.3 Terceira proposta de estrutura concêntrica



Essa estrutura concêntrica identifica o sétimo dia, que é um dia de descanso, de cessar o trabalho, segundo Ex 23,12, com o sábado da Criação. Essa estrutura está ligada a uma segunda estrutura de enquadramento, como acontece com a estrutura do Decálogo, que vimos acima, com a técnica chamada de clipeamento, ressaltando agora a dimensão do êxodo e da liberdade. Ei-la:

v. 14bd: *tu, e teu servo e tua serva*

v.14g: *descansar, teu servo e tua doméstica, como tu*

v. 15a: *tu foste escravo (servo)*.

Novamente nos deparamos com os temas: criação, êxodo/liberdade. Onde o mandamento do sábado aparece como sinal de liberdade para todos desde o início da Criação e, de modo pontual, na libertação da terra do Egito. Assim, o mandamento do sábado, que é veiculado pelas duas versões, como uma unidade, não poderia encontrar sua plenitude ou cumprimento senão na dimensão da redenção ou libertação ou salvação. A ação redentora do Senhor se apresenta como uma espécie de coroamento de sua obra criadora. A Escritura não desvincula a criação do conjunto do projeto salvador de Deus. Eis o que diz Rosenzweig: “O shabbat é a festa da criação, mas de uma criação que existe em vista da redenção; ele está explicitamente no fim da criação e como o sentido da criação”.<sup>82</sup>

O mandamento do sábado em Dt 5,12-15 é revelador da fé em Deus como o Redentor/Libertador de seu povo. Não apenas quando o ser humano se liberta da servidão imposta pelos seis dias, que é símbolo da escravidão da terra do Egito; mas o mandamento do sábado é sinal também de que não é suficiente o cessar do trabalho, é mister ainda ser responsável também pela liberdade dos outros no sétimo dia. De fato, em Dt 5,15: *fazer/guardar o dia de sábado* e justamente conceder o repouso a todos *como tu*. O v. 14, por duas vezes, faz menção o *teu servo e tua doméstica*; isso configura que: no dia do sábado, todas as diferenças sociais são abolidas. Dt 5,15 fornece o sentido profundo dessa atitude que diz respeito ao próximo: *Tu te lembrarás de que foste escravo na terra do Egito, e que o Senhor, teu Deus te fez sair de lá com mão forte e braço estendido*. O mandamento do sábado é memorial do ato libertador de Deus no Êxodo, e, ao libertar o seu povo, Deus realizou um outro ato no qual ele colocou Israel como um povo à parte, santificando-o como propriedade sua, realizando, desse modo, uma eleição (cf. Ex 19,5-6).

---

<sup>82</sup> Cf. F. ROSENZWEIG, *L'étoile de la Rédemption*, Paris: Seuil, 1982, p. 372.

## 2.4 Elementos histórico-teológicos

Da estrutura literária do mandamento do sábado, encontramos a sua centralidade que se revela de no mínimo três formas e nas quais pudemos encontrar uma gama enorme de afirmações teológicas às quais serão acrescentadas, por este item, outras contribuições que não têm a mínima intensão de esgotar o conteúdo teológico e místico do qual o mandamento do sábado é veículo central no Pentateuco.

### 2.4.1 O sábado e o verbo: guardar: *shamor* (שמור)

Vimos, no primeiro capítulo, que o mandamento do sábado em Ex 20,8 começa com o verbo: lembrar: *zakhor* (זָכַר). Este verbo, para a tradição sacerdotal, está em direta relação com a obediência à lei, ou seja: é na realização de uma ação ritual que se dá o processo de santificação pessoal e conseqüentemente comunitária de Israel. Mostramos também que, para os sábios do período talmúdico, o verbo: *lembrar* implica em realizar determinados atos, que são resultados de leis obedecidas, para transformar o sábado em um dia santo. Nesse sentido, é necessário realizar certos atos para que o sábado seja santificado e, desse modo, o ser humano se torne imagem de Deus. Sendo assim vivido, o descanso ao qual o sábado, como memória da Criação, se refere e ao qual remete, não consiste em ausência de tarefas, mas de determinadas tarefas, ou para ser mais preciso: são proibidas trinta e nove trabalhos. Esses trabalhos foram deduzidos pelos sábios do Talmud baseando em um versículo da Escritura que indica quais foram os trabalhos realizados para construir a Tenda da Reunião e mais tarde para a construção do Templo<sup>83</sup>. Nesse sentido, proíbe-se o que foi utilizado para construir o que está no espaço, em vista de privilegiar o tempo.

Agora fomos colocados diante da versão de Dt 5,12-15. E o que primeiro mais chama a atenção do ouvinte-leitor é, justamente, que essa versão do Deuteronômio começa, não mais com o verbo: *lembrar*, mas o verbo utilizado no v. 12 é o: *guardar*: *shamor* (שָׁמַר). Ele está no infinitivo absoluto do grau *pa'al*. O infinitivo absoluto substitui o imperativo para indicar uma ordem invariável em todos os tempos, como já visto acima.

<sup>83</sup> Cf. M-A. OUKNIN, Les Dix Commandements, p. 97.

No livro do Deuteronômio, o verbo: *guardar* é utilizado recorrentemente nas exortações que chamam o ser humano a observar as leis das quais Moisés é o mediador entre Deus e o seu povo.

Nessa versão do livro do Deuteronômio, o verbo: *guardar* motiva, orienta e ensina o ouvinte-leitor que o sábado está ligado à memória da saída da servidão da terra do Egito. Desse ensinamento, brota a afirmação de que YHWH é o Deus Libertador e conseqüentemente o sábado é anúncio e afirmação de liberdade. E, quando o sábado é guardado, demonstra-se, como isso, que não se é escravo dos patrões, de nosso trabalho ou das tarefas do dia-a-dia. A lei do sábado é, desse modo, um símbolo da liberdade do povo; ele é “nascimento para a liberdade”<sup>84</sup>

Os sábios do período talmúdico utilizaram termo/verbo: *guardar* para ser o veículo de seu ensino sobre a relação que existe entre o deixar de realizar os trinta e nove trabalhos e o descanso físico e emocional<sup>85</sup>.

a) O livro do Deuteronômio faz uma distinção entre: *guardar* e *lembrar*

O verbo: *shamor*, no livro do Deuteronômio, é frequentemente utilizado nas exortações que chamam ou orientam ou advertem o povo de Israel a se manter fiel às leis de Deus que tiveram Moisés como o mediador delas. E a maneira de se manter fiel a essas leis é: guardando-as, ou praticando-as; sendo assim fiel à aliança.

Destarte, além de começar com o verbo: *guardar* no v. 12, essa segunda versão vai apresentar mais uma vez o mesmo verbo no v. 15, mas agora ligado ao verbo: *lembrar*, que está em forma de injunção. No v. 15 é o verbo: *lembrar* que inicia o versículo e o verbo: *guardar* aparece ao lado da expressão: *dia do sábado*. Nesse momento, faz-se necessário, assim como vimos a dimensão de memória para a escola sacerdotal, vemos agora como a escola de tradição deuteronomista vê o termo: *memória*, *zikaron* (זִכָּרוֹן).

a') Memória segunda a teologia da tradição deuteronomista<sup>86</sup>:

<sup>84</sup> Cf. A. WÉNIN, O Homem Bíblico: Leituras do Primeiro Testamento, p. 101.

<sup>85</sup> Cf. L. ALANATI, O Shabbat – Múltiplas interpretações de uma mesma revelação, *Ribla*, Petrópolis, n. 40, p. 119.

Aqui devemos apresentar a noção de memória para a tradição deuteronomista, pois já sabemos que para os autores sacerdotais o verbo: *lembrar* é sinônimo de: obedecer a uma lei que sendo posta em ação ritual ou litúrgica é a garantia da santificação do indivíduo que santifica a comunidade.

Na tradição deuteronomista, o verbo: *lembrar* está ligado à dimensão do culto. E, nessa tradição, o culto aparece essencialmente como o tempo, cuja função é lembrar ao israelita as ações de Deus. Nesse sentido, o culto está baseado sobre a memória que o israelita tem das ações de Deus. Dt 5,15 apresenta o verbo: *lembrar* e este está sob a forma de uma injunção: *Tu te lembrarás que foste escravo na terra do Egito, e que o Senhor teu Deus te fez sair de lá com mão forte e braço estendido.*

Aqui se tem um exemplo típico de modo de interpretar da tradição deuteronomista onde a memória está ligada a Israel que é sempre o sujeito posto em relação com um evento histórico que é determinante para a sua história de salvação. Dessa maneira, a experiência histórica das intervenções de Deus Redentor fez com que Israel descobrisse sua dependência existencial do Deus vivo que continua salvando seu povo por meio do dom de suas leis e, de modo especial: a lei do sábado. E se tal lei, via vida cultural, é um convite a imitar Deus no criar e no redimir, ela reflete, outrossim, uma dimensão comunitária: a lei do sábado forma e alimenta o fiel e concomitantemente a comunidade. Quando o sábado é guardado ou santificado, em recordação da ação de Deus, ele se torna o tempo onde o ser humano reencontra sentido e direção não somente para a sua existência, mas também para a existência do outro e da natureza.

Destarte, o verbo: *lembrar* aponta para as ações que Deus realizou em favor de Israel e que o ser humano deve se lembrar; e também diz respeito às ações que Israel deve fazer para que Deus, ao ver tais gestos, ações, se lembre de Israel. A memória das ações realizadas por Deus em favor de Israel é a mais importante.

A noção de memória, tanto para a tradição sacerdotal: onde cada vez que Israel realiza um gesto, Deus se lembra dele; como para a tradição deuteronomista: onde o culto está baseando sobre a memória que o israelita tem das ações de Deus em favor de seu povo e das quais o povo se lembra, é portadora de uma virtude atualizadora. E, nesse sentido,

---

<sup>86</sup> Movimento literário e teológico formado e animado por escribas, não sacerdotes, portanto: leigos. Nascido antes do exílio da Babilônia, sendo muito atuante principalmente no exílio e depois dele. A base dessa tradição está no Deuteronomio: sigla **D**, que foi escrito por escribas motivados pela literatura e teologia proféticas, cujo autor principal é o profeta Ezequiel. Sigla: **Dtr**).

memória é também sinônimo de “aggiornamento”, ou seja: atualizar, tornar presente o ato do Deus Libertador, que é gerador de vida.

Assim apresentada, a lei do sábado é, não como em Ex 20,11: uma motivação teológica, mas uma motivação histórica, social, igualitária e que se estende inclusive aos animais domésticos. Nesse sentido, o sábado é celebração da liberdade que fora negada ao povo no período de sua servidão na terra do Egito e tempo ou dia da justiça no interior da comunidade para todos e até os animais. E descansando o ser humano e os animais, descansa também a terra.

#### b) *Guardar e lembrar* do sábado na Tradição Rabínica

Tanto o verbo: *guardar* quanto o verbo: *lembrar* estão ligados à regra de ação: *para santificar* (cf. Ex 20,8; Dt 5,12). Como vimos, no capítulo primeiro, o Talmud diz que o verbo *santificar* (לְקַדֵּשׁ) do v. 8b significa: consagrar uma mulher, desposar<sup>87</sup> e que o verbo *lembrar* (זָכוֹר) do v. 8a, que está ligado a *santificá-lo* (לְקַדֵּשׁוֹ), é indicação de que o sábado é uma noiva para Israel<sup>88</sup>. Essa interpretação também diz respeito a Dt 5,12b, onde aparece a finalidade do guardar, ou a sua regra de ação. Os sábios de Israel, para chegar a essa interpretação, se apoiaram sobre duas outras passagens da Torá: Ex 31,13 e Gn 2,3. A) Ex 31,13: *Observareis* (תִּשְׁמְרוּ) *de verdade os meus sábados, porque são um sinal* (אוֹת) *entre mim* (בֵּינֵי) *e vós* (בֵּינֵיכֶם). Eles tomaram duas palavras desse trecho da Bíblia: *sinal - oth* (אוֹת) e *entre - ben* (בֵּין): *um sinal entre*. O sábado é *um sinal entre*; isso significa dizer que, ao mesmo tempo, ele distingue e une. Estas duas polaridades: distinguir e unir são as duas faces do sábado. E, antes de tudo, o sábado une e distingue Deus de Israel. B) Gn 2,3: *Deus abençoou o sétimo dia e o santificou* (שָׁבַע). Aqui, os sábios vão jogar com o duplo significado do verbo hebraico: *santificar*, isto é: *consagrar* e *desposar* e ainda: *núpcias – qiddushim* (קִדּוּשִׁים). Nesse aspecto, existe entre o ser humano e o tempo uma espécie de aliança e, portanto, um casamento, onde o sábado é a esposa e o povo, o esposo. Essa esposa é rainha (*guardar*) e noiva (*lembrar*)<sup>89</sup>, e, por isso, o sábado é chamado de delícia (cf. Is 58,13). A partir dessa interpretação rabínica, o sábado, como esposa do mundo,

<sup>87</sup> Cf. A. J. HESCHEL, O Schabbat: seu significado para o homem moderno, p. 76.

<sup>88</sup> Cf. P. H. PELI, The Jewish Sabbath: a Renewed Encounter, p. 53.

<sup>89</sup> Cf. P. H. PELI, The Jewish Sabbath: A Renewed Encounter, p. 53.

“descobre os seus tesouros de amor e de beleza somente a quem sabe acolhê-lo com a candura e a paixão de um esposo”<sup>90</sup>.

O Talmud busca dar uma resposta à pergunta de dois verbos distintos para o mesmo mandamento do sábado, dizendo: “Lembrar e guardar foram proclamados em uníssono. O que a boca (humana) não pode dizer e o ouvido (humano) não pode ouvir”. Por acaso, estamos diante de um milagre!? Uma comunicação mística divina!? Duas mensagens em um único som!”<sup>91</sup>

Esse modo de interpretar dos sábios de Israel é uma tentativa de mostrar que o sábado é um exemplo das múltiplas interpretações possíveis de uma mesma revelação divina. A diversidade presente na Torá não fere a sua unidade. E, baseando nesse modo de interpretar, é que essa mensagem da diversidade em meio à unidade foi transformada em um ritual quando, no começo do sábado, duas velas são acesas por aquela que representa a força geradora: a mãe de família. Uma das velas simboliza a primeira versão do mandamento e é chamada de: *shamor* (*guarda*), e a outra simboliza a segunda versão chamada de: *zakhor* (*lembra*).

### c) sábado: observância e reflexão

No primeiro capítulo, vimos que do verbo: *zakhor*, nasce a substantivo: *zekher*: reflexão. Faz parte do mandamento do sábado falar sobre ele, refletir sobre ele. Nessa perspectiva, o sábado situa-se na linha da *memória*. Mas a Torá não fala somente de refletir sobre o mandamento do sábado. Ela fala, antes de tudo, de *shemirá*, da raiz verbal: (שמר). Se o verbo: *lembrar* indica também reflexão (*zekher*), o verbo: *guardar* indica que o sábado é igualmente uma instituição que é para ser vivida, é para se fazer experiência dela; e, dessa experiência, brota o testemunho. Nessa perspectiva, o sábado situa-se na linha da prática. E, nesse sentido, o mandamento do sábado tem dois aspectos, duas faces, de uma mesma e única realidade, que não podem ser dissociados: *guardar* e *lembrar*: *observância* e *reflexão* sobre ele. Essa relação, entre a *reflexão* e a *observância* do mandamento sabático, está bem sublinhada nos dois Decálogos, pois em ambos as versões, os dois verbos, que encabeçam o mandamento do sábado, estão intimamente ligados à sua regra de

<sup>90</sup> Cf. C. DI SANTE, *Liturgia judaica: fontes, estrutura, orações e festas*, p. 170.

<sup>91</sup> Cf. Tratado Rosh HaShaná 27a.

ação: *para santificá-lo*. Eis o que diz Weil: “A ligação entre os duas concepções do Shabbat, a intelectual e a observância,..., é a finalidade do Shabbat, a saber: sua ‘santificação’”.<sup>92</sup>

#### d) o sábado e a *havdalá*

Como no início do sábado, que se realiza por meio de alguns ritos, assim também é o seu fim. Ele é iniciado com a mãe de família, como visto acima, com o acender das duas velas, chamadas de: *zakhor* e *shamor*, as quais simbolizam a primeira e a segunda versões do Decálogo respectivamente, ou o memorial da Criação e o memorial da Libertação da terra do Egito. E no seu fim, acontece a cerimônia chamada de *havdalá*, que quer dizer: *separação/distinção*, porque marca a diferença entre o sábado, que está por terminar, e os dias comuns que vão se iniciar. Na celebração da *havdalá*, no fim do sábado, as duas velas, que foram acesas no início, são aproximadas e se entrelaçam, formando, assim, uma única chama. Formando assim, além da linha da memória e da prática, a linha da *distinção* e da *relação*<sup>93</sup>.

#### e) sábado: memória e liberdade

O Decálogo, em suas duas versões, faz memória, logo em seu início, daquilo que constitui o fundamento da vida de Israel e é proclamado pela Torá: a experiência do Êxodo, isto é: o mistério da libertação de Israel da terra do Egito (Ex 20,2; Dt 5,6). Terra esta cujo “novo rei não tinha memória de José” ( cf. Ex 1,8).

Na Torá, Deus não se dá a conhecer, em primeiro lugar, como Criador, pois não diz aos israelitas: “- Eu sou o Deus que te criou!”, mas Deus diz: *Eu sou YHWH, teu Deus, aquele que te fez sair da terra do Egito, da casa da escravidão* (cf. Dt 5,6; Ex 20,2).

Quando Israel expressa a sua fé em Deus, é a um fato histórico que ele se reporta. Foi somente, bem mais tarde, depois de muitos séculos, que os israelitas se colocaram a pergunta acerca da Criação.

<sup>92</sup> Cf. P. WEIL, *Le shabbat comme institution et experience*, p. 12.

<sup>93</sup> Cf. E. BIANCHI; P. DE BENEDETTI, *Il sabato nella tradizione hebraica*, p. 15.22.



O Decálogo, em suas duas versões, logo na sua introdução (cf. Ex 20,2; Dt 5,6), coloca o ouvinte-leitor diante do fato histórico, por excelência, para a vida e a fé de Israel: a libertação da terra do Egito pela ação de Deus. A ação de Deus é recordada como ação libertadora. Esse fato histórico, proclamado na liturgia como memória e assim atualizado, faz parte dos chamados credos históricos que são aqueles que se referem a um fato histórico na vida do povo, cujo ato redentor é iniciativa divina por fidelidade à aliança que é fonte da memória bíblica. A partir disso, podemos assim raciocinar: se a fé bíblica é histórica, logo a *memória* é um aspecto teológico de grande importância para Israel e, pela mediação de Israel: para a Igreja.

Invocando o fato histórico da libertação, que ocorreu no passado, na introdução ou motivação das duas versões e ainda uma segunda vez no mandamento do sábado de Dt 5,15, como uma espécie de superlativo, o Decálogo traz à memória a ação libertadora de YHWH para o hoje, o presente, o aqui e agora (*hic et nunc*), fazendo, por meio dessa ação rememorativa, uma atualização da ação divina, que por ser ação divina é fecunda, ou seja: abençoada e santa, porque separa um tempo em um determinado espaço. No efeito da atualização, dá-se uma nova qualidade ao tempo e ao espaço. E isso de modo muito particular no sétimo dia ou sábado, no qual o ser humano “mergulha”, colocando-se na presença de Deus.

Dessa maneira, a experiência da libertação foi uma experiência existencial, ou seja, aquilo que foi vivido, no concreto da vida, de modo real e não como algo conceitual ou abstrato. Não foi a experiência da Criação que os israelitas tiveram em primeiro lugar; eles, em primeiro lugar fizeram a experiência da libertação da qual se faz memória na Torá, na liturgia e no Talmud -Torá: no estudo. É lógico que na Torá, ou revelação, encontramos, em primeiro lugar, a dimensão da Criação, aqui já estamos na esfera do teológico. E, com isso, queremos dizer que a fé de Israel não se formou a partir de uma doutrina para que chegasse, posteriormente, à vida concreta; mas partiu da vida concreta para chegar a uma doutrina ou afirmação de fé. E o que se chama experiência inicial ou fundadora, repetimos: é a libertação da terra do Egito por iniciativa divina.

Destarte, é possível afirmar que - além de memória - a fé bíblica é também liberdade, ou abertura para o futuro e futuro esse que é abençoado e santo. E, a partir desse modo de pensar, é possível dizer que a fé bíblica move-se na dinâmica do processo dialético entre

*memória e liberdade*, vivido de modo intenso e fecundo no dia do sábado, que faz memória da Criação e da Libertação.

f. sábado: memória, liberdade e liturgia

A fé de Israel - que se move na dialética entre memória e liberdade - vai ser traduzida, ou expressada, ou ainda comunicada na atmosfera do tempo e do espaço da liturgia ou do culto.

A experiência da libertação -, que se concretizou na aliança do Sinai, por meio dos mandamentos, ou leis, ou palavras, ou ainda pronunciamentos; e, de modo particular, no mandamento do sábado, - vai ser um solo fecundo de onde brota viscejante a ação litúrgica ou celebração da fé e da vida do Povo de Israel em uma dinâmica de comunhão e participação, que deriva do dom libertação oferecido por Deus como consequência direta de sua fidelidade a sua aliança.

Israel não celebra para aplacar a ira de Deus, mas para agradecer a Deus pela libertação: dom da aliança, e para reconhecer novas intervenções de Deus em sua história. E isso é celebrado na liturgia. Como exemplo, desse fenômeno, vimos, no primeiro capítulo, como as noções de memória e Criação estão presentes em orações do dia do sábado onde “Deus é louvado pelo dom do *shabbat*, ponto culminante, lembrança e imagem do esplendor da criação.”<sup>94</sup> Esse mesmo fenômeno ocorre também, na liturgia, com relação às noções de *memória e libertação*. Isso tanto em orações e hinos do dia do sábado, como na poesia litúrgica, que é um canto místico : *lekha dodi*: “vem, meu amado”, feito por Shelomo ha-Levi Alkabetz, onde a esposa/sábado é símbolo de salvação e de redenção. Eis o que diz Di Sante:

Entre o primeiro convite dirigido ao esposo (“Vinde, vamos ao encontro do Sábado”) e o último, dirigido à esposa (“Vem, ó esposa, vem, ó esposa”) se desenvolve a parte central da poesia, na qual se fala da beleza da esposa, isto é, da riqueza do sábado (“fonte de bênçãos... fecho da obra da criação, mas no pensamento divino em primeiro lugar”) e da atitude que o esposo deve ter para com ela: “levanta... sacode a poeira... ressurgue... acorda... não te envergonhes”. Além de pedir uma atitude de abertura à esposa/*shabbat*, o poeta apresenta seus motivos: a

<sup>94</sup> Cf. C. DI SANTE, Liturgia judaica: fontes, estrutura, orações e festas, p. 199.

esposa/*shabbat*, imagem divina, é portadora da salvação (“Ele terá piedade de ti”), de redenção (“aproxima-se de mim a redenção”)...<sup>95</sup>

No ritual do Seder Pascal, lê-se: “Em toda geração, cada um deve considerar-se como se tivesse sido libertado da terra do Egito, como está escrito: “Naquele dia, assim falarás a teu filho: ‘Eis o que YHWH fez por mim quando saí da terra do Egito’” (cf. Ex 13,8).

#### 2.4.2 O sábado e a expressão: *YHWH, teu Deus*

A fé da Israel se fundamenta a partir das intervenções de Deus na história e a expressão ou fórmula: “*YHWH, teu Deus*” resume o artigo primeiro e fundamental da fé do povo de Israel<sup>96</sup>. Esse resumo central é o início de uma história da salvação, que à medida que ele vai sendo recordado ou atualizado, torna-se cada vez mais ampla.

Desde a Criação, nunca a Bíblia se refere a Deus em si mesmo, mas sempre coloca Deus em relação ao ser humano (cf. Hb 11,6). Deus é sempre pensado a partir de cada momento histórico e a partir de tudo aquilo que formou a consciência humana no dinamismo do processo histórico.

No Primeiro Testamento, a libertação é baseada na história e se identifica com a justiça de Deus, cuja finalidade é libertar o seu povo Israel que está oprimido. Ele nos mostra duas principais maneiras de apresentar ou pensar Deus. A primeira maneira se refere ao período dos patriarcas e se estende até Moisés. Nessa primeira fase, Deus é designado com o termo: *El*, com seu plural: *Elohim* e com adjetivos ligados a esse termo ou derivados dele; mas nas tradições patriarcais do livro do Gênesis, a forma mais comum para se referir a Deus e a designação que o relaciona com os patriarcas: *o Deus de Abraão*, *o Deus de Jacó* e *o Deus de Isaac*. A segunda maneira traz uma mudança onde o Deus, sem nome, se revela a Moisés como YHWH (cf. Ex 3,13-15), no monte Sinai, o mesmo no qual dará os Dez Mandamentos. O nome de uma realidade, no universo semita, é a própria

<sup>95</sup> Cf. C. DI SANTE, Liturgia judaica: fontes, estrutura, orações e festas, p. 197.

<sup>96</sup> Cf. F. G. LOPEZ, O deuterônomo: uma lei pregada, p. 67.

realidade, é o significado da presença e da ação de um ser. Saber o nome da divindade significa ter a possibilidade de manipular e de dominar, para vantagem própria, o poder da divindade, cujo nome foi descoberto. Não é isso o que acontece com relação a YHWH, pois não é o ser humano que toma a iniciativa para se apropriar do poder da divindade via nome descoberto, mas é o próprio YHWH, que toma a iniciativa e não em benefício próprio, mas em favor do povo.

Segundo a etimologia mais teológica do que filológica de Ex 3,14, YHWH não se desvela servindo-se de um substantivo, mas de um verbo, ou seja: em uma forma dinâmica e não estática e inerte de um ídolo. Lembremos que na Primeira Palavra, temos, de um lado, Deus que se auto-apresenta como redentor, e logo depois a negação de outros deuses, ou ídolos. Todavia YHWH não revela a sua essência, pois ela é incognoscível. O que podemos dizer é justamente que: YHWH é um termo abreviado que se refere ao grande encontro no Sinai-Horeb e ao início da libertação.

A tradição sacerdotal segue o mesmo caminho, fazendo uma tríplice auto-apresentação de YHWH em Ex 6,2-8. Aqui também faz menção do clã dos pais, chamado *Shaddai*, ou seja, “Deus do monte”, que a LXX traduziu como *Pantokrator*, verticalmente transcendente e distante da humanidade. Esse era um nome genérico que foi usado até mesmo pelo deus Enlil da mesopotâmia, que era invocado como *Shadu Rabu*: “a grande montanha”. Nesse trecho, em leitura sincrônica, e, portanto, antes das duas versões do Decálogo, surge novamente o nome específico de Deus como libertador: *Eu sou YHWH*, repetido três vezes, ou seja, no início (v. 2), no meio (v. 6) e no fim (v. 8) de Ex 6,2-8. Nesses versículos, destacam-se os verbos de libertação, que fazem parte do projeto do êxodo: “fazer sair” (duas vezes), “libertar” (duas vezes), “tomar como povo”, “fazer entrar”, “dar como possessão a terra”. Nesse contexto, YHWH é o Deus que liberta<sup>97</sup>. E esse nome pessoal de Deus aparece na Torá 6.823 vezes.

Mais do que um nome, temos a revelação de um Deus que é fiel à aliança; por isso, ele está ligado ao ato de libertação. Como libertador, Ele se aproxima do termo: *Go'el* (גֹּאֵל), que significa aquele que redimi, resgata, liberta e cumpre o seu papel de resgatador<sup>98</sup>. *Go'el* é termo técnico do direito israelita (cf. Nm 35, 19s)<sup>99</sup>. Nesse sentido, o mandamento

<sup>97</sup> Para saber sobre a origem e o significado de YHWH, ver: F. G. LOPEZ, *O Pentateuco*, p. 121-125.

<sup>98</sup> Cf. L. HARRIS, *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, p. 300.

<sup>99</sup> Ver nota da Bíblia de Jerusalém sobre Jo 19,25 e nota: h sobre Nm 35,19.

do sábado faz memória do ato redentor do Deus: YHWH, que é o *Go'el*: redentor. Eis o que diz Blank: “YHWH é um Deus atuante dentro da história. Ele conhece a situação real e concreta dos homens; Ele fica do lado dos oprimidos; Ele rejeita toda opressão de pessoas sobre outras pessoas; Ele incentiva para superar tal opressão. YHWH é ‘Go’el’, defensor daqueles que não têm defensor.”<sup>100</sup>

No Decálogo, a expressão: *YHWH, teu Deus* aparece 9 vezes, 4 delas só no mandamento do sábado. Cada vez que ela é citada, torna-se veículo da memória do Deus que se fez presença redentora e se colocou do lado dos oprimidos para libertá-los. Se o sábado é sinal e símbolo que proclama a liberdade de Israel, isso significa dizer que antes do dom da liberdade recebida, houve uma ação desencadeadora que propiciou esse efeito redentor. Assim, os autores bíblicos, muitas vezes, apresentam YHWH-*Elohim* como: *Go'el*, como visto acima: o justiceiro dos desamparados, escravizados, pai dos órfãos e paráclito das viúvas (cf. Sl 68,6-7), cuja ternura (YHWH), abraça toda criatura (cf. Sl 145,8-9) e isso é para se fazer memória (cf. Sl 145,7).

A expressão: *YHWH, teu Deus* aparece no mandamento do sábado nas duas versões do Decálogo. Vamos encontrar uma diferença entre as duas versões no que tange à motivação de cada um delas. Aqui, em Dt 5,15, a motivação do mandamento do sábado possui um aspecto mais nacionalista, pois acrescenta: *teu Deus*. Já a motivação de Ex 20,11 traz unicamente o tetragrama, fazendo ressaltar um aspecto mais universalista, pois faz referência à Criação que é um evento que diz respeito a toda a humanidade; enquanto que Dt 5,15, faz referência à saída da terra do Egito que, em um primeiro momento, é um evento que concerne Israel.

Na tradição rabínica, gostaríamos de assinalar que, para os sábios de Israel, os nomes *Elohim* e *YHWH* são os dois principais atributos de Deus, ou seja: Justiça: *Middat HaDin* e Misericórdia: *Middat HaRahamim*, respectivamente. Essa interpretação surge de Gn 2,4, onde pela primeira vez os dois termos: *YHWH* e *Elohim* aparecem juntos: eis o que diz o Midrash: “Assim disse o Santíssimo, bendito seja: Se eu criar o mundo com o atributo da misericórdia, haverá muitos pecadores, porém, se o criar com o atributo de justiça, como o

---

<sup>100</sup> Cf. R. BLANK, Deus na história: centros temáticos da Revelação, p. 50.

mundo poderá subsistir? Por isso, criarei o mundo com ambos e em conjunto, e tomara que ele perdure!”<sup>101</sup>

*Elohim* é o atributo de Deus como justiça, porque está ligado à noção de justiça e de rigor para que algo seja justificado, volte a um equilíbrio, que se liga à noção das leis fundamentais da natureza e *YHWH* é o atributo da misericórdia, por ser expressão da unidade e do amor que aparece no Credo de Israel, isto é: Dt 6,4-9. Para esse interpretação de YHWH, os sábios vão se servir do recurso estílico da guematria, que trabalha com o valor numérico das letras do alfabeto hebraico. Assim, temos: (  $\aleph\delta= 1+8+4 = 13$ : Um, unidade) e (  $\aleph\delta\aleph= 1+5+2+5 = 13$ : Amor):  $13 + 13 = 26 \Rightarrow \aleph\delta\aleph= 10+5+6+5 = 26$ : Misericórdia<sup>102</sup>. Por isso, os sábios de Israel dizem que Deus tem dois tronos: o da Justiça e o da Misericórdia.

Destarte, o mandamento do sábado, como centro do Decálogo, fazendo a ligação entre a verticalidade de Deus e a horizontalidade do ser humano, é também a manifestação dos dois principais atributos de Deus que são veiculados pela expressão: YHWH, *teu Elohim*, chamando o ser humano a ser justo e misericordioso. É a partir dessa interpretação que podemos entender que o sábado é mais que a manifestação dos dois atributos de Deus, mas ele é “um nome divino.”<sup>103</sup>

O Nome do Senhor é um elemento que ajuda a visualizar o Decálogo em três partes, como vimos acima. Na primeira parte<sup>104</sup> (cf. Dt 5,6-10), Deus fala na primeira pessoa e se auto-apresenta como libertador e cheio amor (cf. Dt 5.10; Ex 20,2.7), que é contra a idolatria, porque escraviza e que é fiel à aliança a qual é garantia da liberdade.

A expressão: YHWH, teu Deus, que aparece nos versículo 2 e 9, vai emoldurar as primeiras ordens. Temos, de um lado, Deus “que fez sair”, ou que deu a liberdade; e, de outro, temos um grupo de escravos, cuja dignidade humana lhes era negada, e, por isso, não eram possuidores de direitos; e que agora tornados livres são capazes de receber as leis divinas, uma legislação, cuja função pedagógica é ensinar a viver a liberdade recebida. Assim, o êxodo é para Israel “seu nascimento para a liberdade”<sup>105</sup>. Na segunda parte (cf. Dt

<sup>101</sup> Ver comentário da Bíblia: Torá - A Lei de Moisés sobre Gn 2,4.

<sup>102</sup> Cf. A. CHOURAQUI, No Princípio (Gênesis), p. 31.

<sup>103</sup> Cf. J. MOLTMANN, Dieu dans la création, p. 356.

<sup>104</sup> Vamos citar apenas a segunda versão do Decálogo, isto é: Dt 5,6-21.

<sup>105</sup> Cf. A. WÉNIN, O Homem Bíblico, p. 101.

5,11-16), a expressão: YHWH, teu Deus aparece cinco vezes, perpassando todo o texto, em uma espécie de costura, cuja linha forte e bela é a liberdade a qual encontra no mandamento do sábado o seu vértice. Só no mandamento do sábado, a expressão: YHWH, teu Deus se faz presente quatro vezes das nove que aparecem, três: nos dois primeiros mandamentos, mais “prólogo histórico”, quatro: no terceiro e duas: no quarto mandamento. Eis o que diz Wénin: “Se a liberdade é o fundamento das dez palavras como condição indispensável para a aliança e ao mesmo tempo convite a ingressar nela, ela é igualmente o coração. O preceito do sábado fala de fato de liberdade.”<sup>106</sup>

Na justificativa ou motivação de Dt 5,15, junto com o início do Decálogo no v. 6, encontramos a afirmação da liberdade duplicada e assim é possível ver no mandamento do sábado, uma lei que “torna-se o sinal da liberdade de Israel”<sup>107</sup>. E, nessa segunda parte, a lei do sábado está entre o mandamento que diz respeito ao Nome (cf. Dt 5,11) e aqui é retomado o motivo que enquadra a primeira parte na qual YHWH se apresenta com seu Nome, dizendo ser o Deus libertador que age na história e na vida do povo como consequência direta de sua fidelidade à aliança (cf. Dt 5,6.9-10). Esse segundo mandamento está em simetria com o mandamento dos pais, que está ligado, assim como a lei do sábado, a uma ordem de: YHWH, teu Deus (cf. Dt 5,7.12.16). Além do mandamento dos pais estar ligado à esfera divina, por serem os pais doadores de vida, que vem de Deus: a fonte da vida; pai e mãe são igualmente os primeiros a serem próximos de um ser humano e, dessa forma, o texto se movimenta, fazendo a passagem para a terceira parte (Dt 5,17-21), via expressão: YHWH, teu Deus a qual não está mais presente de modo explícito, mas que, na dinâmica do Decálogo, e, de modo particular, no mandamento do sábado, Deus: em sua justiça e misericórdia, em seu ato de criar e de libertar, deve transparecer no agir do ser humano com o qual ele fez aliança e o libertou para ser libertador também, por ser sua imagem e semelhança (cf. Gn 1,26). A esse respeito, assim se expressa Wénin: “O sábado torna-se, assim, esse dia simbólico em que o homem manifesta que é imagem de Deus, quando experimenta a felicidade da liberdade que procura a renúncia à onipotência abrindo para os outros um espaço para a liberdade deles.”<sup>108</sup>

<sup>106</sup> Cf. A. WÉNIN, O Homem Bíblico, p. 106.

<sup>107</sup> Cf. A. WÉNIN, O Homem Bíblico, p. 107.

<sup>108</sup> Cf. A. WÉNIN, O Homem Bíblico, p. 107.

A estrutura formal nos possibilita ver essa ligação na macro-estrutura do Decálogo, onde temos uma ligação entre a expressão: YHWH, teu Deus no início do texto dos dez mandamentos, a sua introdução (cf. Dt 5,6) e a menção do próximo no fim mesmo texto (cf. Dt 5,21). Esse mesma estrutura aparece também, não de modo idêntico, mas semelhante, na micro-estrutura do Decálogo, no seu coração, ou seja: no mandamento do sábado, onde a expressão: YHWH, teu Deus (cf. Dt 5,12) está em simetria com a expressão: “como tu” (cf. Dt 5,14) que está no centro do mandamento sabático, que é seguido imediatamente pela sua motivação ou justifica: o memorial da libertação.

Como pudemos ver, a expressão: YHWH, teu Deus faz com que o Decálogo se movimente e de modo mais intenso, mais pulsante no seu coração: a lei do sábado.

#### 2.4.3 O sábado e a expressão: *que te fez sair*

Para se referir ao evento da libertação da terra do Egito, a tradição bíblica se utiliza de um grande número de termos, entre eles dois verbos em especial: *subir* (הָלַךְ) e *sair* (יָצָא), utilizados no grau hifil e trazendo em suas raízes letras do tetragrama: *hei* (ה) e *yod* (י), respectivamente; e a primeira letra do alfabeto hebraico o: *alef* (א), no início do primeiro verbo e no fim do segundo. Esses elementos do alfabeto serão trabalhados pelos sábios de Israel, que se utilizam da *gematria*, a técnica que trabalha com o valor numérico das letras do alfabeto hebraico.

A forma mais antiga faz uso do verbo: *subir* em 1Rs 12,28, que a Bíblia de Jerusalém, assim traduz: ... *Israel, eis o teu Deus que te fez sair da terra do Egito*. O verbo que aparece é: *que te fez subir* (הֵלַךְ), apresentando o Senhor como o Deus que fez Israel *subir da terra do Egito* para lhe dar a terra prometida, o lugar de liberdade. Essa fórmula é uma “fórmula do dom da terra”<sup>109</sup>. Dessa forma, tanto o seu significado como o seu uso primitivo indicam que a meta da ação do Senhor engloba também a terra. A fórmula que se

---

<sup>109</sup> Cf. E. ZENGER, p. 241.



serve do verbo: *sair* no grau *hifil* é mais recente, no entanto, é a mais utilizada e, contudo, mais difícil de ser apreendida<sup>110</sup>. Eis o que diz Zenger:

Na teologia deuteronômica e deuteronomista, ela (a fórmula com o verbo: *sair*) designa a saída do Egito como um ato violento de libertação da escravidão. Ao mesmo tempo, uma porção de vezes, tem em vista o contexto global do evento, segundo o qual o libertador dos escravos se torna, por sua vez, o novo senhor dos servos. Esta lógica de mudança de soberania encontra seu resumo exemplar no começo do Decálogo: ‘Eu sou YHWH, teu Deus que te fez sair da terra do Egito, da casa da escravidão...’<sup>111</sup>

Vemos assim, que a introdução do Decálogo, nos fornece uma forma jurídica sobre a qual ele se apóia. Joosten se refere a ela como “o esquema de troca de mestre”<sup>112</sup>. Pois Deus oferece ao Povo de Israel um aliança entre livres e não escravos. E é por meio dessa aliança selada, entre duas instâncias de livres, que Deus fundamenta “uma comunidade e se associa a ela”<sup>113</sup>. Por essa fórmula ou esquema, o Decálogo define o serviço que Israel deve executar para o seu novo mestre. E é a partir desse esquema, que o texto se insere no contexto do livro do Êxodo. Por meio dela, o Decálogo, e, no seu centro, a lei do sábado mostram que existe uma diferença abissal entre servir YHWH e servir o Faraó. Sendo o mandamento do sábado, que tem suas raízes bem fincadas na experiência do êxodo, o modelo e a síntese desse relacionamento, “tornando-se o símbolo dos deveres para com YHWH, o Deus libertador (5,6.15) e para com o próximo libertado (5,14.21)”<sup>114</sup>. E a expressão: *fazer sair*, liga a lei do sábado, que está no centro (cf. Dt 5,15) ao início do Decálogo (cf. Dt 5,6) e ao seu fim (cf. Dt 5,21), pelo processo de articulação ou clipeamento<sup>115</sup> que se serve da palavra: escravo, da raiz verbal: *‘avad* (עָבַד). A estrutura abaixo mostra essa relação<sup>116</sup>:

A

v. 6 Eu sou YHWH, teu Deus que te fez sair da terra do Egito, de uma casa de **escravos**

<sup>110</sup> Cf. E. ZENGER, p. 242.

<sup>111</sup> Cf. E. ZENGER, p. 242.

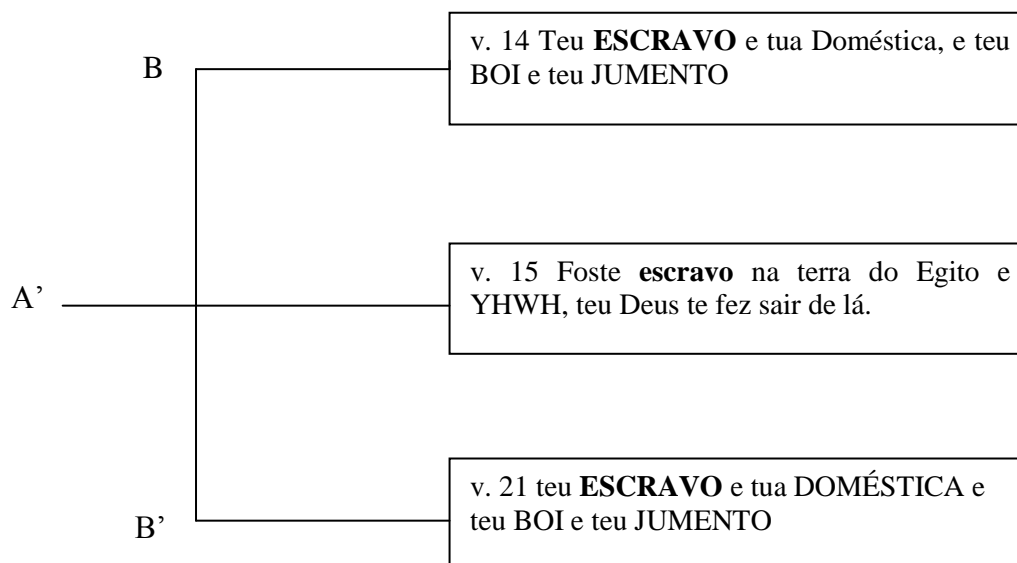
<sup>112</sup> Cf. J. JOOSTEN, Les dix Paroles dans la Torah, p. 8.

<sup>113</sup> Cf. J. JOOSTEN, Les dix Paroles dans la Torah, p. 8.

<sup>114</sup> Cf. J.L. SKA, p. 65.

<sup>115</sup> Cf. A. WÉNIN, O Homem Bíblico: Leituras do Primeiro Testamento, p. 98.

<sup>116</sup> Cf. A. WÉNIN, O Homem Bíblico: Leituras do Primeiro Testamento, p. 98.



A partir dessa estrutura, o Decálogo e o mandamento do sábado se ligam e se articulam, gerando interpretação, “em torno da ideia de escravidão e liberdade, o que é particularmente significativo no contexto do êxodo”<sup>117</sup>.

A saída da terra do Egito representa para Israel a libertação da servidão e da opressão, sendo, ao mesmo tempo, o símbolo de libertação de toda forma de escravidão e de opressão. Essa saída significa também o nascimento do povo, a passagem de morte para a vida. Sair da terra do Egito simboliza o recebimento da vida, da liberdade e da dignidade humana.

O verbo: *sair*, como vimos, que aparece no v. 15 do mandamento do sábado na versão de Dt 5, está no grau *hifil* o que resulta em: *fazer sair* e essa forma poder ter a conotação de “fazer nascer” como podemos ver em Gn 25,25-26 e Gn 46,26. O mandamento lembra que quando Israel era escravo e fadado à morte, Deus o libertou e deu a ele a vida *como mão forte e braço estendido*. Deus se apresenta, se interpretamos o verbo: “fazer sair” como “fazer nascer”, como uma parteira. Dt 5,15 vai nos apresentar dois modos de parto feito por Deus. No primeiro parto, Deus gera a libertação física. Isso é lembrado pela lei/pedagógica do sábado, quando faz memória da saída da terra do Egito; no segundo parto, Deus gera a libertação espiritual, isso é desvelado pela lei/ensinamento

<sup>117</sup> Cf. A. WÉNIN, O Homem Bíblico: Leituras do Primeiro Testamento, p. 98.

do sábado que foi dado com os outros nove no contexto do Sinai para que Israel, que fora fisicamente libertado, agora, pelas leis reveladas, seja conduzido pela vontade de Deus, manifestada em suas dez Palavras ou Mandamentos ou ainda Ensinaamentos. Com relação a esse segundo modo de nascimento, que se deu no monte Sinai, é interessante notar que, em hebraico, “montanha” se diz: *har* (הַר), cuja raiz é a mesma de: *harah* (הָרָה): “estar grávida”<sup>118</sup>. Basta olhar para uma mulher que está grávida e é possível ver uma espécie de pequena montanha que se forma no seu ventre de mãe: a fecundidade do ventre materno torna-se visível por meio da pequena montanha. Desse modo, o mandamento do sábado de Dt 5,12-15, é o memorial da libertação física da terra do Egito e, concomitantemente, é memorial da libertação espiritual recebida no Sinai.

É nesse contexto de libertação/nascimento, que se dá em etapas, é que nasce e se desenvolve o projeto do êxodo, que encontra nos mandamentos ferramentas para a realização desse projeto, do qual o mandamento do sábado é apresentado como central.

Todas as leis do Decálogo, e as que o seguem, podem ser lidas à luz da libertação da terra do Egito realizada pela ação libertadora de Deus. As duas versões do Decálogo têm como abertura a memória da saída da terra do Egito: *Eu sou o Senhor, teu Deus, que te fez sair da terra do Egito, da casa da escravidão* (cf. Ex 20,2; Dt 5,6).

Para se viver no processo de libertação, é necessário ser fiel à aliança e ser fiel à aliança é imprescindível guardar as leis. Dt 5,12 inicia o mandamento justamente com o verbo: *guardar*. Não se celebra o sábado, sem guardá-lo. Quando ele é guardado, celebrado isso significa entrar na dinâmica da salvação. O sábado é a interrupção do trabalho semanal. Ele coloca um limite na rotina do mesmo que escraviza pela agir continuado. Ao ser vivido, o sábado faz o fiel sair dessa escravidão e se manifesta como meio gerador de liberdade para todos, inclusive para a natureza: animais, terra. Fazer memória da saída da terra do Egito, via mandamento do sábado de Dt 5,12-15, é atualizar os dois momentos privilegiados de libertação: a) a libertação física da terra do Egito, que salva da dor do corpo e b) a libertação espiritual do Sinai, que salva da dor da alma.

Não guardar o sábado é como uma volta para a escravidão física e espiritual. A referência à saída da terra do Egito fundamenta a esperança no hoje, no aqui e agora e é fonte inspiradora e ponte para o futuro. Tal como a saída do Egito foi abertura ou primeiro

---

Cf. M-A OUAKNIN, *Les dix commandements*, p. 32.

passo para se chegar à Terra Prometida, o sábado guardado e lembrado é, sem dúvida, abertura e passo para o sétimo dia em plenitude que para nós cristãos já se iniciou com o terceiro dia da ressurreição de Jesus.

#### 2.4.4 O sábado e a expressão: *como tu*

A expressão sintética: *como tu* (כַּמְּטוּ), que aparece no final do v. 14g, traz o pronome pessoal da segunda pessoa do singular mencionado pela décima quarta vez. É interessante observar que esse número é o equivalente do nome do rei Davi em hebraico (דָּוִד)<sup>119</sup>. Ela está construída de modo sintético, ou seja, o advérbio de modo está ligado ao pronome sufixado da segunda pessoa masculina singular, que aparece no início da lista e no fim, formando uma espécie de inclusão: *tu* e *como tu*. Esse recurso estilístico sublinha que do repouso do dia do sábado deve participar não somente o dono da casa, o *tu*, com seus consangüíneos e conterrâneos, mas dele devem também participar aqueles que estão ao seu serviço. Aqui em Dt 5,12-15, o mandamento do sábado, via expressão: *como tu*, que não está presente em Ex 20,8-11, em sua relação com início do v. 14a, ou seja, essa espécie de inclusão, tem a função de reforçar a dimensão da liberdade que toca a todo ser humano e que o repouso também é direito dos animais e da terra. Desse modo, a liberdade é bem, é valor que se estende a toda a Criação. Além disso, o mandamento do sábado tem uma dupla função: a) ordenar ao israelita de cessar todo trabalho e b) ordenar ao israelita de agir, do mesmo modo, também com o servo, a doméstica e o estrangeiro, permitindo, assim, a eles de fazer como ele faz.

O mandamento do sábado em Dt 5, 12-15 apresenta a raiz do verbo: servir (שָׁבַע) seis vezes. E ele faz um paralelo entre a servidão do trabalho e aquela que ocorrera por ocasião da servidão na terra do Egito: *Tu servirás durante seis dias...* (v.13a); *Tu te lembrarás de que foste escravo na terra do Egito...* (v. 15a). Desse paralelo, emerge que o sábado como símbolo ou sinal do êxodo, da liberdade e da alteridade, que geram justiça e paz, boa e sadia convivência. Como diz Wénin: “(...) recordar a liberdade recebida é também deixar

<sup>119</sup> Cada letra hebraica tem um valor, assim: ד = 4 + ו = 6 + ד = 4 = 14.

lugar para a liberdade dos outros, renunciando a toda forma de dominação sobre ele, recusando transformar a casa em que mora em ‘casa de escravidão.’”<sup>120</sup>

A expressão: *como tu* é recordação-ensinamento de que o israelita livre hoje cumpre o mandamento do sábado, lembrando de que outrora fora escravo na terra do Egito e não deve imitar a ação opressora do Faraó e nem esquecer, como o Faraó, da ação libertadora de Deus. Assim, o sábado é sinal da liberdade de Israel e, ao mesmo tempo, é sinal de que tal liberdade deve ser colocada a serviço da liberdade dos outros. Essa compreensão decorre do próprio agir de Deus do qual o israelita deve ser imitador; pois o poder de Deus é serviço para a liberdade do povo oprimido. Enquanto em Ex 20,8-11, Deus coloca um limite em seu poder de criar; aqui Deus não coloca limites em seu poder de salvar, chamando o israelita a fazer o mesmo. Ao assumir o agir libertador de Deus, o israelita assegura um dia de liberdade para si, para o outro e para a natureza que contém a terra de onde ele e todos os seres humanos vieram. Desse modo, guardar, recordar e celebrar o sábado é criar laços de gratuidade na liberdade recebida e viver na comunhão, participação e partilha dessa liberdade com o próximo, que é o servo, a doméstica e o estrangeiro que são, no dia do sábado, *como tu*, isto é: homens e mulheres que comungam e partilham do mesmos direitos, pois são seres humanos, isto é: iguais.

#### 2.4.5 O sábado e a promessa da terra

A terra de Israel aparece na Bíblia com uma das categorias teológicas de Israel, pois é onde está o Templo, o palácio e é dela que o povo tira o seu sustento. Ela faz parte de um conjunto de temas que se inter-ligam: sábado, santidade, bênção, memória, eleição, libertação, Templo, rei, profeta, etc. Temas esses que estão ligados e dependem da fonte primária, dinamizadora e libertadora: YHWH. Como diz Garcia López:

Se YHWH fez Israel sair do Egito, foi para conduzi-lo a uma terra ampla e espaçosa, para uma terra na qual correm em abundância leite e mel. O dom da terra que tinha sido prometida aos pais, se transforma para Israel,

---

<sup>120</sup> Cf. A. WÉNIN, O Homem Bíblico, p. 107.

em dado momento de sua história, em ato salvífico tão importante como a saída da terra do Egito.<sup>121</sup>

A terra é o lugar no qual o ser humano vive e do qual depende para realizar a sua vocação humana. Por isso, é possível encontrar afirmações como estas de Brueggemann: “A fé de Israel é essencialmente uma viagem para dentro e para fora da terra, e a sua fé pode ser organizada em torno dessas focalizações. Terra é um tema central, se não o tema central da fé bíblia.”<sup>122</sup>

A terra é um dom; e o dom é o meio por que YHWH, que é o doador, vincula Israel a ele. Israel aceita o dom da terra não por relação de poder, mas porque confia na palavra do doador que age para manter sua palavra (cf. Js 21,45; 23,14) e nunca tira os seus olhos dela (cf. Dt 11,12).

A terra dada por Deus a Israel, no projeto do êxodo, é fruto da promessa central de Deus a seu povo desde os patriarcas. Habitando e cultivando a terra, o povo realiza seu anseio de entrar na história e criar identidade. Eis o que diz ainda Brueggemann: “A terra pela qual Israel anseia e que ele lembra, jamais é espaço não reivindicado, mas é sempre lugar com YHWH, um lugar bem repleto de lembranças de vida com ele e de promessa da parte dele e de votos para ele.”<sup>123</sup>

A terra não é apenas um objeto do qual se extrai tudo de modo desordenado. A terra, na Bíblia, é um dom de Deus e, portanto, a ele ela pertence, tanto assim que a Bíblia chama os israelitas de “estrangeiros e hóspedes” (cf. Lv 25,23). Ela é canal visível do qual YHWH, invisível se serve para comunicar vida ao seu povo, alimentando-o e abrigando-o (cf. Lv 26,5).

Na trama do Deuteronômio, há cinco pontos de importância decisiva: um Deus, um povo, uma terra, um santuário e uma lei. Essa trama mostra que existe entre o doador, o dom e o povo uma relação intrínseca na qual a relação entre Deus e Israel sempre se dá via terra e dessa relação emerge uma concepção diferente de terra. Pois ela não é unicamente fonte doadora de alimentos, mas é também útero de palavras históricas. Nesse sentido, a terra não é apenas um espaço do qual é extraído a alimentação, mas é também um *locus* de

<sup>121</sup> Cf. F. G. LOPEZ, O deuteronômio: uma lei pregada, p. 67-68.

<sup>122</sup> Cf. W. BRUEGGEMANN, A Terra na Bíblia: dom, promessa e desafio, p.14.

<sup>123</sup> Cf. W. BRUEGGEMANN, A Terra na Bíblia: dom, promessa e desafio, p. 14.

aliança. Enquanto dom de Deus, a terra é portadora de transcendência, mas como é para o ser humano é também imanência e, como tal, o ser humano pode a ela se apegar ciosamente, tornando-se, assim, infiel ao doador.

A terra é, portanto, um dos elementos fundamentais para que aconteça o cumprimento da lei a qual é apresentada como norma de vida, dentre de um projeto pedagógico divino: garantir a dignidade do ser humano nos seus direitos e deveres, onde a função da lei é salvaguardar a vida de todos na terra. Para isso, o Deuteronômio chama para o amor a Deus, como princípio da vida e garantidor da vida, porque libertou o povo da terra do Egito e chama ao respeito à dignidade do homem e da mulher, por isso, um atenção maior das leis com aqueles onde a dignidade está sendo violada: os pobres.

O mandamento do sábado, nas duas versões do Decálogo, está enquadrado entre as seções externas e o centro do texto, por duas palavras, cuja função é de fulcro. Elas não sugerem uma inclusão formal, mas a expressão: YHWH, teu Deus, que intervém no começo do versículo 11 e no fim do versículo 16, vem instaurar “uma relação discreta”<sup>124</sup> entre “o nome do YHWH, teu Deus, de um lado, e ‘a terra que o Senhor teu Deus te dá’”, do outro, ou seja: de uma lado, está o dom inicial do Nome: YHWH, dado a Moisés em Ex 3,13-25 e, de outro, o dom da terra que realiza a história da salvação com Josué. E no centro dessa “relação discreta” está também a descrição com relação à terra, da qual o descanso, no Decálogo, não é mencionado de modo direto, mas indireto. O que aparece, de modo explícito, em Levítico 25, onde o sábado torna-se ano sabático e a Lei da Santidade articula: sábado de Deus, sábado da terra e sábado do ser humano. A formulação de Lv 25,3-4 não deixa de recordar o sábado semanal (cf. Lv 23,3), onde encontramos a mesma estrutura de antagonismo entre os seis dias, que são dias de trabalho servil, e o sétimo dia, que é dia de descanso. A terra, assim como o ser humano, não é para ser instrumentalizado. Eis a pedagogia do sétimo dia e do sétimo ano. O Deuteronômio, com relação ao sétimo ano da terra, prevê uma leitura solene da Lei que lembra o dom da aliança e o engajamento do povo.

#### **2.4.6 O sábado: Criação e Libertação**

---

<sup>124</sup> Cf. A. WÉNIN, O Homem Bíblico, p. 105.

A localização do mandamento do sábado, no Decálogo de Dt 5,6-21 e no Decálogo de Ex 20,2-17, apresenta ao ouvinte-leitor uma lógica interna, que é fruto de uma evolução histórica, isto é, os teólogos redatores que vieram depois da experiência da libertação da terra do Egito vão colocar, antes da experiência da libertação, que é o elemento fundador e fundante do Povo de Israel: a Criação, como obra de Deus, que descansou no sétimo dia. A lógica é esta: se Deus libertou é porque ele é também o Criador, ou seja, o Deus que libertou é aquele que, antes de tudo, deu origem a tudo que existe, colocando um limite no seu poder de criar e, com isso, descansou. Por isso, o mandamento do sábado faz primeiro menção à Criação, aparecendo antes no livro do Exôdo e depois ele aparecerá ligado à libertação da terra do Egito no livro do Deuteronômio.

Esse modo de dispor o mandamento do sábado, nas duas versões, favoreceu e favorece a formulação de múltiplas interpretações, que são feitas dele e anuncia ao ouvinte-leitor que a Criação e a Libertação estão intimamente ligadas uma a outra e o que serve de ponte para essa afirmação é justamente o mandamento do sábado, cuja prática “esclarece a prática do domingo.”<sup>125</sup> Eis o que diz Rosenzweig: “O sábado é a festa da criação, mas de uma criação que tem lugar em vista da redenção; ele se encaminha, de modo manifesto, para o fim da criação e como o sentido da criação.”<sup>126</sup>

O agir libertador de Deus se desvela como o cumprimento de sua obra criadora. A Torá, via mandamento do sábado, sinaliza para a aproxima da Criação e da Libertação, ou seja, a Criação faz parte do projeto de salvação de Deus. Nas duas versões do Decálogo, o mandamento do sábado, em sua posição central, mostra a ligação existente entre o gesto criador de Deus (cf. Ex 20,11) e a história da libertação (cf. Dt 5,6.15; Ex 20,2). O sábado se apresenta assim como o veículo que literalmente coloca em valor essa ligação entre esses dois conceitos teológicos aos quais se ligam outros como: eleição, aliança, etc. Assim, as Dez Palavras ou Dez Mandamentos, que fundam e organizam o Povo de Israel, evocam as Dez Palavras que Deus pronunciou no início da Criação e que tiraram o mundo do caos primordial, dando a ele uma organização que chegou ao seu ápice no sétimo dia.

<sup>125</sup> Cf. P. LENHARDT, *À l'écoute de la tradition juive*, 515.

<sup>126</sup> Cf. F. ROSENZWEIG, *L'étoile de la Rédemption*, p. 372.



Ao mesmo tempo que o mandamento do sábado ensina o começo, ele também instrui para a dimensão do futuro; como diz Moltmann: “O sábado é, de certa maneira, a promessa de um futuro que está inscrito na criação em seu início e que faz esperar o seu fim.”<sup>127</sup>

O sábado ligado à Criação e à Libertação emerge como aquele que está no início de tudo e no fim de tudo também, pois ele é memorial da Criação e da Libertação, sendo - ao mesmo tempo – antecipação real do mundo futuro, o qual a Tradição Rabínica chama “o dia que será inteiramente sábado e descanso para a vida eterna.”<sup>128</sup>

Nesse sentido, o sábado se revela como anúncio do ato derradeiro da obra libertadora de Deus, ou seja: a ressurreição final, ou re-criação, por excelência. Onde Deus será tudo em todos e novamente o nada, agora representado pela morte, será chamado à existência (cf. Rm 4,17). Na carta aos Colossenses 2,16s, Paulo se refere ao sábado com um esboço do futuro e na carta aos Hebreus 4,10s como antecipação do descanso definitivo.

Dessa maneira, a protologia aparece em estreita relação de correspondência com a escatologia, ou seja, o Gênesis e o Apocalipse evocam a unidade do projeto de Deus, onde *criar e libertar* estão em uma única e mesma ação de Deus.

No Novo Testamento, a libertação é apresentada como sendo o cumprimento que se dá na pessoa de Jesus de Nazaré, o Messias; aquele que foi enviado pelo Pai para cumprir as promessas contidas desde o início da Criação e levá-las ao pleno cumprimento. E isso é demonstrado por Jesus em seus gestos, milagres e palavras, justamente, na sua ação em dia de sábado: o homem possesso (cf. Mc 1,21-28 e par.); a cura da febre da sogra de Pedro (cf. Mc 1,29-34 e par.); o homem da mão seca (cf. Mc 3,1-6 e par.); o paralítico de Betesda (cf. Jo 5,1-18); o cego de nascença (cf. Jo 9,1-41); a mulher encurvada (cf. Lc 13,10-17); o hidrópico (cf. Lc 14,1-6), o episódio das espigas (cf. Lc 6,1-5 e par); o ensinamento na sinagoga de Nazaré (cf. Lc 4,18-19). Por todas esses gestos, milagres e palavras, Jesus é, em matéria de sábado, “igual a Deus” (cf. Jo 5,18) e, portanto, ele é “senhor do sábado” (cf. Mt 12,8).

Destarte, o domingo<sup>129</sup>: dia do Senhor, o terceiro dia, primeiro da semana e oitavo dia que não se acrescenta aos sete outros dias, acolhe todos os significados do sábado

<sup>127</sup> Cf. J. MOLTSMANN, *La venu de Dieu*, p. 319.

<sup>128</sup> Cf. M. Tamid, VII, 4.

<sup>129</sup> No Pentateuco, o único dia da semana a receber um nome é o sábado. O mesmo acontecerá com o domingo, que recebe um nome sem anular nome do sábado.

judaico. Nesse modo de pensar, seria preciso ainda que a prática do domingo fosse, de modo consciente, referida ao sábado judaico: isso não significa dizer que se deva subtrair o sábado dos judeus e nem tampouco suprimi-lo da vida de ação e reflexão dos cristãos. As questões delicadas que emergem desse tema não devem impedir ou desmotivar as pesquisas em torno desse importante tema, mas, bem ao contrário, devem sim encorajá-las, pois trata-se de testemunhar ao mundo a realização de todas as coisas, que foi inaugurada pelo sábado judaico, fonte de inúmeras interpretações, e chegou ao seu cumprimento em Jesus Cristo. Eis como se expressa García López:

De memorial da criação (Ex 20,8-11) e da libertação da servidão no Egito (Dt 5,15), o sábado/domingo se transformou em memorial da nova criação, da libertação definitiva em Jesus Cristo. De memorial em honra de YHWH, ele se tornou memorial em honra do Senhor Jesus.<sup>130</sup>

## 2.5 Considerações finais

As duas versões nos colocaram diante de duas abordagens teológicas do mandamento do sábado: a sacerdotal e a deuteronomista. Ambas influenciaram a Tradição Rabínica e os demais teólogos que se colocaram à escuta e na leitura do mandamento do sábado segundo Ex 20,8-11 e Dt 5,12-15. Como vimos no primeiro capítulo, e retomamos aqui, para a tradição sacerdotal o mandamento do sábado chama o ouvinte-leitor para se lembrar do sábado que é um tempo colocado à parte para Deus, um tempo que faz parar para descansar, para refletir, para se entrar em comunhão, para se contar histórias e para se afastar de tudo que possa afastar o ser humano de seu Criador. Esse tempo, de qualidade ímpar é o santuário de Deus no qual o ser humano também entra. Deus habita o sábado como habitara o Templo. O sábado se revela um santuário inviolável, enquanto o Templo pode ser destruído e profanado. Ele é também um tempo onde o ser humano se recorda que é imagem de Deus e que, portador dessa imagem, ele é responsável pela Criação, como co-criador. A ligação com Gn 1,1-2,4a reenvia a uma Criação onde reina a doçura do poder de Deus que põe limite ao seu poder de criar e chama o ser humano a fazer o mesmo, no ato

---

<sup>130</sup> Cf. F. G. LOPEZ, *Le Décalogue*, p. 42.

de descansar que com o mandamento de Ex 20,8-11, torna-se lei para ser cumprida como ensinamento gerador de vida. A teologia sacerdotal transmite uma espécie de ética da responsabilidade onde a Criação é continuada pelo agir do ser humano quando este é fiel à imagem e semelhança de Deus da qual ele faz parte.

Aqui, neste segundo capítulo, que se debruçou sobre o mandamento do sábado segundo a versão de Dt 5,12-15, fomos colocados diante da teologia deuteronomista. Nela Israel se reconhece como um povo que foi tornado livre pela ação de Deus. O mandamento do sábado é assim o memorial da libertação. Esse memorial do evento fundante de Israel: a libertação da terra do Egito, por ser memória, possui uma ação que se atualiza e que garante não somente a liberdade individual, mas é chamamento a tornar o outro livre também e mesmo a natureza. O rito reenvia à história e a história motiva o rito.

Analisando o mandamento do sábado a partir dessas duas maneiras de apresentar a mesma e única revelação, mostramos, ao longo dos dois capítulos, que a mesma face do mandamento do sábado, em suas “duas maçãs”, deslinda ao ouvinte-leitor, que se torna escutador que medita, uma tríplice trilogia, isto é: a) sábado como memória da Criação, sábado como memória da Libertação e sábado como anúncio escatológico; b) sábado para um *tu* que é comunitário (Israel/Nações), sábado para Deus que é Adonai e Elohim: Misericórdia e Justiça: Senhor/Juiz da justiça e do direito e o sábado para a Terra/Natureza: criado livre da terra e livre morador da terra, seguidor das leis/ensinamentos que como o pão e a água alimentam e c) com o auxílio da Tradição Rabínica, sábado como *menukhá*: descanso, sábado como *shalom*: paz plena (*shabbat shalom*) e sábado com doçura e libertação do sofrimento: delícia/casamento/aliança/noivo-noiva (*oneg shabbat* cf. Is 58,13-14).

Terminamos dizendo que o domingo: dia do Senhor, o terceiro dia, primeiro da semana e oitavo dia que não se acrescenta aos sete outros dias, acolhe todos os significados do sábado judaico. Nesse modo de pensar, seria preciso ainda que a prática do domingo fosse, de modo consciente, referida ao sábado judaico: isso não significa dizer que se deva subtrair o sábado dos judeus e nem tampouco suprimi-lo da vida de ação e reflexão dos cristãos. As questões delicadas que emergem desse tema não devem impedir ou desmotivar as pesquisas em torno desse importante conteúdo teológico, mas, bem ao contrário, devem sim encorajá-las, pois trata-se de testemunhar ao mundo a realização de todas as coisas,

que foi inaugurada pelo sábado judaico, fonte de inúmeras interpretações, e chegou ao seu cumprimento em Jesus Cristo (cf. Mt 5,17; Hb 1,1-4).

Gostaríamos de dizer ainda mais três coisas, que, de certa forma, é um resumo de tudo o que já dissemos e que será dito por tantos outros pesquisadores sobre o tema do mandamento do sábado nas duas versões do Decálogo. Primeiro, e de modo mais extenso, analisando o mandamento do sábado a partir duas maneiras do Decálogo apresentar a mesma e única revelação, constatamos, ao longo dos dois capítulos, que a mesma face do mandamento do sábado, em suas “duas maçãs”, deslinda ao ouvinte-leitor, que se torna escutador que medita, uma tríplice trilogia, isto é: a) sábado como memória da Criação, sábado como memória da Libertação e sábado como anúncio escatológico; b) sábado para um *tu* que é comunitário (Israel/Nações), sábado para Deus que é Adonai e Elohim: Misericórdia e Justiça: Senhor/Juiz da justiça e do direito e o sábado para a Terra/Natureza: criado livre da terra e livre morador da terra, seguidor das leis/ensinamentos que como o pão e a água alimentam aqueles que deles fazem memória e os guardam, e de modo particular e central: a lei-mandamento-palavra sábado e c) com o auxílio da Tradição Rabínica, sábado como *menukhá*: descanso, sábado como *shalom*: paz plena (*shabbat shalom*) e sábado com doçura e libertação do sofrimento: delícia/casamento/aliança/noivo-noiva (*oneg shabbat* cf. Is 58,13-14). Segunda coisa é que o sábado é a mais elevada realidade teológica com fortes incidências históricas que o judaísmo possui<sup>131</sup> e que tal realidade para o judaísmo é uma “realidade infinita”<sup>132</sup>. E terceira coisa, tudo o que se diz e se dirá do sábado, para nós cristãos, numa teologia do cumprimento, em Jesus/Palavra/Bênção/o Santo (cf. Jo 1,1-2; Ef 1,3-4; Hb 5,5-6) por meio do qual tudo foi feito (cf. Jo 1,3) e cujo corpo/terra descansou (*menukhá*) e depois de três dias, consoante as Escritura, o corpo terra/sangue (cf. Jo 1,14; Gl 4,4) tornou-se corpo glorioso (cf. 1Cor 15,3-4.20-28.42-44).

<sup>131</sup> Cf. R. FONTANA, *Le shabbat des juifs: spécificité et universalité*, p. 517.

<sup>132</sup> Cf. R. FONTANA, *Le shabbat des juifs: spécificité et universalité*, p. 517.

## Bibliografia

### A) Textos bíblicos

**BÍBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA.** K. Elliger; W. Rudolph (ed.). Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, <sup>4</sup>1987.

**A BÍBLIA DE JERUSALÉM.** São Paulo: Paulus, 2000.

**TRADUÇÃO ECUMÊNICA DA BÍBLIA.** São Paulo: Loyola, 1994.

**BÍBLIA HEBRAICA.** Tradução: D. Gorodovits; J. Fridliln. São Paulo: Sêfer, 2007.

### B) Dicionários e Gramáticas

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

HÁRRIS, R. L.; ARCHER JÚNIOR, G. L.; WALTKE, B. K. **Dicionário de Teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1998.

MACKENZIE, J. L. **Dicionário Bíblico.** São Paulo: Paulus, 1983.

### C) Estudos exegéticos

ALANATI, L. **O Shabbat – Múltiplas interpretações de uma mesma revelação, Ribla,** Petrópolis, n. 40, 2001.

ARTUS, O. **Aproximación actual al Pentateuco.** (Coleção: Cuadernos bíblicos, 106). Estella (Navarra): Verbo Divino, 2003.

ARTUS, O. **Les lois du Pentateuque.** Paris: Cerf, 2005.

ARTUS, O.; DAMIEN, N.; NOEL, D. **Les Livres de la Loi.** Paris: Bayard/Centurion, 1998.

ASKENAZI, L. **Le Shabbat de Dieu**. In: HALPÉRIN, J.; LEVITTE, G. (org.). *Le Shabbat dans la conscience juive*. Paris: Presses Universitaires de France, 1975, p. 55-76.

AVRIL, A-C.; DE LA MAISONNEUVE, D. **Prières Juives**. (Coleção: Supplement au Cahier Evangile, 68). Paris: Cerf, 1989.

AVRIL, A-C. **La bénédiction d'Ephésiens 1,3-14**. In: Cahiers Ratisbonne. Jérusalem: CCEJ, 1997, p. 56-79.

BEAUCHAMP, P. **L'un et l'autre Testament**. Paris: Seuil, 1990.

BEERNAERT, M. **Coeur - langue - mains dans la Bible: un langage sur l'homme**. (Coleção: Cahiers Evangile, 46). Paris: Cerf, 1983.

BERNHEIM, G. **Un subtil equilibre entre droits et devoirs**. In: Sens. Les Dix Commandements et les Droits de l'homme. Paris: AJCF: Amitié Judéo-Chrétienne de France, 2012, p. 606-610.

BRIEND, J. **Uma leitura do Pentateuco**. (Coleção: Cadernos bíblicos, 3). São Paulo: Paulinas, 1980.

CANTALAMESSA, R. **O canto do Espírito**. Petrópolis: Loyola, 1998.

CHOURAQUI, A. **Nomes (Êxodo)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

CROISSANT, E. et al. **Les sens du Shabbat**. Nouan-Le-Fuzelier: Editions des Béatitudes, 2006.

CROSS, H. **Exegese teológica de Gn 1-3**. In: FEINER, J.; LOHRER, M. A história salvífica de Cristo (org). vol. II/2. Petrópolis: Vozes, 1972.

CRÜSEMANN, F. **A Torá**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CRÜSEMANN, F. **Preservação da Liberdade**. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

DATTLER, F. **Gênesis**. São Paulo: Paulinas, 1984.

DE LA MAISONNEUVE, D. **L'Hébreu Biblique par les textes: v. 2**. Paris: Desclée, 1991.

DI SANTE, C. **Liturgia judaica: fontes, estrutura, orações e festas**. São Paulo: Paulus, 2004.

GRENZER, M. **O Projeto do Êxodo**. São Paulo: Paulinas, 2007.

HESCHEL, A. J. **Dieu en quête de l'homme**. Paris: Seuil, 1988.

HESCHEL, A. J. **O Schabbat: seu significado para o homem moderno**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

JOOSTEN, J. **Les dix Paroles dans la Torah**. (Coleção: Cahiers Evangile, supplément, 144). Paris: Cerf, 2008.

KAPLAN, A. **Sabbath Day of Eternity**. New York: NCSY/UOJCA, 1974.

KERN, W. **A Criação como pressuposição da Aliança no Antigo Testamento**. In: FEINER, J.; LOEHRER, M. A história salvífica antes de Cristo. Petrópolis: Vozes, 1972, vol. II/2.

LOPEZ, F. G. **Le Décalogue**. (Coleção: Cahier Évangile, 81). Paris: Cerf, 1992.

LOPEZ, F. G. **O deuteronomio: uma lei pregada**. São Paulo: Paulinas, 1992.

LORETZ, O. **Criação e mito**. São Paulo: Paulinas, 1979.

MANNS, F. **La Prière d'Israel à l'heure de Jésus**. Jerusalem: Franciscan Printing Press, 1986.

MEYNET, R. **Une nouvelle introduction aux évangiles synoptiques**. Paris: Lethielleux, 2009.

MIHALOVICI, I. **Fiestas y prácticas judias en el Talmud y en la Tradición**. Barcelona: Riopiedras, 2000.

MIQUEL, P. **Les Mots-Clés de la Bible**. Paris: Beauchesne, 1996.

OTTO, E. **A Lei de Moisés**. (Coleção: Bíblica Loyola, 61). São Paulo: Loyola, 2011.

OUAKNIN, M-A. **Les Dix Commandements**. Paris: Seuil, 1999.

PELI, P. H. **The Jewish Sabbath: a Renewed Encounter**. New York: Schochen Books, 1991.

PELLETIER, A-M. **Lectures bibliques**. Paris: Cerf, 1998.

RAVASI, G. **Êxodo**. São Paulo: Paulinas, 1985.

ROSENZWEIG, F. **L'étoile de la Rédemption**. Paris: Seuil, 1982.

SCHWANTES, M. **Projetos de Esperança: meditações sobre Gênesis 1-11**. Petrópolis: Vozes, 1989.

THABUT, M-N. **L'intelligence des Écritures. Année C, tome 5: Temps privilégiés**. Magny les Hameaux: Soceval, 2004.

WEIL, P. **Le Shabbat comme Institution et comme experience**. In: HALPÉRIN, J.; LEVITTE, G. (org.). Le Shabbat dans la conscience juive. Paris: Presses Universitaires de France, 1975, p. 11-18.

WÉNIN, A. **O Homem Bíblico**. (Coleção: Bíblica Loyola, 49). São Paulo: Loyola, 2006.

WIÉNER, C. **Le Livre de l'Éxode**. (Coleção: Cahiers Evangile, 54). Paris: Cerf, 1985.

ZENGER, E. et alii. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2003.